



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM A CONJUNÇÃO *SE* NO
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA À LUZ DA GRAMÁTICA DE
CONSTRUÇÕES

Maria Carolina Coradini

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM A CONJUNÇÃO *SE* NO
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA À LUZ DA GRAMÁTICA DE
CONSTRUÇÕES

MARIA CAROLINA CORADINI

Bolsista Fapesp

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da Universidade
Federal de São Carlos para obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de
Menezes Hirata-Vale

São Carlos – São Paulo – Brasil

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Maria Carolina Coradini, realizada em 29/04/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira (UFMS)

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Coradini, Maria Carolina

Construções condicionais in subordinadas com a
conjunção se no português: uma análise diacrônica à luz
da Gramática de Construções / Maria Carolina Coradini -
- 2022.
174f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Banca Examinadora: Taísa Peres de Oliveira, Caroline
Carnielli Biazolli
Bibliografia

1. Sintaxe. 2. Insubordinação. 3. Diacronia. I. Coradini,
Maria Carolina. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

À Iracema (*in memoriam*), que me mostrou o caminho

À Rogéria e ao Carlos, que me fizeram acreditar

À Daniele, ao Matheus e à Júlia, por serem inspiração

Ao Eder, que ressignificou tudo

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, por toda atenção, dedicação e paciência nesses últimos anos. Sou grata pela confiança depositada em mim, que me possibilitou ir além do que eu mesma poderia imaginar.

À banca examinadora, Professora Doutora Taísa Peres de Oliveira e Professora Doutora Caroline Carnielli Biazolli, por dedicarem seu tempo a este trabalho, por todas as suas contribuições e pela gentileza de sempre.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Funcionalismo e Discurso e do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, em especial, à professora Taísa Peres de Oliveira, ao professor Sebastião Carlos Leite Gonçalves e à Maria Júlia Comarim, pelo acolhimento, pelas contribuições e por tudo que compartilhamos nesses últimos anos.

À professora Renata Enghels, da Universidade de Gante (Bélgica), por sua atenção, paciência e gentileza desde o nosso primeiro contato, ainda durante a iniciação científica. Sou grata por dedicar seu tempo aos meus *emails* cheios de dúvidas, com respostas esclarecedoras e contribuições tão valiosas. *Dank u wel!*

À coordenação, à secretaria e aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, pelo amparo excepcional durante todo o mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Processo nº 2020/02589-5) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Processo nº 8888.7485946/2020-00), pelas bolsas concedidas para a realização deste trabalho.

À minha família – Rogéria, Carlos, Daniele, Matheus, Júlia, Juan, José, Theo, Miguel, Janete e Eduardo – por ter acreditado em mim, nos meus sonhos, e ter me apoiado tanto nesses últimos anos, de tantas formas diferentes, me dando ânimo para continuar. Sou grata especialmente aos meus pais, por serem uma fonte inesgotável de afeto e proteção e por terem me dado condições de chegar até aqui, mesmo com tantas dificuldades e incertezas ao longo do caminho.

Às famílias Nunes e Coradini – tias/os, primas/os e, especialmente, à minha avó Ecira – por me acolherem de forma única, com tanto carinho, e transformarem tudo em festa (literalmente). Agradeço por terem me ensinado (e por sempre me lembrarem) que viver, por si só, já é um motivo para celebrar.

Aos meus queridos amigos Pedro Turci, Murilo Morais e Eric Paulucci, presentes que ganhei da vida em São Carlos. Sou grata por tudo o que compartilhamos em todos esses anos de amizade, cheios de dramas, risos, desabafos e tantas conversas existenciais que, certamente, me ajudaram a seguir em frente.

À minha querida amiga Milena Telles, pela amizade que temos construído ao longo dos anos, com conselhos tão valiosos, por ter introduzido o yoga em minha vida e ter me ensinado a enxergar a beleza do momento presente.

À minha melhor amiga Paloma Rafaelly, por ter permanecido ao meu lado, durante todos esses anos, sendo uma amiga exemplar. Sou grata por seu apoio incondicional, pela escuta atenta e por fazer questão de me lembrar do nosso “mantra” de adolescência – “cê é boa, cê é esperta, cê é importante” – quando as coisas não vão bem.

Às amigas de longa data Marli Alencar, Giovanna Rezende e Tatiane Milani, por continuarem acreditando em nossa amizade, apesar da distância e da ausência, e permanecerem comigo.

À família Cavalcanti Coimbra – Laurides, João (*in memoriam*) e Marcel – por ter me acolhido de forma tão carinhosa e ter se tornado um lar para mim. Por terem celebrado comigo cada conquista até aqui, pelo cuidado e pelo afeto de sempre.

Finalmente, ao Eder Cavalcanti Coimbra, que esteve ao meu lado em todos os momentos, desde o início da minha trajetória na Linguística, por tudo que temos compartilhado nos últimos anos – pessoal e profissionalmente. Por ter estado presente em tempos tão difíceis. Por ter acreditado em mim quando nem eu mesma acreditei. Por nossas conversas intermináveis sobre os nossos objetos de estudo, com inúmeros cafés ao longo do dia. Por ter me ajudado com a interpretação de um dado ou outro. Por ter me ensinado a criar gráficos no Excel e tantas outras coisas importantes da vida. Por todas as vezes que me ajudou a enxergar uma luz no fim do túnel. Só nós sabemos das dificuldades que enfrentamos durante o mestrado. Se não fosse pelo seu apoio, este trabalho levaria muito mais tempo para chegar até aqui.

RESUMO

Construções insubordinadas têm sido descritas como o uso independente e convencionalizado de orações formalmente subordinadas (EVANS, 2007). Trata-se de casos como “Se soubesse como me faz sofrer!” (Corpus do Português). Segundo Evans (2007), essas construções são resultado de um processo de reanálise de orações originalmente subordinadas como construções independentes, após sofrerem a elipse da oração principal. Neste trabalho, analisam-se as construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português, no recorte do século XV ao século XX, a fim de verificar i. quantos e quais são os tipos de construção condicional insubordinada; ii. quais são os processos que estão envolvidos em seu surgimento; iii. a produtividade dessas construções ao longo dos séculos. A análise que se apresenta é qualitativa e fundamentada nos pressupostos teóricos da Gramática de Construções. Nesse sentido, consideram-se aspectos formais e funcionais das construções e evocam-se conceitos como rede construcional, esquematicidade, composicionalidade e produtividade. A partir de uma ampla amostra de dados de língua escrita coletados dos *corpora* Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), chega-se a uma classificação funcional para este tipo de construção com as seguintes categorias: deôntica, avaliativa, argumentativa, assertiva, de raciocínio, pós-modificadora e metatextual. A análise quantitativa demonstra, a partir de 1.838 dados diacrônicos, distribuídos majoritariamente entre os séculos XIX e XX, que há no português uma tendência de que essas construções expressem a projeção de um cenário decorrente da realização de um estado de coisas potencial, por meio de construções deônticas de desejo e de construções de raciocínio, ou atuem na organização do discurso, por meio das construções metatextuais. As construções deônticas de desejo e as de raciocínio somam 45,7% dos casos encontrados no *corpus* para o período entre os séculos XV e XX. Já as construções metatextuais, somam 25,7%. Esses aparentam ser os mais produtivos dentre os tipos de condicional insubordinada, totalizando 71,4% da amostra de dados coletados. Os dados diacrônicos permitem observar que essas construções passam por uma trajetória de insubordinação, que aponta para a perda de condicionalidade. Conforme as construções condicionais insubordinadas avançam nessa trajetória, além de se tornarem mais independentes do ponto de vista sintático, passam a expressar significados metatextuais que se sobrepõem à condicionalidade original da construção, chegando a um estágio de não composicionalidade. A perda da condicionalidade reflete diretamente na organização das condicionais insubordinadas em estrutura de rede, já que impõe restrições quanto à generalização de um significado comum entre elas. Os dados sugerem também que as condicionais insubordinadas podem emergir tanto por meio da elipse de orações principais, corroborando a hipótese de Evans (2007), quanto por meio de processos como neoanálise e analogização, em casos de construções altamente convencionalizadas, que, no entanto, parecem não ter estágios menos avançados de especialização na diacronia.

Palavras-chave: Sintaxe; Insubordinação; Diacronia; Gramática de Construções.

ABSTRACT

Insubordinate constructions have been described as the independent and conventionalized use of formally subordinate clauses (EVANS, 2007). These are cases such as “Se soubesse como me faz sofrer!” (Corpus do Português). According to Evans (2007), these constructions are the result of originally subordinate clauses reanalyzed as independent constructions, after the ellipsis of the main clause. In this work, it is analyzed if-insubordinate conditional constructions in Portuguese, ranging from the 15th to the 20th century, in order to verify i. how many and what are the if-insubordinate construction types; ii. what are the processes involved in their emergence; iii. their productivity over the centuries. The presented analysis is quali-quantitative and based on the theoretical assumptions of Construction Grammar. In this sense, formal and functional aspects of the constructions are considered in the analysis and concepts such as constructional network, schematicity, compositionality and productivity are evoked. Based on a large sample of written language data collected from the corpora Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) and Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), it is proposed a functional classification for these constructions containing the following categories: deontic, evaluative, argumentative, assertive, reasoning, post-modifier and metatextual. The quantitative analysis reveals, from 1.838 diachronic instances, mostly distributed between the 19th and 20th centuries, that there is a tendency in Portuguese of these constructions projecting scenarios resulting from the realization of a potential State-of-Affairs, via deontic constructions of desire and constructions of reasoning, and acting upon discourse organization, via metatextual constructions. Deontic and reasoning constructions account for 45.7% of the cases found in the corpus ranging from the 15th to the 20th century, whereas metatextual constructions account for 25.7% of them. These three appear to be the most productive among the types of insubordinate conditional constructions, adding together 71.4% of the collected data sample. The diachronic data allow to observe that these constructions go through an insubordination path, which points to the loss of conditional meaning. As insubordinate conditional constructions advance along this path, becoming more syntactically independent, they come to express metatextual meanings that overlap the original conditionality of the construction, as they reach a stage of non-compositionality. The loss of conditionality directly reflects on the organization of insubordinate conditionals in a network structure, since it imposes restrictions on the generalization of a common meaning among them. Data also suggest that insubordinate conditionals can emerge both through the ellipsis of main clauses, corroborating the Evans’ (2007) hypothesis, and through processes such as neoanalysis and analogization, in cases of highly conventionalized constructions, that, however, seem not to have less advanced stages of specialization in diachrony.

Keywords: Syntax; Insubordination; Diachrony; Construction Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A arquitetura da Gramática do Discurso	21
Figura 2 - Representação esquemática dos quantificadores no inglês	60
Figura 3 - Resultado de busca no CdP	74
Figura 4 - Representação das CCIs em rede	146
Figura 5 - Rede construcional das construções condicionais subordinadas e insubordinadas	147
Figura 6 - Rede construcional das CCIs metatextuais	148

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências de CCIs encontradas no CdP por século	140
Gráfico 2 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no recorte do século XV ao século XVIII	141
Gráfico 3 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no século XIX	142
Gráfico 4 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no século XX	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trajetória de insubordinação	8
Quadro 2 - Etapas de mudança linguística nas abordagens construcionais	66
Quadro 3 - Trajetória de insubordinação em construções condicionais	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição do número de palavras do CdP por século	69
Tabela 2 - Expressões de busca sem especificações testadas no CdP	70
Tabela 3 - Expressões de busca com especificações de sinal de pontuação testadas no CdP	71
Tabela 4 - Expressões de busca com especificações de sinal de pontuação e elementos entre a conjunção e o verbo testadas no CdP	72
Tabela 5 - Expressões de busca testadas no CdP para captar padrões de condicionais insubordinadas metatextuais	73
Tabela 6 - Distribuição do número de palavras do CHPTB	75

LISTA DE SIGLAS

CCI para Construção Condicional Insubordinada

CdP para Corpus do Português

CHPTB para Corpus Histórico do Português Tycho Brahe

GLOSA

∅ = Morfema zero

1SG = Primeira pessoa do singular

2SG = Segunda pessoa do singular

2PL = Segunda pessoa do plural

ABL = Ablativo

COMP = Complementizador

CONJ = Conjunção

DEF = Definido

IMPFV = Imperfectivo

INDIC/ IND = Indicativo

INF = Infinitivo

INTERJ = interjeição

INTR = Intransitivo

NAME = Nome próprio

NEG = Partícula de negação

NOM = Nominativo

PART = Particípio

PPART = Particípio passado

PAST = Passado

PL = Plural

PRS = Presente

PRT = Pretérito

PST = Passado

PTCP = Particípio

REL = Relativo

SBJV = Subjuntivo

SG = Singular

SUBORD = Subordinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: UM BREVE HISTÓRICO DO FENÔMENO DA INSUBORDINAÇÃO	5
1.1 OS MECANISMOS RELACIONADOS AO SURGIMENTO DE CONSTRUÇÕES INSUBORDINADAS	7
1.2 O ESTATUTO GRAMATICAL DAS CONSTRUÇÕES INSUBORDINADAS E A REPRESENTAÇÃO DO FENÔMENO	25
CAPÍTULO II: CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS	29
2.1 CARACTERIZAÇÃO FORMAL E FUNCIONAL DAS CCIS NAS LÍNGUAS	30
2.2 ALGUMAS PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO	33
CAPÍTULO III: ABORDAGENS CONSTRUCIONAIS E O FENÔMENO DA INSUBORDINAÇÃO	55
3.1 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	56
3.1.1. As construções	57
3.1.1.1. A esquematicidade	58
3.1.1.2. A produtividade	61
3.1.1.3. A composicionalidade	62
3.1.2. A mudança nas abordagens construcionais	63
CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	67
4.1. COLETA DE DADOS EM <i>CORPUS</i>	68
4.1.1. Corpus do Português	68
4.1.2. Corpus Histórico do Português Tycho Brahe	75
4.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS DADOS	76
4.3. ANÁLISE QUALITATIVA	79
4.3.1. Critérios formais	80
4.3.2. Critérios funcionais	84
4.4. ANÁLISE QUANTITATIVA	87
4.5. ELABORAÇÃO DA REDE CONSTRUCIONAL	89
CAPÍTULO V: ANÁLISE DOS DADOS	90
5.1 CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	90
5.1.1. Deônticas	91

5.1.1.1. Desejos	91
5.1.1.2. Pedidos	93
5.1.1.3. Ameaças	95
5.1.1.4. Ofertas	97
5.1.1.5. Sugestões	99
5.1.2. Avaliativas	100
5.1.3. Argumentativas	101
5.1.4. Assertivas	103
5.1.5. Raciocínio	105
5.1.6. Pós-modificadoras	108
5.1.7. Metatextuais	110
5.1.7.1. CCIs metatextuais de polidez	112
5.1.7.2. CCIs metatextuais de ressalva	114
5.1.7.3. CCIs metatextuais de modalização epistêmica	117
5.2. TRAJETÓRIA DE INSUBORDINAÇÃO: EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS	122
5.2.1. A construção [se me DAR licença]	126
5.2.2. A construção [se (me) permite]	129
5.2.3. E quanto às outras construções metatextuais?	132
5.3 TENDÊNCIAS DE USO DAS CONDICIONAIS INSUBORDINADAS AO LONGO DO TEMPO	139
5.4. PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

Na tradição gramatical, o estatuto das orações é definido a partir do critério de independência sintático-semântica em relação às demais partes do enunciado, isto é, relações de subordinação (dependência) e de coordenação (independência). Esse critério, no entanto, não é suficiente para explicar casos em que uma oração apresenta marcas formais características da subordinação, como conjunções e complementizadores, mas ocorre desvinculada de uma oração principal, como ocorre em:

- 1) **Que a sua vida seja sua e não de um passado que magoou, de um presente que desespera ou de um futuro que amedronta.** (Corpus do Português)
- 2) Muita vez, quando o trabalho me tomava parte da noite, e eu, apesar de robusto, me sentia cansado, erguia-me, ia ao berço de Helena, contemplava-a um instante e parecia cobrar forças novas. **Se o próprio berço era obra de minhas mãos!** (Corpus do Português)

Usos como esses têm sido marginalizados na maioria dos manuais de gramática e em trabalhos descritivos de orientação formal. Por um certo período, eram descritos principalmente nas línguas germânicas como casos idiossincráticos de orações subordinadas suspensas ou elípticas. No entanto, o que se tem mostrado em trabalhos mais recentes, de abordagem funcionalista, é que se trata de um fenômeno regular e amplamente difundido nas línguas (EVANS, 2007; MITHUN, 2008; EVANS; WATANABE, 2016; BEIJERING, KALTENBÖCK; SANSIÑENA, 2019). Esse fenômeno tem sido chamado de *insubordinação*, definido como “uso convencionalizado como oração principal do que, à primeira vista, parecem ser orações formalmente subordinadas.”¹ (EVANS, 2007, p. 367, tradução nossa).

Desde a proposta de Evans (2007), a primeira a tratar dessas construções de forma sistemática entre línguas, diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos, tanto do ponto de vista tipológico (MITHUN, 2008; D'HERTEFELT, 2015) quanto sobre línguas particulares, como português (HIRATA-VALE, 1999, 2015, 2017, 2020; COIMBRA, 2019, 2022; CORADINI, 2019; ALVES; HIRATA-VALE, 2021; CORADINI; HIRATA-VALE, 2021), espanhol (SCHWENTER, 1999, 2016; GRAS, 2011, 2016; SANSIÑENA, 2015, 2019); francês (DEBAISIEUX; MARTIN; DEULOFEU, 2019), italiano (LOMBARDI VALLAURI, 2004,

¹ Do original, “[...] the conventionalized main clause use of what, on prima facie grounds, appear to be formally subordinate clauses.” (EVANS, 2007, p. 367).

2010, 2016), dentre muitas outras. O que todos esses trabalhos têm demonstrado é que, embora se trate de um fenômeno *a priori* sintático, a semântica e a pragmática têm um papel central no desenvolvimento dessas construções.

Grande parte dos casos de construção insubordinada atestados nas línguas ocorre, de fato, desvinculada de uma oração principal. Entretanto, em certos casos, nota-se que a construção independente sintaticamente estabelece uma relação de dependência semântico-pragmática com enunciados precedentes, sejam eles porções de discurso mais amplas e distantes ou turnos de fala imediatamente anteriores (MITHUN, 2008; GRAS, 2011; D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; SANSIÑENA, DE SMET, CORNILLIE, 2015).

Para Evans (2007), as construções insubordinadas são resultado de um processo pelo qual orações originalmente subordinadas sofrem a elipse da oração principal e são reanalisadas como estruturas principais, com forma e função independentes. Em virtude desses casos que revelam relações de dependência de natureza semântico-pragmática, trabalhos posteriores argumentam que nem todos os casos de insubordinação podem ser explicados por esse caminho, mas por processos de outra natureza, como a extensão ou a mudança da dependência funcional (MITHUN, 2008; D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; HIRATA-VALE, 2015), a hipoanálise (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014) e a cooptação do nível da sentença para o nível do discurso (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2016; KALTENBÖCK, 2016).

Diante deste cenário, o presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar qualitativamente construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português, no recorte diacrônico, como os seguintes casos:

- 3) [Thomé] - Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o país.
[Pantaleão]- **Ah! se isso é organizar o país!**
[Thomé] - Pois organizar o país o que é, pateta, senão repartir a gente por si e por os seus amigos...?? (Corpus Histórico do Português Tycho Brahe)
- 4) MONTEIRO - Mas é aqui que o senhor Frazão trata dos seus negócios.
DONA RITA - Ele não está?
MONTEIRO - Está, sim, senhora. Está ali fazendo os adiantamentos aos artistas da companhia que hoje segue para fora. **Se quiserem sentar-se e esperar um pouquinho?** (Corpus do Português)
- 5) De há alguns dias conhecíamos parte do romance - **se romance podemos chamar a uma história tristemente verdadeira** - de que é heroína, protagonista, vítima, e não sabemos que mais, aquela mulher que é hoje célebre por andar o seu nome por toda

esta população, repetido de boca em boca. (Corpus do Português)

A análise que se apresenta busca elucidar algumas das questões que vêm sendo discutidas na literatura, apresentadas anteriormente, a partir de uma perspectiva fundamentada na teoria da Gramática de Construções, desenvolvida por autores como Goldberg (1995, 2006), Barddal (2008), Traugott e Trousdale (2013), dentre outros. A Gramática de Construções apresenta-se como um modelo teórico-metodológico pertinente para o tratamento das construções insubordinadas, porque assume que a unidade mínima da gramática é a construção, um pareamento simbólico entre uma forma e um significado. Nessa concepção, as construções estão relacionadas de forma taxonômica em uma estrutura de rede, agrupadas por similaridades em forma e em função. Por não fazer uma distinção rígida entre léxico e gramática, a abordagem permite tratar construções com diferentes graus de complexidade de maneira uniforme. O estatuto gramatical das construções insubordinadas, que até hoje tem representado um desafio para as teorias descritivas, parece bem acomodado no modelo construcional.

Os dados utilizados neste trabalho foram coletados em dois *corpora* diacrônicos, a saber, Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), por meio de ferramentas e estratégias especializadas, descritas detalhadamente no capítulo IV, de procedimentos metodológicos.

Como se verá adiante, as construções condicionais insubordinadas com *se* desempenham uma gama de funções associadas à expressão de valores intersubjetivos e à organização do discurso. A partir das amostras obtidas nos *corpora*, que totalizam 2.017 instâncias desse tipo de construção, chega-se a uma proposta de classificação, baseada em aspectos formais e funcionais, que compreende as categorias deôntica, avaliativa, argumentativa, assertiva, de raciocínio, pós-modificação e metatextual. Os dados diacrônicos, que alcançam do século XV ao século XX, demonstram que muitos dos casos aqui descritos podem ser explicados a partir da hipótese de Evans (2007), de trajetória de insubordinação desencadeada após a elipse de uma oração principal à qual a construção condicional estaria anteriormente relacionada. Após passarem por diversos micropassos de mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), as construções condicionais passam a expressar significados cada vez mais especializados, até atingirem um estágio de não composicionalidade, como é o caso, particularmente, das construções metatextuais.

Com a análise quantitativa, conclui-se que essas construções são altamente produtivas no português, sendo atestadas em *corpus* desde o século XV com valores especializados que se

referem, principalmente, à expressão de projeções relacionadas à realização de um estado de coisas potencial e à organização do discurso. Como se verá adiante, a alta frequência de ocorrência dessas construções confirma o fato de que constituem um padrão regularizado na língua.

Esta dissertação é organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se um histórico dos estudos acerca do fenômeno da insubordinação e discutem-se as questões que vêm sendo abordadas na literatura. No segundo capítulo, apresenta-se um panorama geral das construções condicionais insubordinadas, com sua caracterização formal e funcional nas línguas e algumas propostas de classificação consideradas norteadoras para o presente trabalho. No terceiro capítulo, discutem-se os princípios básicos da abordagem da Gramática de Construções e sua aplicação para o fenômeno da insubordinação. No quarto capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos envolvidos na realização deste trabalho. São apresentados os *corpora* utilizados, as estratégias de busca por ocorrências e os critérios de seleção e de análise quali-quantitativa dos dados. O capítulo cinco, por fim, apresenta a análise dos resultados. Esse capítulo se subdivide em quatro partes. Na primeira parte, apresenta-se a proposta de classificação funcional para as condicionais insubordinadas no português. A segunda parte apresenta uma análise de casos diacrônicos que configuram uma trajetória de insubordinação. Na terceira parte, apresenta-se a análise quantitativa dos dados, discutindo, particularmente, a produtividade dessas construções ao longo do tempo, nos moldes da abordagem construcional. Na quarta parte, apresenta-se uma proposta de representação em estrutura de rede para todos os tipos de condicional insubordinada atestados no português. Por fim, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I: UM BREVE HISTÓRICO DO FENÔMENO DA INSUBORDINAÇÃO

Nos últimos anos, o fenômeno da insubordinação tem ganhado destaque nos trabalhos de cunho funcionalista, particularmente a partir do trabalho de Evans (2007), o primeiro a fornecer uma descrição sistemática das construções insubordinadas em diferentes línguas.

O crescente interesse sobre a insubordinação se deve ao fato de que são construções particulares que combinam a estrutura formal de uma oração subordinada à função de uma oração principal. Nesse sentido, representam certo desafio às teorias descritivas e aos modelos tradicionais de gramática, já que não podem ser analisadas com base nos mesmos processos de combinação de orações geralmente associados às construções complexas, de subordinação e de coordenação. Além disso, são construções bastante recorrentes, atestadas em um grande número de línguas (EVANS, 2007; MITHUN, 2008; EVANS; WATANABE, 2016; BEIJERING; KALTENBÖCK; SANSIÑENA, 2019) que, no entanto, seguem recebendo pouca atenção nesses modelos de gramática, sendo tratadas apenas como casos idiossincráticos e/ou exceções, na maioria das vezes.

Na tradição gramatical, os processos de articulação de orações são baseados nos critérios de independência sintática e semântica. Esses processos resumem-se à dicotomia *subordinação/coordenação*. A coordenação associa-se à independência sintática e semântica de uma oração. Já a subordinação, à dependência em ambos os níveis. As orações subordinadas se relacionam a uma oração principal e exercem nessa oração uma função sintática, como aponta Bechara (2009):

Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em *A noite chegou*, pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade; *O caçador percebeu que a noite chegou*. (BECHARA, 2009, p. 381, grifo nosso)

O que ocorre em construções como as insubordinadas é que, embora apresentem elementos formais característicos de orações subordinadas, como conjunções, complementizadores, verbos e ordem específica de constituintes em algumas línguas, assumem o comportamento de uma oração principal, isto é, ocorrem de forma independente do ponto de

vista sintático e desempenham funções discursivas especializadas, como mostram os seguintes casos:

- 6) Novo ano, vida nova. **Que se dane o resto.** Os anos findos.
(Corpus do Português/Web Dialetos)
- 7) “He’ll go with us to the hospital. Okay?” **As if I had a choice.**
(BRINTON, 2014, p. 99)
‘Ele vai conosco para o hospital. Tudo bem?’ **Como se eu tivesse escolha.**²

Usos como esses vêm sendo descritos já há algum tempo, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas e com uma terminologia bastante variada. Encontram-se menções de casos iguais ou essencialmente semelhantes a esses como orações suspensas (*suspended clauses*; OHORI, 1996), orações independentes (*independent clauses*; MONTOLÍO, 1999; SCHWENTER, 1999), orações subordinadas isoladas (*isolierte Nebensätze*; BUSCHA, 1976), orações subordinadas não encaixadas (*nicht-eingebettete Nebensätze*; WEUSTER, 1983), orações isoladas (STIRLING, 1999), orações sem núcleo realizado (HIRATA, 1999), orações desgarradas (DECAT, 2011), dentre outros.

A noção de insubordinação adotada na literatura mais recente, assim como no trabalho que ora se apresenta, é introduzida apenas a partir da proposta de Evans (2007), na qual sugere-se que essas construções são o resultado de um processo de reanálise de orações subordinadas como estruturas principais, o que justifica a própria escolha do termo ‘insubordinação’. A definição proposta pelo autor capta tanto o estado sincrônico das construções, isto é, enquanto construções independentes sintática e semanticamente, mas com formas similares a de construções subordinadas, quanto seu desenvolvimento diacrônico, embora este último tenha sido pouco abordado em trabalhos posteriores.

Tal noção foi posteriormente reavaliada em diversas outras propostas, especialmente no que diz respeito ao mecanismo desencadeador de usos insubordinados proposto por Evans (2007), a elipse. Trabalhos como os de Mithun (2008), Van Linden e Van de Velde (2014), D’Hertefelt e Verstraete (2014), Cristofaro (2016), dentre outros, sugerem que outros mecanismos levam ao aparecimento dessas construções, como a extensão da dependência funcional, a mudança de dependência, a hipoanálise, a desvinculação de orações e mesmo a combinação de mais de um mecanismo, como se verá adiante. E isso se deve ao fato de que

² Este e os demais exemplos retirados da literatura sobre insubordinação foram traduzidos de forma livre pela própria autora.

foram observados diferentes tipos de construção insubordinada que revelam outros tipos de relação e níveis de dependência com o contexto em que ocorrem, que não necessariamente se restringem ao nível da sentença como é o caso das construções originalmente analisadas por Evans (2007).

O trabalho de Evans (2007) como uma proposta pioneira e que mostrou que a insubordinação está longe de ser algo excepcional, suscitou uma série de questões que motivou outros inúmeros trabalhos. A própria delimitação do fenômeno tem sido uma questão central na literatura, em decorrência dos diferentes tipos de construção insubordinada que têm sido atestados nas línguas. Nesse sentido, este capítulo tem por objetivo apresentar alguns trabalhos centrais sobre o fenômeno da insubordinação que refletem o avanço das discussões neste campo de estudo ao longo da última década.

Na primeira parte do capítulo (subcapítulo 1.1), apresentam-se trabalhos que têm discutido particularmente os mecanismos que levam à insubordinação. Na sequência, discute-se o estatuto gramatical das construções insubordinadas e sua relação com a representação do fenômeno nas abordagens gramaticais.

1.1 Os mecanismos relacionados ao surgimento de construções insubordinadas

Como mencionado anteriormente, Evans (2007) introduziu uma noção bastante relevante sobre casos que até então pareciam ocorrer de forma idiossincrática nas línguas. Com seu trabalho tipológico, demonstrou que os usos independentes de construções formalmente subordinadas eram, na verdade, um fenômeno amplamente difundido, fato que tem se reiterado em trabalhos posteriores, que abrangem um número cada vez mais expressivo de línguas relacionadas e não relacionadas.

Na concepção de Evans (2007), do ponto de vista sincrônico, a insubordinação pode ser vista como um mecanismo discursivo, resultado da redistribuição das relações intra-clausais para o domínio do discurso. Já do ponto de vista diacrônico, como o resultado de um processo pelo qual orações originalmente subordinadas são reanalisadas como orações principais. Esse processo diacrônico, denominado trajetória de insubordinação, inicia-se a partir da subordinação prototípica (estágio 1), passando pela elipse da oração principal (estágio 2) e convencionalização da elipse (estágio 3), até chegar à reanálise da oração originalmente subordinada como estrutura principal (estágio 4), como ilustra o quadro:

Quadro 1 - Trajetória de insubordinação

Subordinação (1)	Elipse (2)	Convencionalização da elipse (3)	Reanálise da construção como estrutura principal (4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição da interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como oração principal de construção formalmente subordinada

Fonte: Adaptado de Evans (2007)

No primeiro estágio, de origem, observa-se o uso prototípico de orações subordinadas, relacionadas a uma oração principal formalmente realizada. No exemplo abaixo, do alemão, a conjunção *ob* (se) requer que sua oração tenha uma ordem específica de palavras, a ordem para orações subordinadas, com o verbo em posição final:

8) **Ich erinnere mich nicht, ob sie eine Karte gekauft hatte.**

‘I don’t remember whether she bought a ticket.’

(DURRELL, 1997 apud EVANS, 2007, p. 371)

‘**Eu não me lembro se ela comprou um ingresso.**’

Após a elipse da oração principal, “qualquer oração principal gramaticalmente compatível pode ser reconstruída”³ (EVANS, 2007, p. 370, tradução nossa), por meio de processos de inferência conversacional. Evans (2007) apresenta exemplos de construções independentes com *ob* no alemão que parecem permitir recuperar algumas possibilidades de orações principais, com variação nas funções sintáticas e no verbo da oração elíptica, e parecem não demandar quaisquer restrições semânticas sobre os elementos restaurados, a não ser as condições semânticas gerais do uso de *ob* presentes em orações subordinadas:

9) [Was meinst du dazu,] **ob ich mal wegen meiner Galle frage?**

‘[What would you think] **if I just ask about my gall bladder?**’

(BUSCHA, 1976 apud EVANS, 2007, p.372)

‘[O que você acharia] **se eu perguntar sobre minha vesícula biliar?**’

10) [Ich zweifle,] **Ob wir richtig sind?**

‘[I doubt] **whether we are right?**’

(BUSCHA, 1976 apud EVANS, 2007, p.372)

‘[Duvido] **se nós estamos certos?**’

³ “[...] any grammatically compatible main clause can be ‘reconstructed’.” (EVANS, 2007, p. 370).

- 11) a) **Ob diese Wortsellung zulässig ist?** [erscheint mir fraglich]
 ‘**Whether this word order is permissible**, [seems doubtful to me]’
 (WEUSTER, 1983 apud EVANS, 2007, p. 372)
 ‘**Se essa ordem de palavras é permitida**, [me parece duvidoso]’
- b) [Dieser Aufsatz macht deutlich,] **ob diese Wortsellung zulässig ist** [?]
 [‘This article makes it clear, as to] **whether this word order is acceptable**’
 (WEUSTER, 1983 apud EVANS, 2007, p.372)
 ‘[Este artigo deixa claro] **se esta ordem de palavras é aceitável**’

No terceiro estágio, as construções insubordinadas passam a apresentar um significado mais convencionalizado e orações principais (elididas) gramaticalmente compatíveis passam a ser excluídas por convenção. Este é o caso das condicionais com ‘se’ que expressam desejos, pedidos ou ofertas, que possibilitam apenas uma interpretação positiva como em:

- 12) **Wenn ich deine Statur hätte**
 ‘**If i had your build**’
- a) [Es wäre schön,]/
 [‘it would be lovely’]/
- b) [Ich wäre froh,] /
 [‘I would be glad’]/
- c) *[Es wäre schlimm,]/
 *['It would be bad']/ (EVANS, 2007, p. 373)
- ‘**Se eu tivesse seu corpo**’
- a) [‘seria adorável’]/
- b) [‘eu ficaria contente’]/
- c) *['seria ruim’]

- 13) **Wenn Sie sich vielleicht die Hände waschen möchten**
 ‘**If you’d like to wash your hands**’
- a) [können Sie das hier tun.]
 [‘you can do so here.’]
- b) # [können Sie das nicht tun.]
 # [‘you cannot do it.’] (EVANS, 2007, p. 373)
- ‘**Se você quiser lavar suas mãos**’
- a) [‘você pode fazer isso aqui.’]
- b) # [‘você não pode fazer isso.’]

Também é o caso das construções insubordinadas que são compatíveis com apenas uma possibilidade de oração principal, por exemplo as construções ‘*what-if*’ no inglês e no alemão, que parecem ser um estágio avançado de ‘*what happens if...*’:

14) **Und wenn ich nicht von ihr loskomme?**

‘**And if I don’t get away from her?**’

|< Was geschieht, wenn ich nicht von ihr loskomme?|

‘What happens if I don’t get away from her?’ (EVANS, 2007, p. 373)

‘**E se eu não ficar longe dela?**’

‘O que acontece se eu não ficar longe dela?’

No estágio seguinte, o último da trajetória, as construções insubordinadas são reanalisadas como estruturas principais, isto é, com forma e função independentes. O autor denomina tal estágio de construcionalização, no sentido de que as construções apresentam um novo significado próprio que independe de quaisquer outras possíveis orações principais que estejam implícitas. Sendo assim, é impossível recuperar qualquer material elíptico de uma forma que permita que todo o conteúdo presente na construção insubordinada seja preservado. Segundo Evans (2007):

O quarto estágio proposto zigzagueia entre uma abertura e um fechamento do papel da pragmática. Primeiramente, uma oração subordinada anteriormente sintatizada, tornada independente, torna-se disponível para interpretação pragmática; nesta fase, elementos gramaticais dão abertura à pragmática e se tornam menos gramaticais. Apenas na segunda fase ocorre a ‘depragmatização’, em que a nova oração independente adquire um significado mais específico.⁴ (EVANS, 2007, p. 375, tradução nossa)

São exemplos para esse estágio o uso concessivo do pronome interrogativo *wo* no alemão e construções marcadas pela conjunção condicional *si* em espanhol que codificam valor adversativo:

15) **Wo zehntausend verrecken müssen.**

‘Where tens of thousands must die.’ (BUSCHA, 1976 apud EVANS, 2007, p. 374)

‘**Onde dezenas de milhares devem morrer.**’

16) A: Vamos a comprar un coche nuevo.

B: **¡Si Juan te dice que no tenemos dinero!** (SCHWENTER, 2016, p. 9)

A: ‘Vamos comprar um carro novo.’

B: ‘**Se Juan te disse que não temos dinheiro!**’

⁴“The fourth stage pathway proposed above zigzags between an opening up, then a closing, of the role of pragmatics. First a previously syntacticized subordinate clause, made independent, becomes available for pragmatic interpretation; in this phase grammatical formatives get opened up to the pragmatics and become less grammatical. Only in the second phase does ‘depragmaticization’ occur, as the newly independent clause acquires a more specific meaning.” (EVANS, 2007, p. 375).

- 17) – ¿Por qué has abierto la ventana?
– **Pero si no he sido yo.** (MONTOLÍO, 1999, p. 53)
– ‘Por que abriu a janela?’
– ‘**Mas se não fui eu.**’

Na ocorrência (15), observa-se a ordenação característica de uma oração subordinada no alemão. Nesse caso, não é possível reconstruir uma oração principal à qual a construção insubordinada estaria relacionada, considerando o novo valor expresso pelo pronome interrogativo *wo*, o concessivo. A única expansão possível da construção insubordinada seria modificando o elemento inicial da sentença para uma conjunção verdadeiramente concessiva, como *obwohl*:

- 18) **Obwohl zehntausende verrecken müssen, machen sie sich keine Gedanken darüber.**
‘Even though tens of thousands must die, they don’t think twice about it.’
(BUSCHA, 1976, apud EVANS, 2007, p. 374)
‘**Mesmo que dezenas de milhares devam morrer, eles não pensam duas vezes sobre isso.**’

Já os casos (16) e (17), diferentemente de outras condicionais insubordinadas, não são utilizadas para expressar funções relacionadas a polidez ou mitigação em atos de fala não assertivos, mas objeções e refutações em atos ameaçadores da face. São construções utilizadas em contextos dialógicos e funcionam como uma resposta geralmente rude à proposição do turno de fala anterior. Parece haver um consenso na literatura de que o significado adversativo emerge dos usos insubordinados e trata-se de um caso de convencionalização, em que ocorre o apagamento da condicionalidade original da construção. O traço mais marcante que evidencia esse apagamento é o fato do verbo ocorrer apenas no modo indicativo e não mais no subjuntivo, denotando certeza, e não hipótese, por parte do falante. Essas e outras construções condicionais serão mais bem exploradas no próximo capítulo.

Todos esses casos apresentados demonstram diferentes graus de insubordinação, com mais ou menos restrições morfossintáticas e semânticas. A longo prazo, essas restrições podem resultar em uma construção com o estatuto de uma oração principal por completo. As características formais, com o tempo, passam a ser menos distintivas, como afirma Evans (2007):

Quanto mais uma construção insubordinada permite o uso independente, menos suas características formais podem ser tomadas unicamente como traços distintivos de orações subordinadas. Isso significa que os argumentos da forma ‘oração do tipo X é subordinada porque tem as características Y que são características de subordinadas’ serão circulares.⁵ (EVANS, 2007, p. 377, tradução nossa)

Ainda assim, as construções insubordinadas costumam apresentar ao menos uma marca formal normalmente associada à subordinação, como verbos finitos, conjunções subordinativas e complementizadores, pronomes logofóricos e reflexivos etc.

Evans (2007) observa que na maioria dos casos de insubordinação há a manifestação de controle interpessoal, de modo que as construções insubordinadas desempenham três funções básicas, a saber, i. a expressão de valores modais, ii. a negociação entre falante e ouvinte sobre a realização de ações específicas e iii. a organização do discurso. Mais precisamente, as insubordinadas podem expressar comandos, pedidos, permissões, avisos, ameaças, significados epistêmicos e evidenciais, sinalização de material pressuposto, por meio de marcadores de foco contrastivo, negação e referência cruzada.

Grande parte dessas características formais e funcionais descritas por Evans (2007) se confirmam em trabalhos desenvolvidos posteriormente, com poucas ressalvas que variam de acordo com os tipos de construções analisadas. A trajetória de insubordinação, por outro lado, tem sido fortemente questionada, em decorrência do mecanismo de elipse ser o desencadeador do processo. O que alguns autores têm apontado é que, em certos casos de insubordinação, revelam-se relações de dependência de natureza discursivo-pragmática, não apenas restritas ao nível da sentença. Sendo assim, apenas a supressão de uma oração principal não resultaria na total independência dessas construções.

Mithun (2008) demonstra que em algumas línguas, como navajo e yup’ik, os marcadores gramaticais de dependência operam também sobre os domínios discursivo e pragmático, fazendo com que as orações possam se relacionar não só no nível sentencial como também discursivamente, com porções de texto mais amplas e distantes. A partir desses casos, a autora discute se essas construções poderiam ser tratadas sob a mesma perspectiva de insubordinação proposta por Evans (2007).

Na língua navajo, uma língua atabasca falada no sudoeste americano, observa-se o desenvolvimento do clítico *-go* de marcador de dependência sintática e subordinação apenas

⁵ “The more an insubordinated clause allows independent use, the less its formal features can be taken as uniquely distinctive of subordinate clauses. This means that the arguments of the form ‘clause type X is subordinate because it has formal features Y which are characteristic of subordinate’ will be circular.” (EVANS, 2007, p. 377).

entre sentenças para marcador de dependência e subordinação entre sentenças independentes e contextos discursivos e pragmáticos mais amplos. Sentenças marcadas por esse clítico passam a fornecer um *background* ao interlocutor com informações incidentais, explicações e avaliações de caráter emocional.

As sentenças do exemplo abaixo foram traduzidas do inglês para o navajo por uma falante nativa. Trata-se de um relato sobre uma ocasião de sua infância, em que a falante, sem saber da presença de um convidado, fala de maneira inapropriada. Ela chama pelo nome do visitante, Hont'ah, uma palavra que também significa ‘canto’ (*corner*). No relato, observa-se o uso sistemático do clítico *-go* (e também sua variação erodida *-o*). Como se pode notar, as sentenças não marcadas por *-go/-o* avançam na narrativa, enquanto as marcadas pelo clítico dão algumas informações satélites que apenas situam o interlocutor em relação ao acontecimento:

- 19) Hádááléí'ya, hastiin léi'nihaaníyáo akwe'é 'One day a man came to visit us here.
 haashíí t'áao nhik' éígo He's our relative somehow.
 Éí nhaaníyáo nléí He came to our house,
 hoghaan góne' éi sidáo. he's sitting in the hogan.
 Éí shíí, hataal daats'í baana' aldeeho. Probably something to do with the
 preparation for the sing.
 Áko. Ha' at'íish éiya, 'Ndií' aah!' So. "Go and get" something or other,
 shi'doo'niido. I was told.
 Háadi lá si'á Where it was sitting
 shi'doo' niido. I was told.
 Akóne' yáh eeshwod ndéé. I ran off into the hogan.
 "Nléí hont' ahdi si' á" "It's sitting way back there in the
 corner"
 dishní ndéé'. I was saying.
 T'áh éi áádi sidá léi, Hont'ah was still sitting back there.
 t'óó baayániizíí' o. I got so embarrassed.
 Ch' ináá'nshwod. I ran back out.
 T'óó hááhgóóshíí a' nii' dlóóh. We two (my sister and I) just laughed
 and laughed.'

(MITHUN, 2008, p. 71-72)

‘Um dia, um homem veio nos visitar. Ele é um parente nosso. Ele veio até nossa casa, estava sentado no ‘hogan’. Provavelmente, tinha algo a ver com a preparação para o canto. “Vá e pegue uma coisa ou outra”, me disseram. “Onde estava sentado”, me disseram. Corri até o hogan. “Está sentado lá atrás, no canto”, eu disse. Hont'ah ainda estava sentado lá atrás. Eu fiquei muito envergonhada. Corri de volta. Nós duas, minha irmã e eu, apenas rimos e rimos.’

Como afirma a autora, a maioria das narrativas em navajo inicia-se por um conjunto de sentenças marcadas por *-go*, com a função de definição de cena. Não há uma oração principal específica à qual as construções marcadas possam estar subordinadas. No caso acima, por exemplo, não há possíveis orações principais antes ou depois das sentenças marcadas com o clítico. No entanto, essas construções poderiam ser consideradas dependentes no sentido de que a presença de *-go*, uma marca prototípica de dependência e subordinação, indica uma relação de dependência com o contexto mais amplo, para o qual a construção fornece informações externas à linha narrativa do evento principal.

Na língua yup'ik, uma língua da família esquimó-aleúte, todas as sentenças apresentam uma marca gramatical de dependência ou independência. No exemplo abaixo, a primeira oração '*Nunamnek watua avai ayallruunga*' ('*I just traveled from home*'/ 'Eu só viajei de casa') é marcada como independente pelo sufixo indicativo *-u-*, enquanto as duas orações seguintes '*maavirrlua, caliyarturlua-waa*' ('*to come here to work*'/ 'para vir aqui trabalhar') são marcadas como dependentes pelo sufixo subordinativo *-lu-*:

20) Nunamnek	watua	ava-i	ayallruunga,
nuna-mnek	watua	avai	ayag-llru- u -nga
land-ABL.1SG/SG	just.now	over.there	leave-PAST-INTR.INDIC-1SG
from my home	just now	over there	I left
'I just traveled from home			
maavirrlua,		caliyarturlua-waa.	
maa-vir- lu -nga		cali-yartur- lu -nga = wa	
here-go.to- SUBORD -1SG	work-go.to- SUBORD -1SG	= ANSWER	
I coming here	I going	to work	
to come here to work.'			
(MITHUN, 2008, p. 86)			
'Eu só viajei de casa para vir aqui trabalhar.'			

Nas línguas esquimó, em geral, os verbos terminam com um sufixo que combina duas marcas, uma de modo e uma pronominal, que identifica os argumentos núcleo da oração. Os modos podem ser classificados em independentes, sendo indicativo, interrogativo ou optativo, ou dependentes, sendo participativo ou subordinativo. Os dependentes correspondem aos marcadores de subordinação, geralmente conjunções, marcas de tempo, causalidade ou condicionalidade em outras línguas. Esses modos dependentes podem aparecer em construções que poderiam ser classificadas como independentes tanto do ponto de vista da prosódia como da semântica.

É comum que em algumas línguas construções de caráter interativo, como comandos entre falante e ouvinte, sejam realizadas com uma marca de modo optativo. Em yup'ik, ao contrário, essas construções são realizadas de maneira independente e com uma marca de modo subordinativo, como o seguinte exemplo:

- 21) Kiiki, cukangnaqluten ayagluten!
kiikii cuka-nge-narqe-lu-ten ayag-lu-ten
hurry be.fast-become-able-SUBORD-2SG go-SUBORD-2SG
'Hurry, go as fast as you can!' (MITHUN, 2008, p. 96)
'Depressa, vá o mais rápido que puder!'

Tanto em navajo quanto em yup'ik, essas construções podem ser consideradas insubordinadas por uma série de fatores, como o fato de que a correferência entre sentenças deixa de ser um 'requisito', não há uma única oração próxima no discurso que possa ser interpretada como uma oração principal, além da prosódia particular, que geralmente apresenta uma queda final completa no tom, seguida de uma nova construção com tom redefinido. Entretanto, é evidente que existe uma relação de dependência com o contexto que não poderia ser explicada apenas pelo apagamento de uma oração principal. Na língua navajo, por exemplo, dados diacrônicos demonstram que o uso discursivo do clítico -go é resultado de um aumento de escopo estrutural que ocorreu ao longo do tempo. Apenas algumas línguas da família atabasca apresentam esse uso específico, particularmente as que fazem parte do subgrupo das línguas apaches.

Nesse sentido, para Mithun (2008), é mais apropriado que a insubordinação, de modo geral, seja tratada como um processo de extensão funcional, por meio do qual os marcadores de dependência gramatical, que normalmente atuam sobre a sintaxe, passam a atuar também sobre os domínios do discurso e da pragmática, possibilitando que as construções sejam utilizadas desvinculadas de uma oração principal e passem a desempenhar funções relacionadas à organização do discurso.

Uma perspectiva bastante semelhante à de Mithun (2008) é a de D'Hertefelt e Verstraete (2014), que analisam construções completivas de dois tipos em sueco e em dinamarquês, as construções expressivas e as elaborativas, como os seguintes casos, respectivamente:

- 22) a. Sueco

Att du hann med tåget!
COMP you make.PST with train.DEF

‘[I’m surprised] **that** you caught the train!’
(DELSING, 2010, p. 17 apud D’HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014, p. 91)
‘[Estou surpreso] **que** você pegou o trem!’

b. Dinamarquês

Når der bliver bevilliget en masse penge i en god sags tjeneste, så må der jo være noget professionalisme omkring det

– **at** man ligesom har styr på sine ting
COMP one **PART** have.PRS control on one’s thing.PL

‘When a lot of money gets attributed to a so-called good cause, then there may be some professionalism around it – **that** one so to say has one’s things under control.’
(D’HERTEFELT e VERSTRAETE, 2014, p. 96)

‘Quando muito dinheiro é atribuído a uma chamada boa causa, pode haver algum profissionalismo em torno disso - **que**, por assim dizer, se tem as coisas sob controle.’

Os autores argumentam que nem todas as construções podem ser analisadas seguindo a proposta de Evans (2007), porque não apresentam todas as características do padrão de insubordinação descrito pelo autor. As construções expressivas, sim, apresentam alguma marca associada à subordinação e um significado convencionalizado independente. Já as construções elaborativas, indicam uma mudança de escopo no complementizador do nível proposicional, da sentença, para o nível pragmático, que faz com que essas construções estabeleçam uma relação de dependência pragmática com enunciados anteriores.

D’Hertefelt e Verstraete (2014) consideram que esses casos elaborativos ocorrem em virtude de um processo de mudança de dependência (*dependency shift*, nos termos dos autores), e que a independência pragmática deve ser um fator de análise central em estudos sobre a insubordinação, porque, assim como demonstra Mithun (2008),

[...] usos independentes de orações subordinadas não precisam se desenvolver por meio de um mecanismo de eclipse que rompe relações de dependência, mas podem ocorrer por meio de um mecanismo de extensão das relações de dependência para além da sentença.⁶ (D’HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014, p. 100, tradução nossa)

Outra explicação alternativa à hipótese elíptica é o processo de hipoanálise, definido por Croft (2001) como “uma reanálise de forma-função em que uma propriedade semântica/funcional é reinterpretada como uma propriedade inerente de uma unidade

⁶ “[...] independent uses of subordinate clauses need not develop via a mechanism of ellipsis that breaks up dependency relations, but can also be due to a mechanism of extension of dependency relations beyond the clause.” (D’HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014, p. 100).

sintática.”⁷ (CROFT, 2001, p. 126-130, tradução nossa). É o que argumentam Van Linden e Van de Velde (2014) ao analisarem dados diacrônicos de construções completivas autônomas e semiautônomas iniciadas pela conjunção *dat* no holandês. São exemplos os seguintes casos:

23) I. Autônomas (insubordinadas)

Dat hij dat nog mocht meemaken!
CONJ he that PRT could experience
‘[I never thought] he would live to experience this!’
(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p. 227)
‘[Eu nunca pensei] **que** ele viveria para experienciar isso!’

II. Semiautônomas (semi-insubordinadas)

Misschien/Goed **dat** Kris komt!
perhaps/good **CONJ** Kris comes
‘It is a good thing that/maybe Kris is coming!’
(AELBRECHT, 2006, p.1 apud VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p. 227)
‘É uma boa coisa **que**/talvez Kris esteja vindo!’

III. Clivadas

Vuil **dat** het er was!
dirty **CONJ** it there was
‘That place was terribly dirty!’
(HAESERYN et al., 1997, p. 1435 apud VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p. 227)
‘Aquele lugar estava terrivelmente sujo!’

IV. Construções com conjunção isolada

<Roland> Ja, Armand is gene gemakkelijke, zo’n slecht karakter.
<Armani> Oeh! **Dadde.**
INTERJ CONJ

R: ‘Yes, Armand is not an easy person, such a bad character.’
B: ‘Yes, you can say that again!’
(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p. 228)
R: ‘Sim, Armand não é uma pessoa fácil, tão mau caráter.’
B: ‘Sim, você pode dizer isso de novo!’

Os quatro tipos de construções expressam, segundo os autores, um significado interpessoal com força ilocucionária exclamativa. Os dados indicam que esse significado era

⁷“[...] a form-function reanalysis such that a contextual semantic/functional property is reinterpreted as an inherent property of a syntactic unit.” (CROFT, 2001, p. 126-130).

também expresso por orações subordinadas com *dat*, mas ocorriam de maneira esporádica. Conforme o significado interpessoal foi incorporado à forma das orações subordinadas, houve uma reanálise, que deu origem aos diferentes tipos de construção (semi)autônoma. O marcador de subordinação foi reinterpretado como parte da construção que expressa esse significado especializado, o que justifica o apagamento da oração principal.

Para Van Linden e Van de Velde (2014), a emergência de construções insubordinadas não se dá necessariamente via contextos de elipse, tal como propõe Evans (2007), e, tendo em vista o fato de que são construções utilizadas para desempenhar funções específicas no discurso, especialmente em contextos interacionais, o processo de desenvolvimento dessas construções parece se tratar de uma mudança de natureza semântico-pragmática e não sintática.

Cristofaro (2016), por sua vez, argumenta que a origem das construções insubordinadas não se restringe apenas a um mecanismo isolado, seja ele a elipse ou a extensão funcional, mas pode ser resultado de uma combinação de múltiplos mecanismos relacionados à combinação de orações de modo geral, não somente à subordinação em si. Frente aos diferentes tipos de construção insubordinada, assim como outras construções estruturalmente semelhantes, a autora propõe o mecanismo de desvinculação de orações (*clausal disengagement*, nos termos dela), no qual ocorre uma expansão nos contextos de uso de uma oração particular. Essa oração apresenta uma maior relevância no contexto quando comparada à outra oração que pode estar em relação de co-ocorrência. Sua conexão com essa segunda oração é enfraquecida e, assim, ela passa a ser utilizada isoladamente.

Como exemplo, a autora se utiliza de construções condicionais que ocorrem em contextos de pedidos, como o seguinte caso:

- 24) Prendo una piadina con mozzarella di bufala (-) **Se ce la fate a farmela**
I take a piadina with mozzarella of buffalo (-) If you can to make it for me
in cinque minuti
in five minutes
'I would like a piadina with buffalo mozzarella (-) **If you can make it for me in five minutes.**' [piadina is a type of Italian regional flatbread] (CRISTOFARO, 2016, p. 12)
'Eu gostaria de uma *piadina* com mozzarella de búfala, **se você puder fazer para mim em cinco minutos.**'

Nesse contexto, a oração condicional desempenha a função típica dessas construções, isto é, estabelece uma condição para a realização do estado de coisas descrito na oração principal. A realização da condição é desejável para o falante (comer uma *piadina*) e depende

de uma ação específica do ouvinte (fazê-la em cinco minutos). Segundo a autora, como a construção condicional foi realizada posteriormente, como um pensamento tardio, e posicionada separadamente da oração principal após uma pausa relativamente longa, essa construção poderia ter sido reinterpretada como independente. Esse uso ‘independente’ se estende para outras construções condicionais em contextos semelhantes, dando origem aos demais tipos de construções condicionais insubordinadas que expressam pedidos.

Outros tipos de construção que passaram por esse processo de desvinculação podem ser ilustrados com os seguintes casos:

25) **No, no perché poi questo workshop sembra interessante.**

no, no because then this workshop looks interesting

‘Besides, this workshop looks interesting.’

[Lit. ‘**No, because then this workshop looks interesting**’, uttered out of the blue in reference to a conversation held the night before about a workshop the speaker has decided to attend despite initial doubts] (CRISTOFARO, 2016, p. 6)

‘Além do mais, esta oficina parece interessante.’ [Lit. ‘**Não, porque essa oficina parece interessante.**’]

26) A: ‘Viv gave me fourteen hundred dollars.. and I went to the bank... and... the dollar was ... it was worth sixty-nine pence.

B: ‘**cos we didn’t need to change the money.**’

[A is telling his guests about going to the bank to change money that he got from a friend while on trip to Australia; his wife, B, uses the ‘because’ clause to add that she and her husband didn’t need to change their own money during the trip (because they got enough at the beginning of the trip, as she explains later).]

(COUPER-KUHLEN, 1996, p. 422 apud CRISTOFARO, 2016, p. 7)

A: ‘Viv me deu mil e quatrocentos dólares... e eu fui ao banco... e... o dólar estava... valendo sessenta e nove centavos.’

B: ‘**porque nós não precisávamos trocar o dinheiro.**’

Construções como essas, em particular, são utilizadas para elaborar algum trecho do discurso, como um tópico geral, e funcionam como asserções separadas, com entonação totalmente independente. De acordo com Cristofaro (2016), não se assemelham aos casos descritos por Mithun (2008), porque não apresentam nenhuma propriedade pragmática especial. Também não podem ser explicadas a partir da hipótese de eclipse, porque não se referem a qualquer estado de coisas que possa ser descrito por uma oração principal implícita, além do fato de não apresentarem uma relação direta ao significado de orações subordinadas estruturalmente semelhantes.

Outro exemplo semelhante às construções insubordinadas são as construções iniciadas pela conjunção coordenativa *e*, como em:

27) **E i tuoi hanno degli inviti per Natale?**

And the your parents have any invitations for Christmas?

‘[Lit. ‘And’] **do your parents have any invitations for Christmas?**’ [uttered out of the blue to start a new conversation] (CRISTOFARO, 2016, p. 20)

‘E seus pais têm algum convite para o Natal?’

Essas construções também ocorrem isoladamente e são utilizadas em situações conversacionais para desenvolverem um tópico previamente definido ou introduzirem um novo tópico, sem se referirem especificamente a uma oração anteriormente realizada. Para a autora, esses usos insubordinados e/ou semelhantes em essência indicam que

[...] os processos que dão origem à insubordinação não se restringem, de forma alguma, a sentenças complexas envolvendo orações subordinadas, mas também podem ocorrer em contextos envolvendo outros tipos de relações estruturais e conceituais entre orações. Assim, embora esses processos tenham sido investigados principalmente em relação às orações subordinadas, eles são mais bem abordados como instâncias específicas de um fenômeno mais amplo relacionado à combinação de orações em geral.⁸ (CRISTOFARO, 2016, p. 22, tradução nossa)

Heine, Kaltenböck e Kuteva (2016) propõem, ainda, um outro mecanismo responsável pelo surgimento das construções insubordinadas:

[...] uma operação em que um bloco da gramática da sentença, como uma oração, um sintagma, uma palavra ou qualquer outra unidade é recrutado para ser usado como um tético, sendo o resultado uma mudança no escopo semântico-pragmático da sintaxe para a situação do discurso.⁹ (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2016, p. 42, tradução nossa)

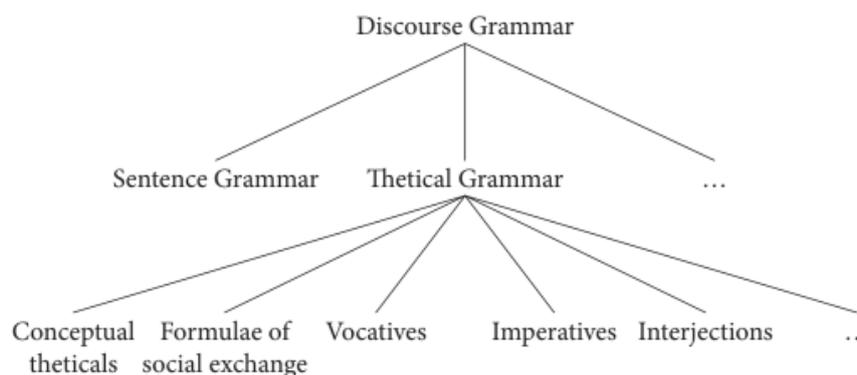
O conceito dessa operação, denominada *cooptação*, se desenvolve dentro do quadro teórico da Gramática do Discurso (KALTENBÖCK; HEINE; KUTEVA, 2011; HEINE, KALTENBÖCK; KUTEVA, 2013), uma abordagem baseada no pressuposto de que a organização do discurso se dá por meio de dois domínios específicos, o da gramática da

⁸ “[...] the processes that give rise to insubordination are by no means restricted to complex sentences involving subordinate clauses, but can also take place in contexts involving other types of structural and conceptual relationships between clauses. Thus, while these processes have mainly been investigated in relation to subordinate clauses, they are best regarded as specific instances of a broader phenomenon pertaining to clause combining in general.” (CRISTOFARO, 2016, p. 22).

⁹ “[...] an operation whereby a chunk of SG [sentence grammar], such as a clause, a phrase, a word, or any other unit is deployed for use as a thetical, the result being a shift in semantic-pragmatic scope from syntax to the situation of discourse.” (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2016, p. 42).

sentença e o da gramática dos ‘téticos’. Essa organização pode ser representada da seguinte forma:

Figura 1 - A arquitetura da Gramática do Discurso



Fonte: Heine, Kaltenböck e Kuteva (2016)

A gramática da sentença é aquela organizada em torno dos morfemas, das classes gramaticais e dos constituintes, também dos mecanismos que relacionam essas unidades. Já a gramática dos téticos, à qual as construções insubordinadas pertencem, inclui todos os elementos responsáveis pela estruturação do discurso, como vocativos, fórmulas, interjeições etc.

Os téticos são definidos como unidades de informação independentes prosódica, sintática e semanticamente, com um escopo semântico-pragmático que não se restringe à frase ou a algum constituinte dela, mas que se relaciona com a situação do discurso (HEINE, KALTENBÖCK; KUTEVA, 2013). Apesar de seguirem os princípios de estruturação da gramática sentencial, eles podem também ser elípticos.

Os autores propõem que as construções insubordinadas são como as demais construções téticas. Como são construções que passam a se relacionar com a situação discursiva, passam a desempenhar funções específicas que envolvem o que os autores chamam de ‘componentes da situação do discurso’. Esses componentes são responsáveis pela organização textual, fonte da informação, atitude do falante, interação falante-ouvinte, estabelecimento do discurso e do conhecimento de mundo. Nesse sentido, as construções insubordinadas poderiam ser explicadas a partir da operação de cooptação, porque, como afirmam os autores:

Não vemos nenhum grande obstáculo para interpretar tanto a redistribuição (EVANS, 2007) quanto a extensão (MITHUN, 2008) como manifestações de cooptação, uma operação pela qual partes da Gramática da Sentença, neste caso orações dependentes ou subordinadas, são redefinidas para serem utilizadas como téticos. O resultado é que esses ‘blocos’ perdem suas funções como partes da sintaxe da sentença em favor de funções que são baseadas na situação do discurso, ou, como Mithun (2008) prefere dizer, em contextos (do discurso) maiores e domínios pragmáticos. Esses blocos estão então disponíveis para o que pode ser chamado de modo tridimensional de planejamento de texto (ESPINAL, 1991), fornecendo “links de discurso geral” (EVANS, 2007, p. 370), ou “um nível mais alto de fragmentação da experiência em eventos” (MITHUN, 2008, p. 100)¹⁰. (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p. 49, tradução nossa)

Partindo de tais premissas, os autores propõem uma classificação para as construções insubordinadas que pode ser entendida como suplementar à proposta de Evans (2007), porque também é baseada nos diferentes graus de convencionalização das construções. Nessa proposta, as construções insubordinadas são classificadas em *espontâneas*, *construcionais* e *formulaicas*.

As construções espontâneas são totalmente composicionais e podem ser cooptadas de sentenças completas a qualquer momento. São consideradas elípticas, porque são relacionadas com o contexto e cotexto, de modo que seu significado só pode ser interpretado por meio da relação a esses níveis, como em:

- 28) A: Oh God Well it's the National Curriculum the language element <,> uhm You see you've got you've got various you've got various <,>
 D: Shall I move these away
 B: <unclear-words>
 D: Just uhm
 A: I mean
 D: **Unless you sit somewhere else**
 B: Uhm
 (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p. 53)

A: ‘Oh, Deus. Bem, é o currículo nacional o elemento linguístico <,> você vê, você tem vários, você tem varios’
 D: ‘Devo afastá-los?’
 B: ‘<palavras pouco claras>’
 D: ‘só uhm’

¹⁰“We see no major obstacle to interpreting both redeployment (Evans 2007) and extension (Mithun 2008) as manifestations of cooptation, an operation whereby chunks of Sentence Grammar, in this case dependent or subordinate clauses, are redefined for use as theticals. The result is that these chunks lose their function as parts of sentence syntax in favor of functions that are grounded in the situation of discourse or, as Mithun (2008) prefers to say, in larger (discourse) contexts and pragmatic domains. These chunks are then available for what may be called a three-dimensional mode of text planning (cf. Espinal 1991), providing “general discourse links” (Evans 2007: 370), or “a higher-level chunking of experience into events (Mithun 2008:100).” (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2016, p. 49).

A: 'Quero dizer'
D: '**A menos que você se sente em outro lugar**'
B: 'Uhm'

As insubordinadas construcionais apresentam alguns padrões mais recorrentes, mas ainda são composicionais. Segundo os autores, elas têm uma estrutura esquemática e função próprias. Em comparação às espontâneas, as construcionais são mais independentes e convencionalizadas, como mostram os seguintes casos:

- 29) **That I should live to see such ingratitude!**
(QUIRK et al., 1985, p. 841; EVANS, 2007, p. 403 apud HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p 55)
'Que eu viveria para ver tamanha ingratidão!'
- 30) **To think that he was once the most powerful man in the land!**
(HUDDLESTON, PULLUM, 2002, p. 944; EVANS, 2007, p. 404 apud HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p. 55)
'Pensar que ele foi o homem mais poderoso da terra!'
- 31) **If only I'd listened to my parents!**
(QUIRK et al., 1985, p. 842; HUDDLESTON, PULLUM, 2002, p. 945 apud HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p.55)
'Se ao menos eu tivesse escutado meus pais!'

As construções *formulaicas*, por fim, constituem unidades informacionais não composicionais, com forma e função invariáveis. A hipótese é a de que esse tipo de construção seja um estado mais construcionalizado das construções espontâneas e construcionais. Os seguintes casos podem ilustrar:

- 32) A: There was two dolls, a boy and a girl doll and the boy was actually (pause) like a boy.
B: Yeah?
A: **If you know what I mean.**
C: You don't very often see that do you?
(HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p. 56)
A: 'Havia dois bonecos, um menino e uma menina e o menino era na verdade (pausa) como um menino.'
B: 'Sim?'
A: '**Se você entende o que quero dizer.**'
C: 'Você não vê isso com muita frequência, não é?'

- 33) A: Well, to put it very crudely, in the current unitary authority debate they don't forget that we have helped. Sometimes the districts occasionally, but not always do.
B: **If I may**, Chair, sorry, erm, if it proves necessary that twe — less than twenty thousand pounds is, is requested...
(HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA., 2016, p. 56)¹¹
A: 'Bem, para colocar isso grosseiramente, no atual debate sobre autoridade unitária, eles não esquecem que nós ajudamos. Às vezes, os distritos ocasionalmente, mas nem sempre o fazem.'
B: '**Se me permite**, presidente, desculpe, erm, se for necessário que vin... menos de vinte mil libras sejam solicitadas...'

A partir deste cenário, desenvolvem-se os trabalhos mais atuais a respeito do fenômeno da insubordinação. Grande parte dos trabalhos tem se ancorado nessas propostas, sobretudo a de Evans (2007) e a de Mithun (2008). O que todos eles têm em comum é que avançam no conhecimento sobre o fenômeno da insubordinação à medida que demonstram como demais fatores além da sintaxe em si podem contribuir na delimitação do fenômeno.

As propostas parecem caminhar em uma mesma direção ao proporem análises que integram a sintaxe, a semântica, o discurso, a pragmática e também a prosódia. Sendo assim, não podem ser consideradas excludentes, mas, sim, complementares. O objetivo deste subcapítulo foi expor, particularmente, a discussão a respeito sobre os mecanismos envolvidos na emergência das construções insubordinadas.

Existem ainda outras questões em aberto sobre a insubordinação, às quais os trabalhos mais recentes têm buscado responder. O tratamento do fenômeno pode ser desafiador no que concerne à elaboração de tipologias, modelos de representação, análises diacrônicas e outras abordagens que deem conta dos aspectos diádicos e dinâmicos do desenvolvimento dessas construções. Este último ponto, em particular, tem sido abordado em trabalhos como os de Sansiñena, De Smet e Cornillie (2015) e Gras (2011), que demonstram também a natureza dialógica e colaborativa das construções insubordinadas.

Evans e Watanabe (2016) afirmam que:

Os produtos da insubordinação pertencem à classe interessante de estruturas confusas que se encontram no limiar do processo e do produto, da *energeia* e do *ergon*, da *parole* e da *langue*, tornando-os um objeto de investigação particularmente adequado para abordagens evolutivas e dinâmicas da

¹¹ Casos como esse são um pouco diferentes quando comparados aos tipos espontâneo e construcionais, porque não têm o estatuto de uma oração principal por completo, como ocorre com os outros casos. Essas construções não costumam ser utilizadas isoladamente, mas inseridas em um 'enunciado hospedeiro', como os autores pontuam. No entanto, são extremamente flexíveis quanto ao posicionamento no enunciado e têm um significado independente, não composicional. Por essa razão, podem ser consideradas construções insubordinadas construcionalizadas.

linguagem que se concentram no surgimento contínuo e nunca completo da estrutura após o uso.¹² (EVANS; WATANABE, 2016, p. 2, tradução nossa)

No subcapítulo seguinte, discute-se, particularmente, a questão do estatuto gramatical das construções in subordinadas e como essas construções são acomodadas nos modelos de gramática.

1.2 O estatuto gramatical das construções in subordinadas e a representação do fenômeno

Construções in subordinadas em geral apresentam um certo problema no que diz respeito à sua representação. Os exemplos nas seções anteriores demonstram que a grande maioria dos casos apresenta ao menos algum aspecto formal relacionado à subordinação, embora o comportamento da construção seja de uma sentença independente, ou, nos termos da gramática tradicional, uma oração principal. São construções que combinam traços de sentenças bastante diferentes e que parecem representar, como afirma Evans (2007), um certo paradoxo para as teorias descritivas e modelos de gramática tradicionais.

Nas gramáticas tradicionais, é comum que as construções in subordinadas não sejam tratadas como construções por si só, mas, sim, como casos especiais, ou mesmo irregulares, de outro tipo de oração, geralmente das subordinadas. É o que se pode notar na gramática de Rocha Lima (2011), que se refere ao padrão in subordinado como ‘frase exclamativa e reticenciosa’ ao descrever orações subordinadas adverbiais condicionais:

Condicionais (e Hipotéticas) - A oração condicional apresenta a circunstância de que depende a realização do fato contido na principal. Nas mais comuns de suas formas, tais orações podem expressar: a) Um fato de realização impossível (hipótese irrealizável): Se eu tivesse vinte anos, / casar-me-ia com você. b) Um fato cuja realização é possível, provável, ou desejável: Se eu algum dia ficar rico, / não me esquecerei de meus amigos. c) Desejo, esperança, pesar (**geralmente em frase exclamativa e reticenciosa, em que a oração principal, quase sempre subentendida, traduz um complexo de situações mais ou menos indefinível ou não claramente mentado**): Ah! — se eu soubesse!.../Se ele deixasse!.../Se a gente não envelhecesse!... (ROCHA LIMA, 2011, p. 346, grifo nosso)

¹² “The products of in subordination belong to the interesting class of messy structures which lie at the threshold of process and product, of energeia and ergon, of parole and langue, making them a particularly suitable object of enquiry for evolutionary, dynamic approaches to language which focus on the ongoing and never-complete emergence of structure from use.” (EVANS; WATANABE, 2016, p. 2).

Outra forma de tratamento dado às construções insubordinadas, geralmente em trabalhos de cunho formalista, é considerar que são apenas construções subordinadas elípticas, em que as características formais da oração subordinada se mantêm, como de fato ocorre, e os elementos semânticos sejam derivados da oração principal. No entanto, o que se pode notar em diferentes casos de construção insubordinada é que a oração principal que estaria ausente nem sempre é total e/ou inequivocamente recuperável do contexto. Em uma construção como ‘se você puder comparecer ao evento hoje’, é possível recuperar como conteúdo elíptico mais de uma possibilidade, como ‘será muito bom’, ‘ficaremos felizes’, dentre outras. O significado da construção elíptica também pode não corresponder ao significado de uma construção ‘completa’ que seja estruturalmente compatível. Nesse exemplo, em particular, a construção pode ser entendida como um pedido e não necessariamente como uma condição para a realização de um estado de coisas particular, como ocorre em orações subordinadas condicionais canônicas. Outros traços dessas construções que ressaltam o fato de que não são apenas casos elípticos são o contorno prosódico completo (KALTENBÖCK, 2014; SCHWENTER, 2016; ELVIRA-GARCÍA, 2019), uma força ilocucionária própria e sinais estruturais comuns de orações principais, como a capacidade de coordenação com outras orações principais.

Evans (2007) descreve uma lista de funções discursivo-pragmáticas que identifica no uso de construções insubordinadas. Nas palavras dele:

[...] de longe, o tipo mais comum de insubordinação é encontrado em vários tipos de construções relacionadas ao controle interpessoal - principalmente imperativos e suas formas mais brandas, como sugestões e solicitações, mas também permissivos, avisos e ameaças.¹³ (EVANS, 2007, p. 387, tradução nossa)

É comum que as insubordinadas expressem comandos, pedidos, permissões, avisos, ameaças, significados epistêmicos, evidenciais etc. Ao comparar orações subordinadas prototípicas e construções insubordinadas estruturalmente semelhantes, nota-se que os casos insubordinados são capazes de expressar significados que são possíveis apenas na ausência de uma oração principal. É o caso das condicionais insubordinadas de valor adversativo, como em (16) e (17), apresentadas no subcapítulo anterior. Embora essas construções sejam marcadas

¹³ “[...] by far the commonest type of insubordination is found in various types of clause concerned with interpersonal control — primarily imperatives and their milder forms such as hints and requests, but also permissives, warnings and threats.” (EVANS, 2007, p.387).

pela conjunção condicional *si* no espanhol, não expressam qualquer significado relacionado à hipoteticidade. Na verdade, são utilizadas para expressar a certeza do falante em contextos em que discorda de seu interlocutor sobre uma informação previamente compartilhada. Não é possível reconstruir construções como essas sem que o significado seja prejudicado.

Essas características sugerem que não se trata de construções incompletas, apenas elípticas, que teriam ocorrido aleatoriamente. São construções produzidas da forma como de fato ocorrem, com funções discursivas específicas que atendem aos objetivos comunicativos do falante. Como afirmam Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019), “a razão pela qual construções insubordinadas foram, por muito tempo, ignoradas ou marginalizadas pela descrição gramatical está em grande parte enraizada em nossa compreensão da própria gramática.”¹⁴ (BEIJERING; KALTENBÖCK; SANSIÑENA, 2019, p. 6, tradução nossa).

Em outras palavras, um fenômeno como a insubordinação que é, por natureza, dinâmico e, como pontuado por Evans e Watanabe (2016), está situado entre língua e fala, processo e produto, não pode ser encaixado em um modelo estável de gramática, em que não se considera o uso real e efetivo da língua.

Essas necessidades descritivas fizeram com que abordagens construcionais entrassem em cena em estudos sobre a insubordinação, porque apresentam percepções mais dinâmicas da língua, baseadas na interação e em dados reais de fala e escrita, que consideram a relação entre a língua e o uso e que integram os diferentes níveis de análise linguística.

As abordagens construcionais, como se verá mais adiante, tratam da estrutura linguística em sua relação com o uso real da linguagem e permitem olhar para qualquer construção, isto é, qualquer pareamento de forma e função, como parte de um *continuum* léxico-sintaxe (chamado ‘*constructicon*’, FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 2003). Nessa perspectiva, uma palavra, uma expressão idiomática ou um padrão sintático são tratados de modo uniforme, como unidades lexicais da gramática, ou seja, construções que associam uma forma a um significado (semântico, pragmático ou discursivo). Sendo assim, os diferentes tipos de construções insubordinadas podem ser tratados como construções por si sós, sem que isso implique em um problema representacional, como ocorre em outras abordagens.

Além disso, a concepção de língua enquanto rede interconectada permite tratar das construções insubordinadas também em relação a outras construções estruturalmente semelhantes, permitindo elucidar outras relações que possam motivar traços formais e

¹⁴ “The reason why in subordinate clauses have for a long time either been ignored or marginalised by grammatical description is to a large extent rooted in our understanding of grammar itself.” (BEIJERING; KALTENBÖCK; SANSIÑENA, 2019, p. 6).

funcionais particulares. Processos de mudança também têm espaço neste quadro teórico e podem trazer novas contribuições sobre a discussão dos mecanismos desencadeadores da insubordinação.

Todos esses pontos serão mais bem abordados mais adiante, no terceiro capítulo, que se dedica especialmente à Gramática de Construções. No próximo capítulo, passa-se a tratar particularmente das construções condicionais insubordinadas.

CAPÍTULO II: CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS

As construções condicionais, particularmente aquelas marcadas pela conjunção *se*, têm sido, dentre as demais adverbiais, o tipo mais abordado na literatura sobre insubordinação. São trabalhos pioneiros sobre essas construções os de Buscha (1976) e Weuster (1983) sobre o alemão, Schwenter (1996, 1999) e Montolío (1999) sobre o espanhol, Stirling (1999) sobre o inglês e Hirata (1999) sobre o português. Por serem muito anteriores à proposta de Evans (2007), esses trabalhos ainda apresentavam uma nomenclatura para o fenômeno bastante diversa, como já mencionado no início do primeiro capítulo.

Mais recentemente, muitos outros trabalhos têm sido desenvolvidos, com base em diferentes perspectivas teórico-metodológicas e em diferentes línguas. Esses trabalhos, além de adotarem uma nomenclatura mais homogênea, geralmente em torno do termo insubordinação, têm fornecido descrições sistemáticas e cada vez mais refinadas. São exemplos os trabalhos de Brinton (2014), Kaltenböck (2014, 2016) e Traugott (2017) para o inglês; D’Hertefelt e Van Linden (2017) para o holandês; D’Hertefelt (2015) para línguas germânicas em geral; Lindström, Laury e Lindholm (2013, 2019) para o sueco e o finlandês; Hirata-Vale (2015, 2017), Coradini (2019), Coradini e Hirata-Vale (2021) e Alves e Hirata-Vale (2021) para o português; Lombardi Vallauri (2004, 2016) para o italiano; Schwenter (2016), Gras (2011), Gras e Elvira-García (2021) para o espanhol; Debaisieux, Martin e Deulofeu (2019) para o francês; Kawachi (2017) para o kupsapiiny; Zhonglin (2021) para o japonês, dentre muitos outros. O que se pode observar a partir desses trabalhos é que, embora sejam sobre línguas distintas, há uma certa tendência nos usos das construções condicionais insubordinadas (doravante CCIs) que aponta para a expressão da subjetividade do falante e de outros valores interpessoais.

Neste capítulo, são apresentados os tipos mais recorrentes de CCI atestados nas línguas, sua caracterização geral e algumas propostas de classificação para essas construções. As propostas que serão apresentadas mais adiante são de orientação funcionalista, isto é, baseadas em dados reais de fala e/ou escrita e com foco sobre aspectos formais e funcionais do uso dessas construções. Nesse sentido, são consideradas centrais para o presente trabalho, que se vale da mesma abordagem teórico-metodológica.

2.1 Caracterização formal e funcional das CCI's nas línguas

CCI's são formalmente caracterizadas, ainda que de modo um pouco diferente nas línguas, principalmente pela presença de uma conjunção subordinativa com valor condicional, como a conjunção *se* no português, em uma oração que ocorre desvinculada de uma oração principal. Em determinadas línguas, como alemão, holandês e demais línguas germânicas, em que se tem o efeito V2, isto é, “uma exigência na ordem de palavras determinando que o verbo finito apareça na segunda posição da sentença precedido exclusivamente por um constituinte qualquer, independentemente de sua função sintática” (PINTO; ANTONELLI, 2014), também se observa a ordem de constituintes específica das orações subordinadas nos usos insubordinados.

No que diz respeito aos verbos, estes podem ocorrer tanto no modo subjuntivo, a depender da língua, quanto no modo indicativo, nos tempos presente, passado e futuro. Esses traços formais são os únicos padrões que parecem ser sistemáticos na constituição dessas construções, que independem de fatores particulares das línguas em que ocorrem.

Em grande parte das línguas, o uso dessas construções está relacionado à expressão de desejos, expectativas, avaliações, comandos, pedidos, sugestões, ofertas e ameaças. Os casos abaixo são exemplos desses usos em línguas variadas:

34) Português

Não queria luxo, não queria riquezas, mas, outro fosse ele, saberia ter dado melhor rumo aos seus negócios, não se sujeitaria a ser um faz-tudo nas mãos dos directores da Fiação, L.da. Ainda **se ao menos tivessem relações, dessem passeios - mas qual!** (HIRATA-VALE, 2015, p. 62; expressão de desejo/expectativa)

35) Espanhol

Si aún tenéis hambre... (speaker points to a pot full of food)
if still have:2PL hunger
'If you're still hungry' (SCHWENTER, 2016, p. 4; expressão de oferta)
'**Se você ainda estiver com fome...**'

36) Italiano

H: non mi ricordo comunque posso vederlo perché c'ho il giornale qua
'I don't remember, however I can check because I have the newspaper here'
C: ahah vediamo un momento questi due Valpolicella e Soave perché_
'haha let me see these two Valpolicella and Soave because_
H: **se mi dice la pagina_ se mi dice la pagina**
if to.me tell:2SG the page
'if you tell me what page'

C: la pagina allora trentatrè
 ‘the page yes thirty-three’ (LOMBARDI VALLAURI, 2016, p. 121; expressão de pedido)
 H: ‘não me lembro, no entanto, posso checar, porque eu tenho o jornal aqui’
 C: ‘haha deixe me ver esses dois, Valpolicella e Soave, porque...’
 H: ‘**se me disser a página, se me disser a página**’
 C: ‘a página, sim, trinta e três’

37) Holandês

Als je nou niet heel snel opflikkert he
COND you now NEG very fast disappear.PRS INTERJ
 ‘If you don’t get out of my sight very fast’
 (D’HERTEFELT, 2015, p. 99; expressão de ameaça)
 ‘**Se você não sair da minha frente muito rápido..**’

38) Kupsapiny

yèè / yòò múúc-e (ni) Ø-sut-twò pééko
if / if can-IMPFV 2SG.NOM PTCP.S:2SG-bring-O:1SG. water.PL.DEF.ABSL
 ‘Please bring me water.’ (= lit. ‘If you can bring me water.’)
 (KAWACHI, 2017, p. 75; expressão de pedido)
 ‘Por favor, me traga água’. [Lit. ‘**Se você puder me trazer água.**’]

No português e no espanhol, em particular, são atestados casos de CCI que expressam um valor adversativo e desempenham uma função de réplica em atos ameaçadores da face. Essas construções, diferentemente dos outros tipos descritos para a maioria das línguas, não expressam qualquer função relacionada à polidez ou mitigação. São construções de caráter rude, empregadas para refutar uma proposição anterior, como se nota nos seguintes exemplos:

39) A: Los primos van a llegar esta tarde.
 ‘Our cousins are going to arrive this afternoon.’
 B: **¡Si ya han llegado esta mañana!**
 ‘They already arrived this morning!’ (SCHWENTER, 2016, p. 76)
 A: ‘Os primos vão chegar esta tarde.’
 B: ‘**Se já chegaram essa manhã!**’

40) [character:Escrivão][716] Deve-me seis réis de assento.
 [character: Almotacé][717] Que assento? **Se o azeite vem sentado em cima de um asno.** (CORADINI, 2019, p. 50)

O emprego das CCIs também está relacionado à organização do discurso, em construções que configuram comentários de cunho metalinguístico, como ressalvas, exemplificadas em:

- 41) Querida Maria Bruna, **Se é que assim posso chamar**. Eu sei que não me conhece, mas eu vou me apresentar devidamente: sou um jovem português com 23 anos, cabelo de cor preta, olhos castanhos e meço cerca de 1,64m de altura. (HIRATA-VALE, 2015, p. 63)
- 42) A: There was two dolls, a boy and a girl doll and the boy was actually (pause) like a boy.
 B: Yeah?
 A: **If you know what I mean**.
 C: You don't very often see that do you? (D'HERTEFELT, 2015, p. 175)
 A: Havia dois bonecos, um menino e uma menina, e o menino era, na verdade (pausa), como um menino.
 B: 'Sim?'
 A: **'Se você entende o que quero dizer.'**
 C: 'Você não vê isso com muita frequência, não é?'¹⁵
- 43) A: Nein, sehr kalt, also nicht wie in Rußland.
 'No, very cold, but not like in Russia.'
 So kalt ist es ja nicht hier, (ja, ja, ja) nicht?
 'It's not that cold here, right?'
Wenn wir den Vergleich ziehen.
COND we the comparison pull.PRS
 'If we make the comparison.'
 B: Ja. .. Nun, in den verschiedenen Jahreszeiten, wie sieht es da aus?
 'Yes. Now what about the different seasons?' (D'HERTEFELT, 2015, p. 175)
 A: 'Não, muito frio, mas não como na Rússia. Não é tão frio aqui, certo? **Se nós fizermos a comparação.**'
 B: 'Sim. Agora, e sobre as diferentes estações?'

Essas construções podem funcionar como ditos de cortesia, retomadas, correções, modalizações em relação à certeza e ao comprometimento do falante sobre a proposição etc. Esse e os demais tipos de CCI aqui apresentados parecem ser os mais recorrentes e difundidos na literatura sobre insubordinação.

A maioria dos trabalhos objetiva descrever as condicionais insubordinadas formal e funcionalmente, a partir de uma perspectiva sincrônica. O fato de que nem todos os trabalhos assumem o ponto de vista do uso insubordinado como resultado de um processo diacrônico

¹⁵ Exemplo apresentado também no primeiro capítulo, com numeração (32).

reflete na própria terminologia adotada para a denominação das condicionais insubordinadas, como se verá na próxima parte.

2.2 Algumas propostas de classificação

Neste subcapítulo, apresentam-se alguns trabalhos acerca das condicionais insubordinadas, que propõem classificações para este tipo de construção com base em aspectos formais e funcionais. São trabalhos considerados bastante pertinentes para a análise que será apresentada, já que partem dos mesmos pressupostos teórico-metodológicos. As línguas germânicas, em especial o alemão e o inglês, são aquelas em que se encontram maior número de trabalhos a respeito das CCIs. Por essa razão, muitas das propostas aqui expostas se referem a essas línguas. Apesar disso, também se encontram propostas para o português e o espanhol, como será apresentado adiante.

Em Hirata (1999), as condicionais aqui chamadas de insubordinadas são tratadas brevemente como casos de “condicionais sem oração núcleo realizada”. Na ocasião, a autora descreve a hipotaxe adverbial condicional no português brasileiro, portanto, não se trata de um trabalho inteiramente dedicado aos usos independentes das construções condicionais. No entanto, a autora descreve como as construções sem núcleo funcionam e sugere a seguinte explicação, seguindo as ideias de Neves (1999):

O falante escolhe certos recursos ao compor seu texto para criar determinados efeitos e, na configuração dos satélites de natureza adverbial, como é o caso das condicionais, o falante prepara molduras, criando espaços mentais para o conteúdo das orações núcleo. Entretanto, ressalta a autora [Neves, 1999], a liberdade de escolha do falante chega ao ponto de se prepararem molduras que ficam vazias, como é o caso das construções condicionais sem oração núcleo realizada. Criam-se, então, espaços mentais que obtêm efeitos particulares muito significativos, tais como deixar uma asserção em suspenso, fazer um "convite" para que o ouvinte a complete ou tome parte da interlocução, etc. (HIRATA, 1999, p. 211)

O *corpus* utilizado no trabalho de Hirata (1999) é composto por textos de literatura dramática, técnica e de oratória. As condicionais insubordinadas, ou condicionais sem oração núcleo, ocorrem apenas nos textos de literatura dramática, esses sendo peças de teatro e roteiros de telenovela, o que confirma o caráter interacional e dialógico das CCIs. Para a autora, são usos que demonstram a colaboração entre os falantes na interação, porque podem servir como uma resposta a turnos anteriores, como o seguinte caso:

- 44) Helena: A Lucília também precisa se divertir um pouco.
Joaquim: Já deve ter se divertido bastante. Chega. Quero que venha embora.
Marcelo: **Se o Olímpio deixar...**
Joaquim: Olímpio? Quem é Olímpio? (HIRATA, 1999, p. 131)

Hirata (1999) argumenta que as construções são deixadas em suspenso para uma complementação do emissor ou do interlocutor e que “só se chega ao sentido do texto como um todo a partir da atuação dos participantes do discurso” (HIRATA, 1999, p. 209).

Mais recentemente, Hirata-Vale (2015) retoma o assunto, se dedicando à descrição apenas das condicionais insubordinadas, em consonância com as reflexões teóricas de Evans (2007) e Kaltenböck (2014). A autora propõe uma classificação que caminha na direção do trabalho de Kaltenböck, Heine e Kuteva (2011), voltando a atenção principalmente aos aspectos discursivos dessas construções, a partir de dados do português brasileiro e europeu.

Segundo a autora, essas construções passam por um processo pelo qual perdem gradativamente o valor condicional e passam a expressar outros valores que são codificados pragmaticamente. Nesse sentido, é possível estabelecer um *continuum* de insubordinação, baseado na composicionalidade das construções, em que as CCIs são divididas em:

- a. *Espontâneas ou instantâneas*, que são composicionais, menos rígidas estruturalmente e ligadas ao raciocínio do falante ancorado no discurso. Sendo assim, podem exercer uma gama de funções, como, por exemplo:

- 45) Virgínia Ele fala muito, lá na hora! Me deixou meio confusa, eu não sabia se respondia, se ficava calada ...
Maria: **Se você pegou dois ônibus cheios pra me dizer isso...**
Virgínia: Eu vim porque o Edgar precisa de ajuda. (HIRATA-VALE, 2015, p.45)

- b. *Construcionais*, que apresentam uma estrutura mais fixa, embora sejam ainda composicionais. Apresentam alguns traços morfossintáticos mais recorrentes, são menos dependentes do contexto e desempenham funções discursivo-pragmáticas mais específicas, como em:

- 46) Ae obrigado pelo comentario espero q tenha gostado !! ow vei tipo assim man ... **se voce puder esperar um pouco** pq o unico q sabe o nome do programa é o GDS q é o josue eu (Agatangelo) sei tbn mais nao lembro então **se puder esperar uns 2 ou 3**

dias ate ele voltar pq ele ta viajando. (HIRATA-VALE, 2015, p. 47)

c. *Formulaicas*, que têm a estrutura invariável, isto é, são não composicionais, e funcionam de maneira livre, completamente independentes sintática e semanticamente. São utilizadas quando o falante expressa um comentário ou reflexão de cunho metalinguístico que é independente do contexto, como os seguintes casos:

47) Lembro que uma vez me levaram pra: mostrar como eles faziam aqueles tipozinhos, **se eu não me engano** - de chumbo - é chumbo né? - depois organiza aquilo tudinho - é: - já vem depois de corrigido aquilo é corrigido. (HIRATA-VALE, 2015, p.50)

48) - Ora matava codornas pensando serem perdizes, ora patos selvagens disfarçados de toninhas gigantes. E triste de seu desengano, e gostando do pátio interno de sua quinta, ordenou a Craveiro a instalação imediata de um pombal.

- Excelência, para quê, **se me permite?**

- Para cagar em tua cabeça. (HIRATA-VALE, 2015, p. 51)

As funções identificadas por Hirata-Vale (2015) se relacionam à expressão de significados intersubjetivos e metatextuais. Segundo a autora, aquelas relacionadas à intersubjetividade expressam pedidos, ordens, avisos, ameaças, sugestões e refutações de valor adversativo. Aquelas que expressam a subjetividade do falante relacionam-se às crenças e desejos, às asserções enfáticas ou emocionais e avaliações. As metatextuais expressam ressalvas, esclarecimentos e comentários de cunho metalinguístico. A autora afirma que

Quanto mais independente se torna a construção, dos pontos de vista sintático e pragmático, menos ligada ao eixo da condicionalidade/hipoteticidade ela se mantém, o que implica a expressão de sentidos relacionados à interpessoalidade/intersubjetividade, como, por exemplo, a polidez. Como os usos das subordinadas são muito frequentes em contextos dialógicos ocorre, de fato, nessas construções um processo de intersubjetivização. (HIRATA-VALE, 2015, p. 68)

Para Hirata-Vale (2015), apenas as construções formulaicas são completamente independentes e poderiam, de fato, ser explicadas a partir do processo de insubordinação, já que se encontram em um estágio muito convencionalizado em termos da combinação forma-função. As construções instantâneas e as construcionais, no entanto, são consideradas menos subordinadas, porque têm seu significado mais dependente do contexto no qual são

produzidas, e seriam explicadas a partir do processo de extensão funcional da dependência, tal como propõe Mithun (2008).

Hirata-Vale (2015) classifica CCIs que expressam valor adversativo, como os exemplos apresentados no subcapítulo anterior, em (39) e (40), como construcionais, porque expressam uma função discursivo-pragmática mais específica, convencionalizada, que é a de réplica. Tal classificação é também compatível com as propostas de Schwenter (1999, 2016) e de Montolío (1999) sobre esses casos particulares.

Schwenter (1999, 2016) dedica-se apenas às CCIs com valor adversativo no espanhol, as quais o autor denomina ‘*independent si-clauses*’ e ‘*refutational si-clause*’. O autor considera que essas construções são um caso bastante claro de reanálise, em que uma construção insubordinada passa a atuar como uma estrutura principal e isso resulta na restrição até mesmo da interpretação da conjunção subordinativa, neste caso, *si*. É uma visão também em consonância com a proposta de Evans (2007). Segundo o autor, os contextos em que a construção ocorre a aproximam mais de construções principais do que de construções subordinadas em *si*, e um fator que pode confirmar tal constatação é a prosódia.

Schwenter (2016) propõe quatro testes que distinguem as construções insubordinadas das elípticas: i. se a construção demonstra um comportamento distinto em relação a itens de polaridade negativa (por exemplo, quando há qualquer elemento de polaridade negativa, a construção requer o uso de *no* (não): *si yo no tengo **duda alguna*** (se não tenho dúvida alguma)); ii. a restrição de coordenação entre insubordinadas com *si*; iii. não possibilitam ser incorporadas sob um verbo cognitivo ou de comunicação e iv. o uso de advérbios sentenciais (como *obviamente*), que devem estar dentro do escopo da construção insubordinada.

Por meio de análises prosódicas, o autor demonstra, ainda, que essas construções apresentam um padrão entoacional de construções declarativas com força exclamativa. Schwenter (2016) conclui que “o marcador condicional *si* foi estendido sincronicamente no espanhol coloquial falado para contextos causais em que nenhuma reconstrução elíptica (nem mesmo uma maximamente geral) é possível.”¹⁶ (SCHWENTER, 2016, p. 89, tradução nossa).

Montolío (1999), que também se dedica ao mesmo tipo de construção no espanhol, as denomina como ‘*construcciones independientes con valor adversativo*’. Para a autora, trata-se de um caso de gramaticalização por meio do qual, além de ter se tornado independente, a

¹⁶ “[...] the conditional marker *si* has been extended synchronically in spoken colloquial Spanish to causal contexts where no elliptical reconstruction (not even a maximally general one) is possible.” (SCHWENTER, 2016, p. 89).

conjunção *si* perde sua transparência semântica e passa a codificar outros valores característicos de uma função discursiva, neste caso, claramente interativa: a de réplica.

Algumas evidências que sustentam tal hipótese, segundo a autora, seriam a incapacidade de flexão do verbo no modo subjuntivo, sendo apenas no indicativo, e a impossibilidade de coordenação entre duas construções com esse valor, ao contrário de construções verdadeiramente condicionais, como mostram os exemplos, respectivamente:

49) - ¿Qué tal? ¿Cómo te va tu coche nuevo?

(a) - Pero si me **compré** una moto

(b) - *Pero si me comprara una moto (MONTOLÍO, 1999, p. 40)

- ‘Como está? Como vai seu novo carro?’

(a) - ‘Mas se **comprei** uma moto’

(b) – * ‘Mas se eu comprasse uma moto’

50) - ¿Vendrás a la reunión de mañana?

(a) - Si he acabado la traducción y si puedo encontrar a alguien que me sustituya en la clase, sí que iré;

(b) - # **(Pero) si no es mañana y si no estoy convocada.** (MONTOLÍO, 1999, p. 41)

- ‘Virá para a reunião amanhã?’

(a) - ‘Se eu terminar a tradução e se encontrar alguém que me substitua na aula, sim, irei’.

(b) - # **‘(Mas) se não é amanhã e se não estou convocada.’**

No exemplo (49), o modo subjuntivo torna a sentença agramatical, porque essas construções, diferentemente de outras condicionais, não são utilizadas para expressar hipoteticidade, mas, sim, expressam uma certeza do falante. Já no caso em (50), embora a construção em (b) esteja estruturalmente bem formulada, no contexto pragmático soa inadequada. Este aspecto apresentado em (49), sobre a flexão verbal, é também reiterado posteriormente por Schwenter (2016) que, por meio de testes contrastivos entre construções insubordinadas e subordinadas, observa que o uso da conjunção *si* em condicionais insubordinadas com valor adversativo requer verbos conjugados necessariamente no modo indicativo, enquanto nas subordinadas canônicas, requer o uso do subjuntivo, particularmente no passado imperfeito.

Na visão de Montolío (1999), as condicionais insubordinadas com valor adversativo são estruturas sistematicamente fragmentadas que sofreram elisão da oração principal pelo fato de que para o falante elas sempre vêm da mesma sentença “¿por qué has dicho lo que acabas de decir?” (‘por que disse o que acabou de dizer?’). Nesse sentido, seria possível inserir tal

sentença na apódoxe de todas as construções deste tipo, chegando, portanto, a um esquema proposicional geral “¿*si p por qué dices q?*”:

51) - ¿Y la Inesita?

- **Si acabo de entrar...** [¿por qué me preguntas acerca de la Inesita?/(¿por qué has dicho lo que acabas de decir?)] (MONTOLÍO, 1999, p. 59)

- ‘E a Inesita?’

- ‘**Se acabei de entrar...**’ [por que me pergunta sobre Inesita?/ por que disse o que acabou de dizer?]

52) - Pásame el pastel, por favor

- **Si estás a régimen..** [¿por qué me pides que te pase más pastel?/(¿por qué has dicho lo que acabas de decir?)] (MONTOLÍO, 1999, p. 59)

- ‘Me passe o bolo, por favor’

- ‘**Se está de dieta...**’ [por que me pede que eu te passe mais bolo? Por que disse o que acabou de dizer?]

De alguma forma, o enunciado anterior não é coerente com o conhecimento prévio do falante, de modo que se torna necessário contestar aquilo que é compartilhado entre os participantes do discurso.

A hipótese da gramaticalização, no entanto, parece não ser compatível com os caminhos de desenvolvimento observados em trabalhos posteriores, porque, como já pontuava Evans (2007), o processo de insubordinação parece seguir um caminho contrário, nas palavras do autor “da oração subordinada à oração principal, da morfossintaxe ao discurso e (em seu estágio inicial) da gramática à pragmática.”¹⁷ (EVANS, 2007, p.429, tradução nossa). De toda forma, é visível a ocorrência de um processo de mudança que possibilita que essas construções passem a expressar um valor tão distante da condicionalidade que se espera de conjunções como *se* e *si*, marcas de condicionalidade por excelência no português e no espanhol. Em ambas as línguas, essas construções podem ocorrer também combinadas às conjunções *pero* e *mas*, característica que reafirma o caráter de oposição, contraste e refutação dessas construções quando empregadas em situações dialógicas.

Outra proposta pioneira e bastante relevante sobre condicionais insubordinadas é a de Stirling (1999), que analisa *isolated if-clauses* no inglês australiano. Stirling (1999) propõe a seguinte classificação para essas construções:

¹⁷“[...] from subordinate clause to main clause, from morphosyntax to discourse, and (in its initial stage) from grammar to pragmatics.” (EVANS, 2007, p.429).

a. *Diretivas*, que apresentam força ilocucionária de uma instrução e podem funcionar como pedidos, pedidos de permissão e sugestões:

53) D: [...] Perhaps **if you could just pop back in a week and let me check it again to make sure it's not shot up**

M: Uh huh

D: too much but certainly on today's reading it's normal. (STIRLING, 1999, p. 279)

D: [...] 'Talvez **se você pudesse voltar em uma semana e me deixar verificá-lo novamente para ter certeza de que não está disparado**'

M: 'Uh huh'

D: 'é demais, mas certamente na leitura de hoje é normal.'

b. *Optativas*, que expressam o desejo do falante, como em:

54) **If only Miss Hawkins would get a job...** (STIRLING, 1999, p. 286)

'**Se ao menos a senhorita Hawkins conseguisse um emprego...**'

As construções diretivas têm como traços formais o sujeito na segunda pessoa, como o caso em (53), e verbos normalmente no presente, associados a verbos modais como *can* (pode), *could* (poderia) e *might* (poderia). Como são construções que se referem a ações futuras, dificilmente apresentam verbos no pretérito imperfeito. Segundo a autora, o emprego desse tipo de construção funciona como uma estratégia de polidez, em que o falante expressa que deseja que seu interlocutor realize determinada ação, mas, ainda assim, a realização ou não da instrução/pedido é opcional. As construções optativas geralmente apresentam o advérbio *only* e um tempo passado, que juntos expressam um sentido contrafactual, de uma situação com realização potencial.

Na concepção de Stirling (1999), essas construções seriam 'sentenças menores' (*minor sentence types*, nos termos da autora) que se distinguem de sentenças fragmentadas ou elípticas, porque não permitem recuperar qualquer material que esteja ausente, além do fato de apresentarem um contorno prosódico terminal, fator também apontado posteriormente por Kaltenböck (2014), e força ilocucionária própria, que não deixa de depender do valor da conjunção subordinativa. A consideração da autora é que as condicionais isoladas, ou insubordinadas, com *se* deixam de estabelecer uma relação de causalidade como ocorre nas subordinadas canônicas, um ponto também discutido por Hirata-Vale (2015) sobre o português.

Neste mesmo caminho, se apresentam outras propostas a respeito do inglês, como as de Kaltenböck (2014, 2016), agora utilizando o termo construção insubordinada, e a de Traugott (2017), esta última tratando CCIs do ponto de vista diacrônico.

Kaltenböck (2014) propõe uma classificação para as condicionais insubordinadas encabeçadas por *if* no inglês, com base nos pressupostos teóricos da Gramática do Discurso (HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2013). O autor considera que essas construções são elementos téticos que se originaram por meio do processo de cooptação e, por essa razão, são armazenadas num componente separado da gramática, aquele referente às construções extraclausais. Segundo Kaltenböck (2014), o que sustenta tal hipótese são as diferenças formais na realização dessas construções quando comparadas às construções sintaticamente dependentes, como é o caso dos padrões prosódicos de construções completas.

A classificação de Kaltenböck (2014) distingue as CCIs entre *prospectivas* e *retrospectivas*. No entanto, todas têm como característica comum o fato de apresentarem um significado não restritivo e se relacionarem à situação imediata do discurso, atuando especialmente sobre sua organização, a atitude do falante e a interação falante-ouvinte. Como já exposto no capítulo anterior, essas são características centrais dos elementos téticos (KALTENBÖCK; HEINE; KUTEVA, 2011; HEINE; KALTENBÖCK; KUTEVA, 2013).

Em seu trabalho mais recente, Kaltenböck (2016) propõe uma nova classificação, que divide as condicionais insubordinadas marcadas por *if* em dois grandes grupos:

- a. *Performativas*, que são independentes do contexto, prospectivas e têm força ilocucionária própria. Podem ser diretivas, optativas ou exclamativas;
- b. *Elaborativas*, que são relacionadas pragmaticamente ao contexto e retrospectivas. Podem configurar comentários, avaliações ou esclarecimentos de um outro falante ou do mesmo falante sobre o próprio enunciado.

As construções performativas são caracterizadas por terem uma força ilocucionária própria, expressa em atos de fala diretivos, optativos e exclamativos. De acordo com o autor, essas construções podem ocorrer completamente sozinhas. A função que mais se destaca no uso das condicionais insubordinadas performativas é a diretiva. Segundo o autor, este tipo, em particular, é “manipulativo, no sentido de que normalmente tentam fazer com que o destinatário execute uma ação específica e podem assumir a forma de solicitações, instruções, sugestões

etc.”¹⁸ (KALTENBÖCK, 2016, p. 350, tradução nossa). As construções optativas, por sua vez, são caracterizadas por expressarem desejos e expectativas. São capazes de expressar modalidade deôntica, assim como as diretivas, mas não indicam qualquer controle sobre a realização da ação. As construções exclamativas, por fim, são aquelas que expressam surpresa ou indignação por parte do falante. O autor afirma que as construções exclamativas se aproximam das optativas pelo fato de expressarem a atitude do falante. Os seguintes casos são exemplos:

55) Diretivas

A: **If you’ve got a spare piece of paper** < ,>

B: On here Yes uh uh Yeah I’ve got this (KALTENBÖCK, 2016, p. 354)

A: **‘Se você tiver um pedaço de papel sobrando’**

B: ‘Aqui, sim, eu tenho isso’

56) Optativas

If only Denis Betts could have picked that ball up and got it out to Offiah But he couldn’t < ,,> (KALTENBÖCK, 2016, p. 350)

‘Se ao menos Denis Betts pudesse pegar aquela bola e mandar para Offiah. Mas ele não conseguiu’

57) Exclamativas

This is actually very worrying because **if you think that I’ve got** < ,,> three officers to run the society I mean we really are not viable (KALTENBÖCK, 2016, p. 351)

‘Isso é realmente muito preocupante porque se você acha que eu tenho < ,,> três oficiais para administrar a sociedade, quero dizer, nós realmente não somos viáveis’

As construções elaborativas são caracterizadas pela dependência ao co(n)texto. De acordo com Kaltenböck (2016), são construções que mantêm algum tipo de relação pragmática com porções de texto anteriores, de modo que comentam, avaliam ou esclarecem algum ponto relacionado a esses enunciados precedentes. Para o autor, são casos que também poderiam ser explicados a partir da extensão da dependência funcional, nos termos de Mithun (2008). São exemplos:

58) There’s one I was going to show you because it it made my hair stand on end < ,>

It’s a bit scary this < ,> **if I can find it** < ,,> No Can’t find it (KALTENBÖCK, 2016, p. 352)

¹⁸ “[...] Manipulative’ in the sense that they typically try to get the addressee to take a particular action and may take the form of requests, instructions, suggestions, etc.” (KALTENBÖCK, 2016, p. 350).

‘Tem um que eu ia te mostrar porque ele fez meu cabelo ficar em pé < , > É um pouco assustador isso < , > **se eu puder encontrá-lo** < , > Não, não consigo encontrá-lo.’

- 59) A: And Karen and Ian want to buy < , > her half of the mortgage out < , > so they’ll have too much mortgage
B: Yeah It really is
A: I know With Ian only a tennis coach
B: Yeah Well even now I mean **if he has good rates** you know he’s good bank rates and he’s got a steady job (KALTENBÖCK, 2016, p. 352)
A: ‘E Karen e Ian querem comprar < , > a metade da hipoteca dela < , > então eles terão muita hipoteca’
B: ‘Sim, realmente’
A: ‘Eu sei, com Ian sendo apenas um treinador de tênis’
B: ‘Bem, mesmo agora, quero dizer, **se ele tem boas taxas**, você sabe que ele tem boas taxas bancárias e ele tem um emprego estável’

Kaltenböck (2016) conclui que essas construções

[...] podem ser vistas como tendo representações mentais separadas, como duas construções ou ‘nós’ diferentes (e.g., TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.22). Entretanto, de uma perspectiva construcionista, construções são independentes, mas não entidades isoladas (e.g., FRIED; ÖSTMAN, 2004, p.12, CROFT; CRUSE, 2004, p.262-264). Elas são conectadas com outras construções relacionadas de diferentes níveis de esquematicidade numa rede taxonômica maior de construções.¹⁹ (KALTENBÖCK, 2016, p. 367, tradução nossa)

Traugott (2017), que analisa construções insubordinadas do inglês no recorte diacrônico, denomina tais construções como *monoclauses* introduzidas por elementos subordinativos, empregadas especialmente em situações de interação à maneira de um sintagma nominal, preposicional ou adverbial. Em sua análise, que inclui tanto condicionais com *if* (se) e *as if* (como se), quanto construções iniciadas por *because* (porque), a autora investiga o desenvolvimento dessas construções partindo dos pressupostos apresentados por Evans (2007), a fim de verificar possíveis estágios de insubordinação nessas construções particulares.

¹⁹ “[...] can be seen as having separate mental representations as two different constructions or “type nodes” (e.g., Traugott & Trousdale 2013: 22). However, from a constructionist perspective constructions are independent, but not isolated entities (e.g., Fried & Östman 2004: 12, Croft & Cruse 2004: 262–264). They are linked with other, related constructions of different levels of schematicity in a larger taxonomic network of constructions.” (KALTENBÖCK, 2016, p. 367).

A autora atesta em *corpora* o uso das construções independentes com *because* desde o inglês antigo, enquanto que as condicionais com *if* e *as if* foram encontradas apenas a partir do inglês moderno. Segundo Traugott (2017), os padrões encontrados são compatíveis com aqueles propostos para cada estágio da trajetória de insubordinação de Evans (2007) e podem ser distribuídos da seguinte forma:

- a. Casos que configuram o estágio 2, de construções independentes iniciadas por *for* ou *because*, expressando declaração e, eventualmente, desafio, como em:

60) King: Peace, a plague on you, peace; but wherefore asked you how I did?
Queen: **Because I feared that you were hurte my Lord.** (TRAUGOTT, 2017, p. 295)
Rei: ‘Paz, uma praga em você, paz; mas por que lhe perguntei como eu fiz?’
Rainha: ‘**Porque temia que você fosse ferido, meu Senhor.**’

- b. Casos que configuram o estágio 3, de convencionalização da elipse, com construções independentes iniciadas por *if*, expressando pedidos, desejos ou surpresa/indignação, como em:

61) Willie Geist: We should explain this.
Natalie Morales: Yes.
Tamron Hall: Yes.
Natalie Morales: Okay. Al Roker.
Girard: – **Jerry, if you could bring us some Oreos.**
Tamron Hall: We’re not trying to lure in pets from around the neighborhood. (TRAUGOTT, 2017, p. 295)
Willie Geist: ‘Nós deveríamos explicar isto.’
Natalie Morales: ‘Sim.’
Tamron Hall: ‘Sim.’
Natalie Morales: ‘Está bem. Al Roker.’
Girard: ‘Jerry, **se você puder nos trazer algumas Oreos.**’
Tamron Hall: ‘Não estamos tentando atrair animais de estimação da vizinhança.’

- c. Casos de construcionalização (4º estágio) que podem ser:

Construções independentes iniciadas por *as if* para expressar uma ‘recusa’ ou não aceitabilidade por parte do falante:

62) Lauren Worley: I can not believe that he wants to date me. Like, he is just so perfect and so beautiful.

Gio Benitez: (Off-camera) **As if you're not gorgeous.**

Lauren Worley: Well, I appreciate that, but... (TRAUGOTT, 2017, p. 301)

Lauren Worley: 'Não posso acreditar que ele quer se encontrar comigo. Tipo, ele é tão perfeito e bonito.'

Gio Benitez: '**Como se você não fosse linda.**'

Construções iniciadas por *hwæt* no inglês antigo e médio para expressar exclamativas de 'juízo escalar', substituídas por exclamativas iniciadas por *how* e *what* no inglês moderno:

63) **Hwæt we Gardena in geardagum þeodcyninga þrym gefrunon**

How we Spear-Danes' in year-days nation-kings' glory heard

'How much we have heard! We truly know about the might of the nation-kings in the ancient times of the Spear Danes' (TRAUGOTT, 2017, p. 301)

'**Quanto já ouvimos!** Nós realmente sabemos sobre o poder dos reis das nações nos tempos antigos dos *Spear Danes*'

A consideração da autora sobre as construções com *if* e *as if*, em particular, é que essas não expressam condicionalidade, pelo fato de que apresentam força ilocucionária de pedido, desejo, surpresa ou indignação. Traugott (2017) afirma, ainda, que o indicativo do grau de independência ou insubordinação dessas construções é a composicionalidade, observável a partir das variações que ocorrem no sujeito, pronomes e uso (ou não) de verbos modais.

Uma proposta de classificação mais recente e bastante refinada para as condicionais insubordinadas é a de D'Hertefelt (2015) para as línguas germânicas. A autora descreve os diferentes tipos de CCI em inglês, alemão, sueco, islandês, dinamarquês e holandês. A partir dos parâmetros formais e funcionais das condicionais encontradas nos *corpora* utilizados, a autora propõe uma classificação com as seguintes categorias semânticas: *deôntica*, *avaliativa*, *assertiva*, *argumentativa*, *raciocínio* e *pós-modificação*.

As construções deônticas são aquelas que tratam de um estado de coisas potencial que é avaliado em termos de desejabilidade. Essas construções são divididas em dois grupos: as não controladas (desejos potenciais, *irrealis* e contrafactuais) e as controladas (pedidos, ameaças, ofertas e sugestões). Nas construções não controladas, a realização potencial do estado de coisas não está sob o controle de nenhum dos participantes do discurso, nem mesmo por influência do enunciado do falante. Nas construções controladas, a realização potencial do estado de coisas é controlada pelo falante, por meio do seu enunciado, ou pelo interlocutor, da mesma maneira.

As construções não controladas se dividem em a. desejos potenciais, b. *irrealis* e c. contrafactuais²⁰. Nos desejos potenciais, o falante avalia um estado de coisas particular como desejável e indica que ele não tem qualquer influência quanto à sua realização potencial. Nessas construções, o verbo ocorre obrigatoriamente no presente do indicativo. Elas costumam expressar o desejo do falante sobre algo que vai ocorrer no futuro, algo que está acontecendo no momento presente ou que já ocorreu no passado, como em:

64) a. Inglês

Meg settled herself comfortably, sighed, and in a few moments was asleep. “**If only it isn’t snowing!**” murmured Alda. But as they stepped out into the porch a shower of flakes blew in to meet them. (D’HERTEFELT, 2015, p. 80)

‘Meg acomodou-se confortavelmente, suspirou e em poucos instantes adormeceu. “**Se ao menos não estivesse nevando!**” murmurou Alda. Mas quando elas saíram para a varanda, uma chuva de flocos explodiu para encontrá-las.’

b. Dinamarquês

Bare han kommer hjem.

COND he come.PRS home

‘If only he comes home.

Det regner og tordner og han er stadig ude..

It is raining and thundering and he’s still out..’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 80)

‘**Se ao menos ele voltar para casa.** Está chovendo e trovejando e ele ainda está lá fora.’

c. Holandês

[Twitter-conversation] A: Ja hoor! Ik heb gestemd! Op wie? Jaaaaaaa..... ;-) ‘Sure! I voted! For whom? Weeeeeeeell ... [smiley]

B: **Als** dat maar goed gegaan is zonder bril!

COND DEM PRT well go.PPART be.PRS without glasses

If only that went well without glasses!’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 80)

A: ‘Eu votei! Para quem? Bem...’

B: ‘**Se ao menos isso corresse bem sem óculos!**’

²⁰Segundo a autora, essas construções foram bastante abordadas na literatura das línguas germânicas, denominadas de diversas formas, como **optativas** (STIRLING, 1999), **desiderativas** (LINDSTRÖM; LAURY; LINDHOLM, 2013), **‘desire’** (BOOGAART; VERHEIJ, 2013) ou **‘wish’** (DE ROOY, 1965; BUSCHA, 1976; WEUSTER, 1983; OPPENRIEDER, 1989; ANDERSSON, 1982; DECLERCK; REED 2001, PANTHER; THORNBURG 2003; TELEMAN; HELLBERG; ANDERSSON, 2010).

Já os desejos *irrealis*, são aqueles que sinalizam que o falante avalia um estado de coisas particular como desejável, mas sua realização potencial é improvável, como em:

65) Inglês

“Hi! Boy!” I shouted, “take the oars, and row.” I might as well have held my tongue, for he could not understand a word; and as I shouted again and again I looked at him despairingly, for he was sitting on the thwart laughing [...] “Oh, **if I could only make him understand!**--if I could only make him understand!” (...) (D’HERTEFELT, 2015, p.81)

‘Oi! Menino!’ gritei, “pegue os remos e reme.” Eu poderia muito bem ter segurado minha língua, pois ele não conseguia entender uma palavra; e, enquanto eu gritava de novo e de novo, eu olhei para ele desesperadamente, pois ele estava sentado no vau rindo [...] “Oh, **se eu pudesse fazê-lo entender! - se eu pudesse fazê-lo entender!**’

Segundo a autora, os desejos *irrealis* expressam o desejo do falante de que um estado de coisas particular seja realizado, mas ao mesmo tempo indicam que o falante tem algumas considerações sobre sua realização. Em termos formais, isso é marcado pelo uso obrigatório do verbo no passado, o que também é dado como característica das condicionais canônicas com oração principal, em que “o uso de uma forma de pretérito (ou um subjuntivo passado) em uma prótase sinaliza que o falante tem razão para supor que o estado de coisas potencial ao qual a construção se refere provavelmente não será realizado.”²¹(DANCYGIER, SWEETSER, 2005, p. 51, tradução nossa).

Nas construções de desejo contrafactual, o falante expressa o desejo de que algo tivesse acontecido em algum momento do passado, mas, ao mesmo tempo, sabe a concretização de seu desejo não ocorrerá. Formalmente, esse significado é codificado pelo uso obrigatório do verbo no passado perfeito, como em:

66) Alemão

Wenn er doch nur gewusst hätte, was sie dachte.
COND he PRT PRT know.PPART have.PST.SBJV what she think.PST
‘If only he’d known what she thought.
Warum war es so verdammt kompliziert?
Why was it so damn complicated?’ (D’HERTEFELT, 2015, p.85)
‘Se ao menos ele soubesse o que ela pensava. Por que isso foi tão complicado?’

²¹ “[...] the use of a past tense form (or a past subjunctive) in a protasis signals that the speaker has reason to assume that the potential SoA which the construction refers to will probably not be realized.” (DANCYGIER; SWEETSER, 2005, p. 51).

Essa relação entre forma (verbo no passado perfeito) e função (significado contrafactual) também é dada como uma característica das condicionais canônicas na literatura, em que o uso do passado perfeito sinaliza que o falante sabe que o estado de coisas da construção se refere a algo que não foi e não será realizado.

As construções que pertencem ao outro grupo da categoria deôntica são aquelas que se referem a um estado de coisas que é avaliado também em termos de desejabilidade, mas sua realização é controlada por um dos participantes do discurso, seja o falante, seja o destinatário. A autora distingue para esse grupo duas subcategorias, que dependem se o estado de coisas é avaliado como desejável ou indesejável para o falante (*speaker-oriented*) ou para o destinatário (*addressee-oriented*). As construções orientadas para o falante são as que expressam pedidos e ameaças. Já as orientadas para o destinatário, são as que expressam ofertas e sugestões. São exemplos, respectivamente:

67) a. Inglês (pedido)

- A: Yes just a minute I'll give you the head's name. It's er Mr MX.
B: Mr MX.
A: Yeah. He's head of R E.
B: Right. **If I can just take your number.**
A: [telephone number]
B: Right. Okay. Give me ten minutes. (D'HERTEFELT, 2015, p. 99)
A: 'Sim, apenas um minuto. Vou te passar o nome do chefe. É Senhor MX.'
B: 'Senhor MX.'
A: 'Sim, ele é o chefe do R E.'
B: 'Certo. **Se eu puder ter seu telefone.**'
A: '[número de telefone]'
B: 'Certo. Está bem. Me dê dez minutos.'

b. Sueco (ameaça)

- “Vad tror du att hon är? Nån djävla groupie kanske?” Lasse far handlöst genom rummet.
‘What do you think she is? A fucking groupie maybe?’ Lasse flies slapbang through the room.’
Men du kan väl inte locka till dig några groupies!
“But you can't attract any groupies!”
Om du så mycket som tittar på henne igen...
COND you so much as look.PRS at her again
If you so much as look at her again...”
Roland rycker upp Lasse från golvet.
‘Roland jerks Lasse off the floor.’ (D'HERTEFELT, 2015, p. 99)

‘O que você acha que ela é? Uma porra de groupie, talvez?’ Lasse voa pela sala. ‘Mas você não pode atrair nenhum ‘groupie’’. ‘**Se você olhar para ela de novo..**’. Roland empurra Lasse no chão.’

c. Inglês (oferta)

Instead of putting our concern into action, we resort to the feeble offering, “**If there's anything I can do..**” We mean, of course, I want to help. (D’HERTEFELT, 2015, p. 103)

‘Em vez de colocar nossa preocupação em ação, recorremos à débil oferta: ‘**Se houver alguma coisa que eu possa fazer...**’ Queremos dizer, claro, que quero ajudar.’

d. Holandês (sugestão)

A: ggg zeg Anske weet gij wat ggg

‘ggg say Anske do you know what ggg [...]

B: zeg uh keer

tell me

A: **als ik nu eens dichtleg en u weer opbel**

COND I PRT PRT put.down.PRS and you again call.PRS

‘(what) if I put down the phone and call you again’

B: ja yes’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 107)

A: ‘diga Anske você sabe o que’

B: ‘me diga’

A: ‘(e) **se eu desligar o telefone e te ligar de novo**’

B: ‘sim’

A categoria das construções avaliativas inclui todas as condicionais insubordinadas que avaliam um estado de coisas particular como notável, negativo ou absurdo de maneira escalar. As construções avaliativas notáveis referem-se a um estado de coisas em que algo excede os limites do que é considerado normal ou aceitável. As que expressam avaliação negativa, geralmente comparam um estado de coisas avaliado como negativo com outras alternativas ainda piores. As que avaliam algo como absurdo sinalizam que o falante discorda de algo e, ainda, pensa o contrário. Em termos formais, todas essas construções apresentam um elemento qualquer que marque foco contrastivo, marcadores escalares (como ‘*zelfs maar*’ em holandês e ‘*schon*’ em alemão, ambos com significado próximo a *even* (ainda, até, mesmo) em inglês), e alguns verbos modais. Os seguintes casos ilustram os três tipos de construção, respectivamente:

68) a. Holandês

PS: Nu nog meer bewondering gekregen voor die veldrijders => . Da zijn geen gewone bultjes op parcours superprestige zulle :-? .

‘PS: Now I admire these cyclo-cross riders even more [smiley]. Those bumps on the ‘superprestige’ track are not normal ones [smiley].

Amai als ge daar een uur op moet crossen #-o .

INTERJ **COND** you there an hour on must.PRS cross.INF

Wow if you have to ride on that track for an hour [smiley].’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 114)

‘Obs.: Agora admiro ainda mais esses ciclistas de circuito. Esses solavancos na pista de ‘superprestígio’ não são normais. Uau, **se você tiver que andar naquela pista por uma hora.**’

b. Alemão

Da komt Peter.

‘There comes Peter.

Wenn ich den schon SEhe.

COND I him PRT see.PRS.IND

Ugh, just seeing him makes me sick’ [Lit.: If I just sEE him.]

(PASCH *et al.* 2003, p. 400 apud D’HERTEFELT, 2015, p. 115)

‘Lá vem Peter. Ugh, só de vê-lo me sinto mal.’ [Lit.: **Se eu apenas o vejo.**]

c. Holandês

Veel te strakke broek en – alsof het er nog niet dik genoeg boven op ligt – met van die ballonnen vet erbovenuit.

‘Way too tight pants and – as if it isn’t obvious enough already – with balloons of fat bulging out on top.

Nou, **als dat mooi moet zijn!**

INTERJ **COND** DEM pretty must.PRS be.INF

Well, if that’s supposed to be pretty!’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 119)

‘Calças muito apertadas e – como se já não fosse óbvio o suficiente – com balões de gordura salientes por cima. Bem, **se isso é para ser bonito!**’

As construções assertivas são aquelas que expressam uma afirmação. O falante expressa por meio dessas construções a ocorrência de um evento, a identificação de algo ou alguém e qualificação. Como são construções que podem apresentar inversão da polaridade, geralmente apresentam um elemento que marca negação, verbos relacionais, construções mais cristalizadas (a depender da língua) e sintagmas nominais sem determinação. Os seguintes casos ilustram os três tipos, respectivamente:

69) a. Holandês

[context: a man is asked to buy tampons for his girlfriend; he suspects it will be hard to find the right packing] In de winkel aangekomen in de hoop op zoek te gaan naar één tampon verpakking met een geel en oranje kleur erop.

‘Arrived in the shop, hoping to look for one tampon packet that has a yellow and orange color.

Maar helaas, 6 doosjes naast elkaar: geel, oranje, geel, oranje, geel en oranje. Zucht...
But alas, 6 boxes next to each other: yellow, orange, yellow, orange, yellow and orange. Sigh... Ja hoor, **als ik het niet dacht.**

COND I DEM NEG think.PST

Right, I thought so.’ [Lit.: If I didn’t think so.] (D’HERTEFELT, 2015, p. 122)

‘[contexto: um homem é solicitado para comprar absorventes para a sua namorada; ele suspeita que será difícil encontrar a embalagem certa.] Cheguei na loja, na esperança de procurar um pacote de absorventes que tenha as cores amarela e laranja. Mas, infelizmente, 6 caixas uma ao lado da outra: amarela, laranja, amarela, laranja, amarela e laranja. Suspiro... Certo, eu pensei isso. [Lit. **Se eu não pensei nisso.**.]’

b. Islandês

Jú, ef **það skyldi ekki vera Steingrímur J. Sigfússon**

yes **COND DEM shall.PST.SBJV NEG be.INF NAME**

sjálfur sem flutti ræðuna!

self REL give.PST.IND speech

‘Yes, if it wasn’t Steingrímur Sigfússon himself who gave the talk!’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 125)

‘Sim, se não foi o próprio Steingrímur Sigfússon quem deu a palestra!’

c. Inglês

[title of a post about a lost football game]

Well if ever there was a loss we can afford... (D’HERTEFELT, 2015, p. 124)

‘[título de um post sobre um jogo de futebol perdido]

Bem, se alguma vez houve uma perda com a qual podemos arcar...’

As construções argumentativas são aquelas que justificam a atitude implícita do falante em relação a algo dito em um enunciado anterior, como em:

70) Sueco

A: sen / sen tar jag nog jeanskjol- även om den är rätt varm så är den tålig

‘then / then I’ll also take my jeans skirt even though it’s quite warm it’s sturdy

B: mm mm

A: **om det nu är så smutsigt på båtarna som Inge sade**

COND DEM PRT be.PRS so filthy on boats REL NAME say.PST

‘if it’s as filthy on the boats as Inge said’

B: mm mm

A: å så tar jag med mej den där tunna kjolen också

‘and then I’ll also take that fine skirt with me’ (D’HERTEFELT, 2015, p. 129)

A: ‘então / então eu também vou levar minha saia jeans, mesmo que seja bem quente é resistente’

B: mm mm

A: ‘**se é tão imundo nos barcos como Inge disse**’

B: ‘mm mm’

A: ‘e então eu também vou levar essa saia fina comigo’

Esse tipo de construção, segundo D’Hertefelt (2015), pode ser subdividido em dois tipos: as argumentativas diretas e as indiretas. As argumentativas diretas geralmente sinalizam a concordância ou aceitação do falante sobre algo que foi falado anteriormente, geralmente marcadas por um elemento que sinaliza a aceitação, como ‘yes’ (sim) e ‘okay’ (certo, tudo bem) no inglês. Já as indiretas, justificam uma rejeição do falante sobre algo descrito em uma fala anterior, sempre com o verbo no passado. Essas construções geralmente são seguidas de um enunciado que refuta o que foi dito na própria condicional insubordinada.

As construções da categoria de raciocínio são aquelas que convidam o interlocutor a imaginar ou prever possíveis consequências para um estado de coisas potencial, como em:

71) Inglês

Farland summed up. Quite fair to hold out on Winter. It seems he’s keeping things back. **If he knows about the knife... And if he knows that Wally did attack the girl...** There were voices in the hall and Winter entered with the visitor. (PANTHER; THORNBURG, 2003, p.143 apud D’HERTEFELT, 2015, p. 140)

‘Farland resumiu. Bastante justo esconder do Winter. Parece que ele está guardando as coisas. **Se ele souber da faca... E se souber que Wally atacou a garota...** Ouviram-se vozes no corredor e Winter entrou com o visitante.’

Essas construções podem convidar o ouvinte a considerar o que pode acontecer em um cenário potencial, com o verbo no presente ou no futuro, mas também podem se referir a um cenário contrafactual, imaginando ou prevenindo o que poderia ou teria acontecido sob certas circunstâncias, com o verbo geralmente no passado, como por exemplo:

72) Inglês

So it had been chance that saved the organisation. **If Rickie Oppenheimer hadn’t picked up the wrong valise...** But Rickie shouldn’t have been carrying a brief-case that morning. Every other time he’d left it in the office at the Blue Bottle Club. Monday night he’d broken a long-standing habit. (PANTHER; THORNBURG, 2003, p.142 apud D’HERTEFELT, 2015, p.141)

‘Então foi o acaso que salvou a organização. **Se Rickie Oppenheimer não tivesse pego a valise errada...** Mas Rickie não deveria estar carregando uma maleta naquela manhã. Todas as outras vezes ele a deixava no escritório do Blue Bottle Club. Na noite de segunda-feira, ele havia quebrado um hábito de longa data.’

Além disso, podem ser interrogativas, precedidas por conjunções coordenativas como *e*, por exemplo em:

73) Holandês

Ik wil Boris spreken, zei Ángela. Die is er niet. Wat gek, zei Ángela, hij zei dat ik hierheen moest komen. Maar hij is er niet. Kan ik even op hem wachten? Ik denk niet dat hij komt.

‘I want to talk to Boris, Ángela said. He’s not in. That’s strange, Ángela said, he told me to come here. But he’s not here. Can I wait for him? I don’t think he’s coming.’

En als hij wel komt?

and **COND** he PRT come.PRS

‘And if he does come?’

De man bekeek haar van top tot teen en zijn ogen begonnen te stralen. Ben jij Ángela?

‘The man looked her all over and his eyes started shining. Are you Ángela?’

(D’HERTEFELT, 2015, p.141)

‘Quero falar com o Boris, disse Ángela. – Ele não está. Que estranho, disse Ángela, ele me mandou vir aqui. – Mas ele não está aqui. – Posso esperar por ele? – Acho que ele não vem. – **E se ele vier?**’ O homem a olhou por toda parte e seus olhos começaram a brilhar. – Você é Ángela?’

Por fim, as construções da categoria de pós-modificação são aquelas utilizadas para modificar o discurso que as precede, por meio de uma condição extra que é formulada posteriormente. Neste ponto, é importante dizer que essas construções não são consideradas insubordinadas nos moldes de Evans (2007) para D’Hertefelt (2015). Isso porque, como são construções empregadas para modificar algo dito anteriormente, dependem necessariamente do material anterior para serem interpretadas. São exemplos:

74) a. Inglês

A: I will be happy when she comes.

B: **IF she comes.** (DECLERK; REED, 2001, p. 385 apud D’HERTEFELT, 2015, p. 145)

A: ‘Ficarei feliz quando ela vier.’

B: ‘**SE ela vier.**’

b. Dinamarquês

A: jeg kunne da sakkens finde på at flytte derned igen
'so I could then easily imagine moving (down) there again'

B: ja

yes

A: **hvis det var muligt**

COND it be.PST possible

'if it was possible' (D'HERTEFELT, 2015, p. 144)

A: 'então eu poderia facilmente imaginar me mover (para baixo) lá novamente'

B: 'sim'

A: '**se isso fosse possível!**'

As construções descritas por D'Hertefelt (2015) apresentam diferentes graus de construcionalização, como se vê pelos padrões de forma-função apresentados em cada categoria. A autora considera que alguns tipos de CCI podem ter seguido a trajetória de insubordinação proposta por Evans (2007), porque apresentam um resquício de uma possível oração principal, como as construções de raciocínio em dinamarquês, que são obrigatoriamente precedidas por '*hvad*' (*que*). Por outro lado, alguns casos parecem indicar um desenvolvimento distinto, com relações de dependência pragmática mais evidentes e sem um significado convencionalizado, como é o caso das construções pós-modificadoras. Segundo a autora, esses casos seriam mais bem descritos em termos de mudança de dependência (D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014), e não como casos 'verdadeiros' de insubordinação, nos moldes de Evans (2007). Por fim, D'Hertefelt (2015) conclui que, apesar dessas construções serem empregadas para expressar significados interpessoais, de modo geral, existe uma preferência no uso dos tipos deônticos e avaliativos nas línguas germânicas.

Embora apenas algumas propostas de classificação tenham sido aqui expostas, nota-se que a maioria parece convergir de alguma forma no que diz respeito às categorias identificadas e propostas no uso das condicionais insubordinadas, algumas mais detalhadas ou expandidas, outras menos. Algumas se utilizam de uma nomenclatura que transparece o estatuto gramatical das construções, em relação aos seus graus de composicionalidade, como é o caso da proposta de Hirata-Vale (2015). Outras, de nomenclaturas que capturam os aspectos semânticos, como a de D'Hertefelt (2015), ou pragmáticos, como a de Stirling (1999) e a de Kaltenböck (2016).

Além das descrições que integram forma e função, a maioria dos autores também reconhece a existência de um processo, por meio do qual a construção insubordinada passa a desempenhar funções discursivo-pragmáticas específicas e se comporta cada vez mais como

uma construção independente. São propostas consideradas bastante pertinentes ao trabalho que ora se desenvolve, tendo em vista que este objetiva também fornecer uma classificação funcional para essas construções no português.

No próximo capítulo, apresenta-se uma introdução à Gramática de Construções, com o objetivo de demonstrar sua aplicabilidade ao fenômeno da insubordinação de modo geral, assim como fora brevemente mencionado no capítulo I.

CAPÍTULO III: ABORDAGENS CONSTRUCIONAIS E O FENÔMENO DA INSUBORDINAÇÃO

Como demonstrado no primeiro capítulo, as construções insubordinadas, em geral, representam um desafio para as teorias descritivas e para os modelos tradicionais de gramática. Isso ocorre porque são construções que combinam a independência sintática a marcas formais de subordinação e constituem um tipo de construção que parece fugir às regras tradicionalmente estabelecidas nos processos de combinação de orações. Como afirmam Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019), “orações insubordinadas fazem jus ao duplo sentido do termo *insubordinação*, como construções altamente “indisciplinadas”.²² (BEIJERING; KALTENBÖCK; SANSIÑENA, 2019, p. 5, tradução nossa)

O fenômeno da insubordinação tem sido marginalizado em gramáticas tradicionais e abordagens formalistas em razão da própria concepção de gramática que esses modelos adotam. De modo geral, não tratam a gramática a partir do uso efetivo da língua, mas resumem-se a um modelo baseado na *competência*, na modalidade escrita e geralmente separada da *performance*.

Diferentemente desses modelos, a Gramática de Construções permite tratar qualquer construção como pareamento de forma e função convencionalizado, mas ainda com certa idiosincrasia, em que o significado pode ser atribuído à construção como um todo. Também permite analisar a relação entre construções semelhantes a partir de seu conceito de *rede construcional*, em que as construções são vistas como entidades relacionadas formal ou funcionalmente a outras construções em uma organização taxonômica. Os casos de insubordinação podem ser tratados considerando seus diferentes graus de composicionalidade e, ainda, em relação a outros padrões construcionais semelhantes, como as próprias orações subordinadas.

Tendo em vista que este trabalho é ancorado nessa perspectiva da gramática, o presente capítulo tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos gerais da teoria e seus conceitos chave, que serão retomados nos capítulos posteriores. Atualmente, existem diversas propostas de abordagem construcional com finalidades distintas, como análises diacrônicas, formais, computacionais, dentre outras, que coincidem em ao menos quatro pressupostos teóricos básicos. Na próxima parte, esses pressupostos serão apresentados, assim como outros fatores relevantes no que se refere à constituição das construções.

²² “[...] in subordinate clauses live up to the double-meaning of the term ‘in subordination’ as highly ‘unruly’ constructions.” (BEIJERING, KALTENBÖCK, SANSIÑENA, 2019, p. 5).

3.1 Princípios básicos da Gramática de Construções

É comum que se utilize o termo ‘Gramática de Construções’ para tratar genericamente de abordagens construcionais. A Gramática de Construções pode ser entendida como uma família de teorias gramaticais relacionadas que aderem aos princípios gerais da Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, a unidade básica de análise é a construção, isto é, um pareamento de forma e significado, ou forma e função, e não há uma distinção rígida entre léxico e gramática. Sendo assim, as construções, sejam elas mínimas, como morfemas, ou complexas, como padrões sintáticos, fazem parte de um *continuum* léxico-gramática.

Essa visão sobre a gramática surge em meados de 1980, na Universidade da Califórnia (Berkeley), a partir de trabalhos como os de Fillmore, de Kay e de Lakoff. A partir de então, uma série de trabalhos de orientação construcional foi desenvolvida, de modo que, atualmente, têm-se abordagens construcionais com finalidades descritivas diversas, como se apresenta em Hoffman e Trousdale (2013), como análises diacrônicas, psicolinguísticas etc.

Dentre as propostas de maior destaque, encontram-se a *Berkley Construction Grammar*, a *Cognitive Grammar*, a *Sign-Based Construction Grammar*, a *Radical Construction Grammar* e a *Cognitive Construction Grammar*. Embora esses e os demais modelos apresentem diferenças em relação aos seus objetivos e ao escopo de análise, compartilham ao menos quatro pressupostos básicos mais gerais (GOLDBERG, 2013), os quais serão descritos na sequência.

O primeiro, e talvez o mais importante, é o pressuposto de que as construções são unidades simbólicas convencionais, isto é, associações de forma e significado compartilhadas entre falantes e que podem ser menos ou mais frequentes no uso (e conseqüentemente ativas na mente do falante) (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Para que o falante possa entender e produzir a língua, é preciso que esses padrões sejam adquiridos, por meio de *inputs*, aprendidos e armazenados no conhecimento.

O segundo pressuposto teórico é o de que não há qualquer processo derivacional por trás da estrutura superficial de uma construção. Ao contrário dos pressupostos da teoria gerativa, que postulam a existência de processos transformacionais ou derivacionais que levam uma estrutura profunda a uma estrutura superficial, nessa concepção de gramática a estrutura semântica das construções é projetada diretamente na estrutura sintática superficial (GOLDBERG, 2003).

O terceiro pressuposto básico é o de que a linguagem opera da mesma maneira que outros sistemas cognitivos, como uma espécie de rede interconectada (BYBEE, 1985;

LANGACKER, 1988; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; DIESEL, 2018). Sendo a língua uma grande rede, os diferentes pareamentos de forma e função, que constituem desde morfemas até padrões sintáticos mais gerais, representam nós, que estabelecem relações hierárquicas, de herança, e de polissemia entre si (GOLDBERG, 1995; HILPERT, 2014). É essa organização que possibilita que o falante interprete uma construção específica com a qual ainda não tenha se deparado no uso, em função de algum padrão compatível já armazenado em seu conhecimento linguístico.

Como quarto pressuposto comum entre as diferentes abordagens construcionais, tem-se a concepção da estrutura linguística moldada pelo uso e dos fenômenos linguísticos como produtos da experiência, da rotinização, da perspectivação. Nesse sentido, fenômenos como a variação linguística, por exemplo, podem ser explicados a partir de processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010).

As análises construcionais, em geral, consideram que uma construção é “um conjunto de condições formais sobre morfossintaxe, interpretação semântica, função pragmática e fonologia que conjuntamente caracterizam ou licenciam certas classes de objetos linguísticos.”²³(FILLMORE, 1999, p. 113, tradução nossa). Sendo assim, todos os aspectos de uma construção, sejam eles formais ou funcionais, são considerados como evidências distintivas, mesmo que sejam comparados entre construções bastante similares. Mudanças em forma e/ou significado, ainda que mínimas, sinalizam a emergência de novas construções na estrutura de rede, isto é, novos nós.

Também se assume que as construções são abstrações, instanciadas no uso da língua por meio de realizações específicas. As construções da língua fazem parte de um *continuum* de especificidade-esquematicidade, que vai de construções mais específicas (com seus ‘slots’ fechados) a construções mais genéricas (com um maior número de *slots* abertos). Essa visão será mais bem explorada na próxima parte, que trata particularmente da constituição das construções.

3.1.1. As construções

O conceito de construção adotado no quadro teórico em questão é baseado na noção de signo linguístico de Saussure (1916), constituído a partir da associação entre uma forma

²³ “[...] A set of formal conditions on morphosyntax, semantic interpretation, pragmatic function, and phonology, that jointly characterize or license certain classes of linguistic objects.” (FILLMORE, 1999, p. 113).

(acústica) e um conceito, um significante e um significado. Saussure (1916) se utiliza da metáfora da moeda para se referir ao signo linguístico, em que cada lado da moeda representa as partes que compõem o signo: de um lado, temos as propriedades formais, como a sequência fonológica que corresponde à sua realização sonora; de outro lado, as propriedades semânticas, a conceituação mental que o falante tem sobre ele (uma espécie de imagem mental).

Embora a noção inicial de signo seja restrita, basicamente, às palavras, ela pode ser estendida às outras unidades da língua, desde a menor que apresente uma relação de correspondência entre uma forma e um significado, como um morfema, por exemplo.²⁴ Esta é a visão de autores como Croft (2001) e Barðdal (2008), que consideram construções composicionais e não composicionais com o mesmo estatuto, isto é, como construções. A grande vantagem dessa visão de gramática, como já pontuado, é que permite tratar todos os elementos gramaticais, dos menores aos mais complexos, de maneira uniforme.

As propriedades que constituem a forma de uma construção são fonológicas, morfológicas e sintáticas. O significado é constituído pelas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas da construção. Pelo fato de não haver uma distinção rígida entre léxico e gramática, as construções podem apresentar diferentes graus de complexidade interna. Nas abordagens que trabalham a noção de rede, como em Traugott e Trousdale (2013), as construções são hierarquicamente organizadas seguindo um *continuum* de lexicalidade-esquematicidade. A organização interna da rede é motivada de acordo com as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

3.1.1.1. A esquematicidade

Na literatura construcional, discute-se a especificidade e a generalidade das construções linguísticas. Essas características, aplicadas à noção de rede hierárquica, implicam em uma organização categórica, ou taxonômica, que vai de construções mais específicas às mais genéricas da língua. A propriedade que se refere a essa organização taxonômica é a esquematicidade. É uma propriedade de categorização que permite generalizar padrões.

²⁴ Embora a grande maioria dos autores considere esse ponto de vista, nem sempre essa é a definição adotada. Diessel (2018), por exemplo, considera que a construção é um padrão gramatical que envolve ao menos dois elementos com significado, como duas palavras, ou uma palavra e um morfema. Para ele, palavras ‘monomorfêmicas’, isto é, palavras simples e morfemas isolados são apenas lexemas.

A noção de esquematicidade pode ser aplicada a qualquer domínio em que se tem categorias inter-relacionadas, como a biologia, por exemplo, na relação entre espécies e subespécies de animais. Essas categorias são denominadas *esquemas*. Em relação à linguagem,

[...] esquemas são grupos de construções abstratas e semanticamente gerais, sejam procedurais ou de conteúdo [...]. Eles são abstrações em conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como intimamente relacionadas entre si na rede construcional. Os graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou especificidade e à extensão em que as partes da rede são ricas em detalhes (LANGACKER, 2009).²⁵ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa)

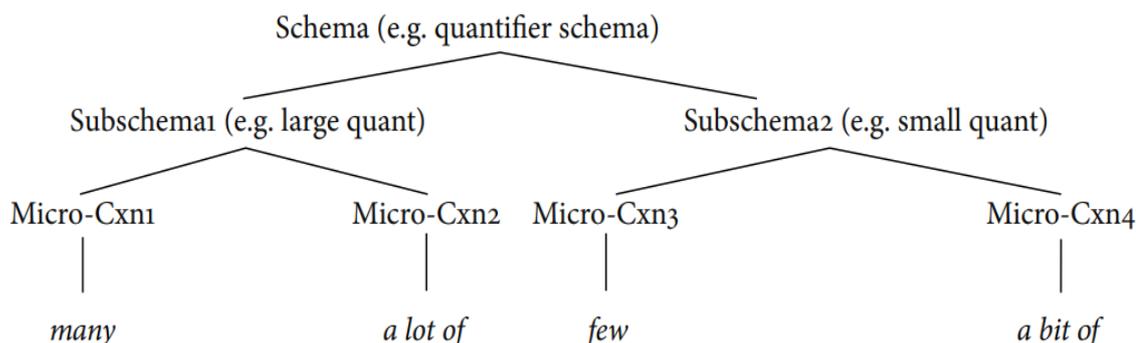
Em outras palavras, os esquemas são padrões abstratos, genéricos, dos quais se derivam outras categorias, neste caso, em particular, as construções da língua. Por exemplo, a sentença ‘Maria fez um bolo de chocolate’ é uma construção específica derivada de um padrão sintático mais genérico, a saber, [Sujeito Verbo Objeto].

Segundo Goldberg (2006), esses esquemas mais genéricos fazem parte da cognição humana, do conhecimento linguístico. A partir desses esquemas abstratos, o falante produz uma série de construções que apresentam alguma compatibilidade em forma e significado.

Os esquemas, de modo geral, abrangem subcategorias menos específicas. No quadro teórico aqui apresentado, propõe-se uma organização vertical das construções em quatro níveis, que vai do mais específico ao mais abstrato, de baixo para cima. O nível mais específico, que corresponde às instâncias atestadas no uso da língua, é denominado *construto*. Os construtos são instâncias das *microconstruções*, nível que compreende as construções convencionalizadas na língua. As microconstruções são licenciadas pelos *subesquemas*, que, por sua vez, constituem padrões mais genéricos dos quais são capturadas características comuns de construções similares. Por fim, os esquemas configuram construções ainda mais abstratas que abarcam todos esses níveis mais específicos em um único padrão, que pode ser entendido como uma ‘construção-mãe’. A rede abaixo é um exemplo dessa organização taxonômica:

²⁵ “[...] Schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful (...) They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (Langacker 2009).” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

Figura 2 - Representação esquemática dos quantificadores no inglês



Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

Na figura 2, tem-se um recorte da representação esquemática dos quantificadores no inglês. O esquema mais abstrato refere-se à classe dos quantificadores. A partir do nível do subsquema, um pouco mais específico, dividem-se os quantificadores que se referem às grandes quantidades e os que se referem às pequenas quantidades. No nível da microconstrução, observam-se os diferentes tipos de quantificador tanto para grandes quantidades, quanto para pequenas quantidades. Do lado esquerdo, estão ‘*many*’ e ‘*a lot of*’ como tipos de quantificador de grandes quantidades. Do lado direito, ‘*few*’ e ‘*a bit of*’ para pequenas quantidades. O nível do construto, não representado nessa figura, refere-se às instâncias de uso das microconstruções em ocasiões particulares produzidas pelo falante. Em outras palavras, são os ‘*tokens*’, ou instâncias reais, produzidos e atestados empiricamente com os quantificadores *many*, *a lot of*, *few* e *a bit of*.

É no nível do construto em que se observam as inovações individuais, produzidas inicialmente por um falante e posteriormente convencionalizada por uma comunidade. Segundo Traugott e Trousdale (2013), é neste nível em que se iniciam as mudanças na língua, “quando a replicação de tokens leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis para usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamados de ‘novos’.”²⁶ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17, tradução nossa). Quando essas inovações são convencionalizadas, têm-se novas microconstruções. Isso será retomado mais adiante.

Em suma, a organização esquemática das construções é uma espécie de representação mental do conhecimento linguístico, isto é, como armazenamos as construções que conhecemos

²⁶ “[...] When replication of tokens leads to provisional categorizations that were not available to language-users before and can therefore be called ‘new’.” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

e produzimos no uso da língua. A intensidade com que empregamos essas construções no uso cotidiano tem a ver com a *produtividade*, noção que será discutida na sequência.

3.1.1.2. A produtividade

A produtividade é uma propriedade bastante discutida na literatura linguística, não apenas no quadro teórico construcional. Não se trata de uma noção unívoca, porque, assim como demonstra Barðdal (2008), após realizar um levantamento do termo na literatura, este termo é utilizado com pelo menos dezenove significados diferentes. A partir desses significados, a autora propõe um metaconceito, que se subdivide em: i. generalidade; ii. regularidade; iii. extensibilidade.

A produtividade enquanto *generalidade* refere-se à esquematicidade da construção. Enquanto *regularidade*, é a frequência de uso da construção. Como *extensibilidade*, a capacidade de uma construção de desenvolver novas funções ou atrair itens já existentes. Todas essas características estão relacionadas de alguma maneira, como afirma a autora:

As categorias gerais são sempre extensíveis, enquanto as categorias extensíveis não precisam ser gerais. As categorias gerais podem ou não ser regulares, assim como as categorias regulares podem ou não ser gerais. E, finalmente, as categorias regulares podem ou não ser extensíveis, exatamente como as categorias extensíveis podem ou não ser regulares.²⁷ (BARÐDAL, 2008, p.22, tradução nossa)

Neste trabalho, adota-se produtividade de duas formas: i. como extensibilidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que indica, de forma gradiente, quanto uma construção esquemática sanciona outras construções menos esquemáticas e o quanto essa construção é restrita; ii. como regularidade, a partir da verificação da frequência de uso de determinada construção em *corpus*.

A produtividade enquanto extensibilidade é verificável a partir da frequência de tipo (*type frequency*) da construção (BYBEE, 2011), isto é, o número de possibilidades diferentes sancionadas por um mesmo (sub)esquema. Enquanto regularidade, a produtividade é verificável a partir da frequência de ocorrência (*token frequency*) da construção, ou seja, o número de vezes que uma mesma microconstrução ocorre no *corpus*, através de suas instâncias de uso.

²⁷ “General categories are always extendable while extendable categories need not be general. General categories may or may not be regular, as regular categories may or may not be general. And finally, regular categories may or may not be extendable, exactly as extendable categories may or may not be regular.” (BARÐDAL, 2008, p.22).

A investigação da produtividade tanto do ponto de vista da extensibilidade, por meio da frequência de tipo, quanto do ponto de vista da regularidade, a partir da frequência de uso, permite captar sinais de mudança linguística. Na extensibilidade de um (sub)esquema, como afirmam Traugott e Trousdale (2013), observa-se a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004), já que o padrão construcional é ampliado com a entrada de uma nova construção que antes não era pertencente a ele. A regularidade do uso de determinada construção permite observar não só inovações, como também a convencionalização da construção em um padrão formalmente identificável, isto é, uma microconstrução.

Nota-se, até aqui, que as propriedades de esquematicidade e produtividade são intrinsecamente relacionadas. Assim também ocorre com a propriedade de composicionalidade, já que ela reflete quão convencionalizada é uma construção a partir da relação de correspondência entre forma e significado. Essa noção é apresentada na próxima parte.

3.1.1.3. A composicionalidade

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência da relação entre forma e significado de uma construção. Do ponto de vista semântico, refere-se à relação do significado das partes e o significado do todo. Do ponto de vista sintático, ao grau de integridade morfossintática das subpartes (ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016, p. 246). Em outras palavras:

A sintaxe é composicional no sentido de que constrói recursivamente expressões bem formadas mais complexas com base nas menores, enquanto a semântica é composicional construindo os significados de expressões maiores com base nos significados de expressões menores (em última análise, palavras ou morfemas) (HINZEN, WERNING, MACHERY, 2012, p.3).²⁸ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução nossa)

Nesse sentido, a composicionalidade pode ser entendida em termos de convergência (*match*) ou divergência (*mismatch*) entre aspectos de forma e aspectos de significado da construção. Quando uma construção apresenta a convergência entre esses dois componentes, o significado do todo é depreendido pelas partes. Na divergência, não se pode depreender o significado do todo ao segmentar a construção. Isso ocorre porque a construção passou por um

²⁸ “‘Syntax is compositional in that it builds more complex well-formed expressions recursively, on the basis of smaller ones, while semantics is compositional in that it constructs the meanings of larger expressions on the basis of the meanings of smaller ones (ultimately words, or rather morphemes)’ (Hinzen, Werning, and Machery 2012: 3).” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19).

processo de mudança, tornando-se opaca. É o caso das expressões idiomáticas, por exemplo. Em construções como ‘enfiar o pé na jaca’, ‘bater as botas’, ‘chutar o balde’ etc., a interpretação do estado de coisas não é literal. A construção ‘enfiar o pé na jaca’ não se refere ao ato de enfiar literalmente o pé em uma jaca, mas, sim, ao ato de cometer excessos, o seu significado convencionalizado.

A composicionalidade também se trata de uma propriedade de gradiência. Existem construções mais e outras menos composicionais. Em expressões idiomáticas, por exemplo, é possível testar o grau de composicionalidade inserindo outros elementos no interior da construção, como *saia justa* > *saia meio justa*; *chutar o balde* > *chutar mais ou menos o balde*; *bater as botas* > *bater levemente as botas*. Em alguns casos, o significado da construção acaba prejudicado, como em ‘bater levemente as botas’, isso porque se trata de uma construção completamente não composicional.

Esse conceito se estende para outros tipos de construções, como as subordinadas, por exemplo. Nas construções subordinadas, a composicionalidade se reflete não só no significado expresso pelas construções, como também em seu grau de independência em relação ao contexto em que ocorrem. As construções que têm um significado mais especializado geralmente são mais independentes do ponto de vista sintático. Nas CCIs, por exemplo, nota-se um esvaziamento do sentido de condição original da construção, motivado, primeiramente, pelo apagamento da oração principal. A suspensão da oração principal possibilita a inferência de outros significados codificados pragmaticamente, já que a relação entre a condição e a realização do estado de coisas, anteriormente codificada por meio da realização da oração principal, deixa de existir.

Como os processos de mudança acabam por afetar os componentes internos da construção, isto é, os aspectos de forma e os aspectos de significado, todas essas propriedades aqui apresentadas também são afetadas. Na próxima parte, trata-se especificamente da mudança linguística nas abordagens construcionais e da noção de rede neste contexto.

3.1.2. A mudança nas abordagens construcionais

No quadro teórico construcional, como fora mencionado, a gramática é concebida como uma rede interconectada de construções. Nesse sentido, processos de mudança em uma construção particular não afetam apenas as propriedades de forma e função dessa construção, mas acabam por afetar todo seu entorno, isto é, a configuração da rede na qual essa construção

está inserida. Os processos de mudança, nessa perspectiva, envolvem necessariamente a interação entre falantes, sendo assim, um processo de natureza cultural, e não biológica, como se vê em outras abordagens.

A mudança linguística, segundo Traugott e Trousdale (2013), ocorre em micropassos observáveis em qualquer nível de abstração, mas é disparada nos construtos, ou seja, a partir de casos de inovação individual. Em outras palavras, construções realizadas por um único falante, em um contexto específico, que podem ser posteriormente convencionalizadas pela comunidade falante. Para esses autores, a mudança linguística abarca dois processos, a saber, a *mudança construcional* e a *construcionalização*. A diferença entre esses processos é o fato de que, no primeiro, ocorrem modificações em traços do componente da forma ou do componente do significado em uma construção já existente, enquanto no segundo, após uma sucessão de pequenas mudanças que afetam ambos os componentes, chega-se a um novo pareamento de forma e significado.

O ponto de partida da mudança é uma nova representação na mente do falante, que se dá por meio da *neoanálise*, isto é, uma nova interpretação de uma construção já existente, após ter algum traço de forma ou de significado modificado. A correspondência entre a forma e o novo significado é realizada por meio de *pensamentos analógicos*, que resultam no recrutamento de uma construção para um subesquema. Esse recrutamento é denominado *analogização*.

Os processos de neoanálise e analogização ocorrem simultaneamente na interação. O uso de uma construção na qual se atribui um novo significado na interação faz com que ambas as partes, o falante e o ouvinte, reinterpretem a construção com esse novo significado. À medida que demais falantes passam a compreender e, posteriormente, a utilizar essa construção com esse novo significado, chega-se à convencionalização. Nesse sentido, a convencionalização consiste na aceitação da comunidade falante de novas relações entre formas e significados neoanalisados.

As *mudanças construcionais*, como já mencionado, afetam apenas uma dimensão da construção, aspectos de forma ou de significado. Podem ou não atingir o estágio da construcionalização, assim como também podem ocorrer após a construcionalização. As mudanças construcionais que precedem a construcionalização podem apresentar divergência entre forma e significado da construção, expansão pragmática e mudanças distribucionais. São exemplos de mudança construcional no eixo da forma a erosão de partes de uma construção, em decorrência do uso frequente, como é o caso de *está > tá*, *espera aí > pera aí* etc. No eixo do

significado, a atribuição de um novo significado mais abstrato a uma construção cujo significado inicial é concreto, de ação, como o verbo ‘pegar’ na construção [PEGAR + SN]: ‘pegar um copo’ > ‘pegar um resfriado’ > ‘pegar ranço’ > ‘pegar a visão (sobre algo)’.

A *construcionalização* refere-se ao resultado de uma série de pequenas mudanças que afetaram, ao longo do tempo, ambos os componentes da construção, de forma e de significado. Quando se atinge a construcionalização, tem-se um novo pareamento de forma e significado, ou, nos termos da teoria, a emergência de um novo nó na rede construcional.

A construcionalização pode dar origem a construções lexicais e gramaticais. Na construcionalização lexical, formam-se novos pareamentos de forma-função que fazem parte das categorias lexicais (substantivos, adjetivos, verbos). Como o conteúdo convencionalizado nesse tipo de construcionalização é mais pleno e menos subjetivo, os elementos derivados do processo são mais composicionais e menos esquemáticos na língua, uma vez que podem surgir instantaneamente, por meio de analogização. Um exemplo para este tipo de construcionalização é a emergência de construções a partir do esquema [*Neiro*] no português brasileiro, como *boleiro*, *padeiro*, *açougueiro*, dentre outras.

Na construcionalização gramatical, formam-se novas construções que fazem parte das categorias gramaticais, como preposições, pronomes, conjunções etc. Neste tipo de construcionalização, os elementos passam a ter significado mais abstrato e procedural, tornam-se menos composicionais e mais esquemáticos na língua. Esse tipo de mudança tende a ocorrer em pequenos passos em uma trajetória, captados através de contextos mais específicos. O esquema [LocV]_{CONEC} (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016) no português é um exemplo de construcionalização gramatical, em que traços das categorias originais das subpartes da construção, os locativos e os verbos, são apagados para a formação de um todo semântico-sintático, que resulta em construções que atuam na conexão de porções textuais. São exemplos ‘aí vai’, ‘la vai’, ‘aí está’ etc.

Nesse sentido, é possível sistematizar etapas da mudança linguística da seguinte maneira:

Quadro 2 - Etapas de mudança linguística nas abordagens construcionais

Inovação (1)	Convencionalização (2)	Construcionalização (3)	Pós construcionalização (4)	Redução de forma (5)
O ouvinte interpreta o construto e o analisa de maneira diferente. Na sequência, o emprega com o novo significado.	O construto neoanalisado passa a ser empregado por outros falantes com o novo significado em contextos específicos.	Neoanálise morfossintática e semântica convencionalizada pela comunidade falante, dando origem a uma nova microconstrução.	A nova construção pode ser expandida e reorganizada em novos subesquemas.	Uso frequente ou obsolescência da construção, que podem levar a decréscimo de uso e até ao zero.

Fonte: adaptado de Rosário e Oliveira (2016)

Os trabalhos mais recentes acerca do fenômeno da insubordinação têm demonstrado que são diversos os mecanismos envolvidos no surgimento dessas construções. No entanto, não há propostas que partam da perspectiva aqui apresentada. Pouco se fala sobre os micropassos de mudança, dos processos de *neoanálise* e *analogização*, embora pareçam bastante pertinentes quando se pensa a respeito de uma trajetória de insubordinação. Nesse sentido, nos capítulos que seguem, apresenta-se uma proposta de cunho construcional, que discute esses processos na trajetória de insubordinação de construções condicionais.

No próximo capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos envolvidos na realização do presente trabalho, alinhados ao quadro teórico-metodológico construcional.

CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base na perspectiva teórica-metodológica da Gramática de Construções, utilizando dados diacrônicos que alcançam do século XV ao século XX, coletados em *corpora*, objetivou-se descrever CCIs com *se* no português quali-quantitativamente.

No modelo teórico adotado, as construções são analisadas de acordo com a sua *esquematicidade, produtividade e composicionalidade*. Também se assume que as construções se relacionam em uma estrutura de rede, por meio da qual traços de construções mais específicas são capturados taxonomicamente de construções mais gerais, esquemáticas. Para analisar as condicionais insubordinadas seguindo tal perspectiva, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- a. Coleta de dados em *corpora*;
- b. Estabelecimento de critérios de seleção e exclusão dos dados;
- c. Análise qualitativa;
 - i. Estabelecimento de critérios formais;
 - ii. Estabelecimento de critérios funcionais;
- d. Análise quantitativa;
 - i. Estabelecimento da amostra a ser utilizada;
 - ii. Estabelecimento de critérios de análise da produtividade;
- e. Elaboração de rede construcional.

Tratando-se de uma análise quali-quantitativa, a primeira parte dedica-se à coleta de dados, que ocorreu de forma exaustiva em dois *corpora* históricos, apresentados na próxima parte. Esses dados foram filtrados seguindo critérios de seleção estabelecidos de acordo com as limitações do fenômeno em análise. A partir dessa filtragem, descrita no subcapítulo 4.2, as amostras de dados foram analisadas de duas formas diferentes. A primeira, refere-se à análise qualitativa, que compreende a elaboração de uma proposta de classificação funcional para as CCIs e a investigação diacrônica do fenômeno, partindo de critérios definidos particularmente em Evans (2007). A segunda, à análise quantitativa das CCIs, a fim de investigar a questão da produtividade dessas construções nos moldes da teoria construcional. Desse modo, foram estabelecidos critérios para a primeira análise, com base em aspectos formais e funcionais, e para a segunda análise, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria. A última

etapa, de elaboração de uma rede construcional, também seguiu os pressupostos da teoria, a partir da classificação funcional proposta.

Nas próximas partes, todas essas etapas serão descritas em mais detalhes.

4.1. Coleta de dados em *corpus*

O presente trabalho, sendo de cunho funcionalista, investiga o uso efetivo das CCIs com *se* no português com base em dados coletados de dois *corpora*, a saber, o módulo histórico/gênero do Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), com 45.000.000 de palavras, e o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES, ANDRADE, FARIA, 2017), com mais de 3.000.000 de palavras. Esses *corpora* foram considerados porque apresentam um acervo bastante diversificado em termos de gênero textual, o que pode propiciar o aparecimento de diferentes tipos de condicional subordinada, a partir de textos que alcançam do século XIII ao século XX.

Como diferem quanto à organização do catálogo, sistemas de busca (etiquetagem e anotação) e ferramentas disponibilizadas ao usuário, os *corpora*, as estratégias de busca em cada um e seus respectivos resultados serão apresentados separadamente nas subseções que seguem.

4.1.1. Corpus do Português

O Corpus do Português é um *corpus* bastante extenso da língua portuguesa, que se subdivide em diferentes módulos (Gênero/histórico, Web/Dialetos, NOW e WordAndPhrase). Sendo este um trabalho diacrônico, limitou-se a coleta de dados apenas ao módulo gênero/histórico, o qual será chamado daqui em diante apenas de CdP.

O CdP é composto por 57.000 textos, os quais, a partir do século XX, são divididos em quatro gêneros diferentes: acadêmico, notícia, ficção e oral (transcrição de fala). São 45 milhões de palavras distribuídos da seguinte forma:

Tabela 1 - Distribuição do número de palavras do CdP por século

PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
Histórico			
550,968	1200	Portugal	
1,316,268	1300	Portugal	
2,875,653	1400	Portugal	
4,435,031	1500	Portugal/Brasil	
3,407,741	1600	Portugal/Brasil	
2,234,951	1700	Portugal/Brasil	
10,008,622	1800	Portugal/Brasil	
Português moderno: gêneros/país			
3,087,052	1900	Portugal	Acadêmico
3,271,328	1900	Portugal	Notícias
3,048,020	1900	Portugal	Ficção
1,100,303	1900	Portugal	Oral
2,816,802	1900	Brasil	Acadêmico
3,346,988	1900	Brasil	Notícias
3,028,646	1900	Brasil	Ficção
1,078,586	1900	Brasil	Oral

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>

Com um sistema de consulta bastante robusto e eficiente, é possível consultar construções por meio de etiquetas morfológicas (*parts of speech*) mais ou menos especificadas em sua própria plataforma. Ainda que não tenha um sistema de anotação sintática, o *corpus* possibilita que construções sintáticas sejam buscadas por meio da combinação dessas etiquetas morfológicas.

Como um primeiro passo da coleta de dados, realizou-se um estudo do *corpus* para captar padrões morfossintáticos capazes de otimizar as buscas em relação ao número de resultados, sendo o mais abrangente possível e trazendo o máximo de ocorrências de construções subordinadas. Diferentes expressões de busca (combinações de etiquetas

morfológicas) foram testadas, variando a especificidade dos elementos selecionados na expressão, de modo a se chegar num padrão de expressões satisfatório.

As CCIs geralmente ocorrem em um turno de fala separado e, por essa razão, costumam aparecer precedidas por um sinal de pontuação na escrita. Dessa forma, foram testadas, em princípio, expressões iniciadas por sinais de pontuação sem especificação (*_y**), seguidos da palavra *se* (sem etiqueta de classe morfológica) e o verbo (*_v**), sem especificação de tempo e modo. Foram testadas expressões com 0 a 6 elementos quaisquer entre a conjunção e o verbo, sinalizadas pela etiqueta *** no *corpus*. Essa quantia de elementos não especificados entre a conjunção e o verbo não foi escolhida de forma arbitrária. Após uma série de testes, notou-se que, para buscas de padrões que excedem 9 elementos, o *corpus* gera algum tipo de erro, o qual impede que o motor de busca retorne resultados. O processamento normal dos resultados só foi possível com construções compostas de até 9 elementos, como os seguintes padrões:

Tabela 2 - Expressões de busca sem especificações testadas no CdP

Expressões de busca sem especificações	Nº de tokens
<i>_y* se _v*</i>	30.294
<i>_y* se * _v*</i>	20.204
<i>_y* se ** _v*</i>	16.955
<i>_y* se *** _v*</i>	13.060
<i>_y* se **** _v*</i>	12.264
<i>_y* se ***** _v*</i>	12.230
<i>_y* se **** * _v*</i>	12.254
TOTAL	117.261

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, essas expressões sem muitas especificações retornam um grande número de resultados. Os elementos que ocupam a posição entre a conjunção e o verbo costumam ser uma espécie de restrição para o número de resultados total. No entanto, nota-se que os resultados para expressões com 4, 5 ou 6 elementos entre *se* e o verbo continuam

igualmente altos. Os sinais de pontuação também servem como uma possível restrição, como se pode notar quando se testam as mesmas expressões, especificando-os:

Tabela 3 - Expressões de busca com especificações de sinal de pontuação testadas no CdP

Expressões iniciadas por .	Nº de tokens	Expressões iniciadas por !	Nº de tokens	Expressões iniciadas por ?	Nº de tokens	Expressões iniciadas por -	Nº de tokens
. se _v*	4.394	! se _v*	474	? se _v*	305	- se _v*	1.374
. se * _v*	4.233	! se * _v*	584	? se * _v*	356	- se * _v*	1.443
. se ** _v*	4.059	! se ** _v*	453	? se ** _v*	283	- se ** _v*	1.028
. se *** _v*	3.069	! se *** _v*	341	? se *** _v*	190	- se *** _v*	788
. se **** _v*	2.797	! se **** _v*	332	? se **** _v*	223	- se **** _v*	735
. se ***** _v*	2.759	! se ***** _v*	292	? se ***** _v*	197	- se ***** _v*	774
. se ***** *_v	2.685	! se ***** *_v	301	? se ***** *_v	187	- se ***** *_v	790
TOTAL	21.998		2.445		1.741		6.932 33.116

Fonte: Elaboração própria

Apesar de o número total de resultados diminuir consideravelmente nesse padrão de busca, ainda há um problema identificado no primeiro grupo testado (tabela 2) que se repete: a inserção de elementos não especificados entre a conjunção e o verbo gera resultados repetidos, considerando que o verbo especificado (_v*) de uma expressão menor anterior pode ser o elemento não especificado (*) de uma expressão maior subsequente. Essas expressões retornam mais padrões subordinados nos resultados, porque o elemento * pode ser qualquer um, inclusive um verbo, somado à presença de um verbo já marcado na sentença pela etiqueta _v*.

A solução deste problema e que parece otimizar ainda mais os resultados é especificar também os elementos que podem ocupar este espaço entre a conjunção e o verbo. Para isso, utilizou-se da etiqueta -VERB no lugar dos elementos marcados por *. Agora, esses elementos

podem pertencer a qualquer classe gramatical com exceção dos verbos. Assim, chega-se aos seguintes resultados:

Tabela 4 - Expressões de busca com especificações de sinal de pontuação e elementos entre a conjunção e o verbo testadas no CdP

Expressões iniciadas por .	Nº de tokens	Expressões iniciadas por !	Nº de tokens	Expressões iniciadas por ?	Nº de tokens	Expressões iniciadas por -	Nº de tokens
. se _v*	4.394	! se _v*	474	? se _v*	305	- se _v*	1.374
. se -VERB _v*	3.428	! se -VERB _v*	497	? se -VERB _v*	320	- se -VERB _v*	1.268
. se -VERB (x2) ²⁹ _v*	2.699	! se -VERB (x2) _v*	279	? se -VERB (x2) _v*	178	- se -VERB (x2) _v*	628
. se -VERB (x3) _v*	1.255	! se -VERB (x3) _v*	138	? se -VERB (x3) _v*	70	- se -VERB (x3) _v*	268
. se -VERB (x4) _v*	770	! se -VERB (x4) _v*	74	? se -VERB (x4) _v*	56	- se -VERB (x4) _v*	164
. se -VERB (x5) _v*	463	! se -VERB (x5) _v*	28	? se -VERB (x5) _v*	29	- se -VERB (x5) _v*	91
. se -VERB (x6) _v*	289	! se -VERB (x6) _v*	19	? se -VERB (x6) _v*	15	- se -VERB (x6) _v*	69
TOTAL	13.298		1.509		973		3.862 19.642

Fonte: Elaboração própria

Com todas essas especificações de sinais de pontuação e elementos entre a conjunção e o verbo, os resultados totais são mais precisos e passam a apresentar mais construções que correspondem ao padrão insubordinado do que construções subordinadas. Os 19.642 resultados

²⁹ Por conta do espaço e para que a leitura de todos os dados na tabela pudesse ser feita sem quebras, optou-se por ilustrar as expressões utilizadas dessa maneira, em que o número entre parênteses ao lado de x (sinal de multiplicação) equivale a quantas vezes a etiqueta -VERB foi utilizada na expressão. Dessa forma, temos, a partir de -VERB (x2): . se -VERB -VERB _v*; . se -VERB -VERB -VERB _v*; . se -VERB -VERB -VERB -VERB -VERB _v* e assim por diante.

retornados pelo *corpus* foram checados manualmente, dos quais foram extraídas 1.979 ocorrências de construções insubordinadas em potencial.

Como se observa, nesse padrão de expressões de busca apresentado na tabela 4, não foram consideradas construções iniciadas por vírgula. Isso ocorre porque construções iniciadas por vírgula geralmente constituem padrões de orações subordinadas prototípicas. No entanto, as CCIs formulaicas, isto é, aquelas que apresentam forma e significado quase invariáveis e que podem ocorrer entre vírgulas, como é o caso de construções como [se não me engano], não são captáveis em sua totalidade pelo padrão apresentado na tabela 4. Sendo assim, uma estratégia de busca complementar, para encontrar construções como essas, consistiu em consultar expressões iniciadas por vírgula (,), seguidas da conjunção *se* sem etiqueta especificada, variando com 0 a 3 elementos não verbais (-VERB) entre a conjunção e o verbo (_v*), 0 a 3 elementos não verbais após o verbo e, ainda, com 1 a 2 elementos antes e depois do verbo, com uma vírgula ao final da expressão. Assim, têm-se os seguintes padrões:

Tabela 5 - Expressões de busca testadas no CdP para captar padrões de condicionais insubordinadas metatextuais

Expressões iniciadas por ,	Nº de tokens
, se _v*,	1.507
, se -VERB _v*,	1.198
, se -VERB -VERB _v*,	829
, se -VERB -VERB -VERB _v*,	373
, se _v* -VERB ,	993
, se _v* -VERB -VERB ,	1.421
, se _v* -VERB -VERB -VERB ,	1.115
, se -VERB _v* -VERB ,	489
, se -VERB -VERB _v* -VERB ,	292
, se -VERB _v* -VERB -VERB ,	619
TOTAL	8.836

Fonte: Elaboração própria

A partir desse padrão de expressões de busca apresentado na tabela 5, foram identificados 115 casos de CCIs formulaicas, que serão apresentadas mais adiante.

Uma característica particular dessas construções formulaicas, de modo geral, é que grande parte dos casos não costumam apresentar muitos elementos após o verbo da sentença. Construções como [se me DAR licença] e [se não estou enganado], que apresentam elementos não verbais antes e depois do verbo, são captadas pelos padrões apresentados na tabela 5. No entanto, no caso das ressalvas como *se é que X*, *se se pode dizer X*, em que X pode constituir até uma oração, não podem ser aplicados os mesmos padrões de expressão de busca, já que essas construções constituem apenas uma parte da construção de ressalva como um todo. Essas construções podem ter mais elementos do que o processamento do *corpus* permite buscar (9) e, portanto, não foi possível desenvolver uma expressão de busca que captasse da mesma forma como as outras construções. Ainda assim, elas puderam ser recuperadas, buscando apenas pela parte inicial, sem qualquer etiquetação, após uma vírgula³⁰: ‘, se é que’, ‘, se se pode dizer’, ‘se pode se dizer’ etc. Dessa forma, foram obtidas 202 ocorrências desse tipo de construção.

Identificou-se, ainda, um outro erro quanto à anotação de verbos que estão em forma de particípio, como é o caso de *enganar*, presente na construção [se não me engano]. Selecionando a forma de agrupamento dos resultados como ‘NONE (SHOW PoS)’, o *corpus* retorna resultados apresentando as etiquetas utilizadas em cada elemento que constitui a sentença/expressão, como se vê na figura 3:

Figura 3 - Resultado de busca no CdP

HELP	★	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ
1	★	, (Y) SE (PNP) NÃO (R) ME (PNP) ENGANO (NN-MS) , (Y)	21

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>

Nesse resultado, nota-se que a palavra *engano*, da construção [se não me engano], está anotada como nome masculino (NN-MS). Sendo assim, o *corpus* não retorna essa construção quando são consultadas expressões como “(pontuação) se -VERB -VERB _v*”, por exemplo, porque não reconhece o último elemento da sentença como um verbo. Construções como essa

³⁰ Essa vírgula se deve ao fato de que esse mesmo tipo de construção foi recuperado no primeiro grupo de expressões, da tabela 4, por meio dos padrões iniciados por travessão (-). Como constituem ressalvas, também ocorrem entre travessões na escrita. Desse modo, a vírgula serviu como uma estratégia para filtrar resultados, de modo que esses iniciados por travessão não fossem repetidos.

foram buscadas à parte, conforme foram identificados erros no *corpus*. No caso das construções se não me engano/se me não engano, totalizaram 32 casos no *corpus*.

Por fim, é importante mencionar que, para manter a compatibilidade entre os dados extraídos de ambos os *corpora*, com dados apenas de registros escritos, optou-se por ignorar as ocorrências retornadas em todos esses padrões de busca no CdP que fossem marcadas como de registro oral (transcrições de fala/entrevista).

Somando os casos de construção insubordinada em potencial extraídos pelo padrão de busca da tabela 4 aos casos de construção formulaica extraídos por meio das demais estratégias, chegou-se a uma amostra inicial de 2.328 ocorrências. Todas essas ocorrências tiveram uma segunda seleção mais minuciosa de acordo com critérios que serão apresentados mais adiante.

4.1.2. Corpus Histórico do Português Tycho Brahe

Neste *corpus*, as estratégias de busca foram mais simplificadas, tendo em vista que seu acervo é muito menor e não apresenta as mesmas funcionalidades que o anterior. O Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (doravante, CHPTB), é composto por 71 textos, que podem ser etiquetados morfológica e/ou sintaticamente. Como nem todos os textos têm versões com anotações, optou-se por utilizar o acervo em sua totalidade, com todos os textos simples em formato .txt. O conjunto dos textos soma 3.302.811 palavras, cuja distribuição por século é a seguinte:

Tabela 6 - Distribuição do número de palavras do CHPTB

SÉCULO	PALAVRAS
1900	79,900
1800	744,389
1700	615,108
1600	897,778
1500	638,485
1400	233,370
1300	93.781

Fonte: Adaptado de <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/catalogo.html>

Uma característica importante na caracterização desse *corpus* se refere ao fato de que seu catálogo é organizado de acordo com as datas de nascimento dos autores, e não com as datas de publicação das obras, como é o caso do CdP. Essa questão gera certa incompatibilidade entre os *corpora*, especialmente para a realização de uma análise quantitativa comparativa. Esse ponto será retomado mais adiante.

Os textos em formato .txt foram processados no software Notepad++ que permite, dentre outras coisas, realizar consultas utilizando expressões regulares. Buscando por (espaço em branco) *se* (espaço em branco), o software retorna ocorrências de construções iniciadas por *se* antecedidas por um sinal de pontuação qualquer. Nas especificações da busca, a conjunção foi consultada com distinção entre letra maiúscula e minúscula, e somente os resultados com letra maiúscula foram considerados.³¹ No entanto, testando outros modos de busca, como a conjunção *se* precedida dos mesmos sinais de pontuação apresentados no padrão de expressões da tabela 4, do CdP (= . Se, ! Se, ? Se, - Se, ; Se), observaram-se outros resultados que não ocorriam no primeiro padrão, da conjunção entre espaços em branco. Sendo assim, essas expressões foram também consultadas individualmente, para garantir que o maior número de casos possíveis fosse coletado.

Os resultados foram filtrados de forma mais minuciosa já no momento da coleta, em função desse *corpus* ser expressivamente menor que o anterior e, por consequência, também o número de resultados. Apesar disso, os dados passaram por uma segunda filtragem, da mesma maneira que aqueles extraídos do CdP, seguindo critérios previamente estabelecidos. Foram retornados, da soma de todos os séculos verificados, 1.912 resultados, dos quais foram identificados 179 casos de construção insubordinada.

Na próxima parte, apresentam-se os critérios estabelecidos para a seleção/exclusão dos dados coletados.

4.2. Critérios de seleção dos dados

Os dados coletados dos *corpora* foram considerados, em um primeiro momento, como construções insubordinadas em potencial. Como apresentado nas seções anteriores, os dados obtidos no CdP totalizam 2.328 ocorrências, enquanto no CHPTB apenas 179 ocorrências. Os

³¹ De forma semelhante ao que foi utilizado como critério de redução/otimização dos resultados no primeiro *corpus*, com a exclusão de expressões iniciadas por vírgula, sendo as construções formulaicas buscadas por estratégias distintas, a exclusão de sentenças iniciadas por letra minúscula se justifica porque as construções insubordinadas geralmente ocorrem em início de turno, marcadas por letra maiúscula na escrita.

critérios de seleção e exclusão dos dados das amostras iniciais respeitam os quatro critérios abaixo:

- a. Relações de dependência sintática aparentes;
- b. Casos em que a sentença parece ser apenas uma fala interrompida, em contextos dialógicos dos textos de ficção;
- c. Ambiguidade da conjunção *se*: casos em que não é claro se a conjunção é condicional, integrante e até mesmo pronominal;
- d. Interferência da pontuação da construção precedente ou subsequente na interpretação do dado: em alguns casos, há uma oração que precede ou sucede a construção insubordinada que poderia ser interpretada como sua oração principal. Nesses casos, a pontuação é o único indício de que podem ser duas construções separadas. No entanto, por conta do contexto, também há a possibilidade de ser um caso de subordinação apenas separado por pontuação por algum motivo de expressividade do autor.³²

Os dois últimos critérios referem-se a casos que podem configurar ou não o tipo de construção em análise, a depender da interpretação do analista. São exemplos de dados desconsiderados com base nesses quatro critérios, respectivamente:

- 75) Aonde dos cipós na relva extensa Noss' alma embala a crença. Se nos sertões vagares algum dia.. Companheiro! Hás de vê-la. (CdP)
- 76) - Para dizer a verdade, um pouco pior do que eu, mas é que eu..
- Entendo! E gênio?
- O gênio.. o gênio.. é fuscozito; não o nego. Homem do mar costumado a cingir com um cabo o mais pintado. Mas olhe, fora dos repentes é um cordeiro. Se a última mulher que teve..
- Ah, é viúvo?
-Três vezes! e capaz de enviubar quarta. (CdP)
- 77) - Quando se reunir a turma toda - diz ele - não se vai mais entrar nessa de caras como Cristal. Tem de se pensar numa outra forma de conseguir grana!
- Vender coisas nas ruas.
- Se rouba nas lojas e vende - afirma Fumaça.
- Aí, te grampeiam em dois tempos.
- Acho melhor se controlar dois ou três estacionamentos grandes.
- Boa idéia. Se esfrega os carros e tira coisas de dentro deles - sugere Fumaça.

³²Esses casos, em particular, demonstram a importância dos dados de fala para a análise, para usar da prosódia como um fator distintivo.

Dito torna a rir.

- Tu só pensa em roubar, cara! (CdP)

78) - A Sr^a Juliana está deitada, diz que está com a dor, não pode servir à mesa.

- Já vou.

Tomou apenas uma colher de sopa, bebeu um grande gole de água; e erguendo-se:

- Que tem ela?

- Diz que é uma dor muito forte no coração. Se morresse! Estava salva, ela! Podia ficar, então! (CdP)

Como se pode notar, na ocorrência (75) a oração subsequente pode ser considerada uma oração principal à qual a construção condicional sublinhada estaria relacionada, embora a primeira construção seja reticente, como costumam ser algumas condicionais insubordinadas. Outros exemplos que cabem nesse primeiro critério de exclusão dos dados são, em geral, construções que apresentam inicialmente a forma de uma construção insubordinada, mas são completadas em turnos de fala ou períodos subsequentes.

Em (76), a forma da ocorrência se assemelha muito a uma construção verdadeiramente insubordinada. No entanto, pela intervenção imediata do interlocutor, no turno seguinte, e pelo sentido da construção condicional, que parece estar incompleto, conclui-se que se trata de um caso de fala interrompida.

Em (77), a construção sublinhada parece se tratar de um caso em que *se* é apenas um elemento pronominal, embora o contexto de ocorrência seja bastante semelhante ao de uma condicional insubordinada. O que possibilita ainda mais a leitura ambígua nesse caso, em particular, é o fato de que há uma indicação de que o falante se utiliza desta construção para fazer uma sugestão ao interlocutor e existem condicionais insubordinadas estruturalmente semelhantes que desempenham, particularmente, essa função.

Na ocorrência em (78), por fim, entende-se que as construções sublinhadas correspondem a uma oração subordinada prototípica, apenas separada pela pontuação por algum motivo de expressividade do autor.

Após passarem por uma segunda filtragem, respeitando os critérios elencados acima, os resultados obtidos no CdP totalizaram 1.838 casos de construção insubordinada. Já no caso do segundo *corpus*, mantiveram-se os 179 casos de construção insubordinadas encontrados na primeira filtragem, uma vez que foram verificados desde a coleta de forma mais minuciosa, em razão do tamanho do *corpus* e do número dos resultados serem expressivamente menores em comparação ao CdP.

Conforme mencionado anteriormente, foram estabelecidos critérios de análise dos dados qualitativos e quantitativos. Na próxima seção, descrevem-se os critérios formais e funcionais adotados nas análises de cunho qualitativo.

4.3. Análise qualitativa

Como já mencionado no início do capítulo, a análise qualitativa compreende a elaboração de uma proposta de classificação funcional e a investigação da trajetória de insubordinação das CCIs no português.

Embora a elaboração da classificação funcional pudesse ser sincrônica ou sobre dados das sincronias mais recentes, como dos séculos XIX e XX, consideraram-se as amostras de dados em sua totalidade, incluindo também os séculos anteriores. Isso se deve ao fato de que todos os tipos de condicional insubordinada observados, mesmo os que ocorrem ainda no século XV, continuam ocorrendo nos séculos XIX e XX. Nenhum desses tipos se perdeu ao longo do tempo. Na verdade, o que se observa é que o uso das condicionais insubordinadas apenas se intensifica com o avanço dos séculos. Determinadas categorias surgem conforme os séculos avançam, mas nenhuma se modifica ou se perde, de modo que nos séculos mais recentes, têm-se todas ocorrendo simultaneamente. Sendo assim, o fato das amostras apresentarem dados de diferentes sincronias não afeta em nada no que diz respeito à classificação funcional em si.

Em relação à trajetória de insubordinação, os dados foram analisados de acordo com os estágios de convencionalização propostos por Evans (2007), segundo a recuperabilidade dos conteúdos elípticos em tentativas de reconstrução, baseadas em construções completas, isto é, relacionadas a orações principais, estruturalmente semelhantes. Essas construções completas foram também coletadas nos *corpora*. Como são poucos os casos de construções altamente convencionalizadas, como é o caso das formulaicas metatextuais, a busca por construções que pudessem ser de estágios de convencionalização anteriores foi feita a partir da combinação das subpartes das construções em formas menos específicas e com o verbo lematizado. Para investigar construções que pudessem estar relacionadas à construção [se (me) permite], por exemplo, foram verificados padrões como ‘se _pn* (pronome) PERMITIR (verbo lematizado)’. Esses resultados foram checados um a um e extraídos conforme apresentavam traços compatíveis com os traços das construções insubordinadas. Como essa análise, em particular, é qualitativa, esses dados adicionais não foram quantificados.

Por fim, também importa dizer que, para as análises qualitativas, foram considerados os dados das amostras obtidas em ambos os *corpora*, embora tenha sido mencionado que há uma certa incompatibilidade entre eles em relação à distribuição do acervo por século (ano de publicação da obra x ano de nascimento do autor da obra). Essa incompatibilidade, como se verá adiante, é problemática quando se compara em números os dados obtidos em cada século. Como não é esse o caso em nenhuma das análises de cunho qualitativo, optou-se por utilizar todos os dados.

Nos próximos subcapítulos, descrevem-se, respectivamente, os critérios formais e funcionais considerados para a elaboração da classificação funcional e para a análise da trajetória de insubordinação.

4.3.1. Critérios formais

Em termos de forma, há uma variabilidade notável nos elementos que podem formar CCIs no português. Isso foi evidenciado nas próprias estratégias de busca utilizadas nos *corpora*, especialmente no CdP, que captam padrões com 0 a 6 elementos entre a conjunção e o verbo, sendo esses os únicos elementos que de fato ocorrem em qualquer construção.

Observou-se que os verbos podem ocorrer em quase todos os tempos do modo indicativo e do modo subjuntivo, como mostram os seguintes casos que ocorrem no pretérito imperfeito (79) e futuro do modo subjuntivo (80), no presente (81), pretérito imperfeito (82), pretérito perfeito (83), pretérito mais-que-perfeito (84), futuro do presente (85), futuro do pretérito (86) e futuro perifrástico (87):

Modo subjuntivo

79) Pretérito imperfeito

D. Raquel a D. Luísa. 17 de abril.

Uma grande notícia! Fui ontem pedida a papai, e vou casar. **Se soubesse como sou feliz..** Quisera que estivesse aqui para dar-lhe muitos e muitos beijos. (CdP)

80) Futuro

Para ambos, o outro dia passou numa espécie de ebríez, pois um e outro sabiam: Será hoje. À noite, sentados na sala, tentaram conversar. Bernardo colocou-a a par de seus

negócios, ofereceu-se para levá-la uns dias à cidade. - Não. Ainda não.
- **Se você quiser..** (CdP)

Modo indicativo

81) Presente

- E se não quiser por bem, já se sabe..
- Nada de violências, dogue! Nem são precisas. Virá logo; sei que o deseja.
- Ah! Ah! **Se tendes um jeito, uma lábia para as levar..**
- Silêncio, bufão, e andar. (CdP)

82) Pretérito imperfeito

Ele não mente. Mas as verdades que diz deixam quem ouve impotente. Você queria o quê? Que eu levantasse no meio do jantar e dissesse que o homenageado era uma farsa?
Se eu nem sabia que farsa era aquela. (CdP)

83) Pretérito perfeito

- [...] Ela amava muito o marido, não?
- Antes de casar, muito; três meses depois, muitíssimo; ao cabo de alguns meses, nem muito nem pouco. Toda essa história é mistério para mim..
- Não lhe vejo mistério nenhum; o casamento é justamente isso acalma os afetos para os tornar mais duradouros. **Se a paixão de sua irmã se tornou mais calma..**
- Não se trata disso. Lívia não amava menos; aborrecia o marido.. (CdP)

84) Pretérito mais-que-perfeito

- Vós, senhor, faríeis queimar a bruxa de Gaia?
- E porque não? **Se não fora aquele excomungado de Paio Guterres...** Mas tenho medo dele, confesso. (CdP)

85) Futuro do presente

- [character: I] Milvo florentim muito mau cabrão.
- [character: II] Esse mesmo.
- [character: Pajem] **Se quiserá este também ser meu amo!** (CHPTB)

86) Futuro do pretérito

- [character: Sargenta] Ui aquele é nosso amo. **Se me ouviria...** Mas ele não ouve já

muito bem. (CHPTB)

87) Futuro perifrástico

- Se tem de dar jeito nesse cara.

Dito nunca se sentiu tão aéreo. Sabe que não vai ser fácil localizar aquele tipo e, enquanto isso, Manguito estaria levando bordoadas na delegacia.

- E se eu for lá pra Rocinha tentar encontrar com ele? Acho que é uma boa - argumenta Encravado. A sugestão anima Dito.

- Isso mesmo. Leva algum dinheiro. Quando topar com ele, vem dar o alô. **Se vai ficar pela feira da Glória.** (CdP)

Também foram encontrados casos em que ocorrem tempo composto, como os seguintes:

88) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

O seu pensamento girava, girava. Como os tempos eram outros! Percebia a razão do Inocência: o comércio do Rio já não tolerava o cansaço das obras lentas. A finura e a astúcia valiam mais do que os processos rudes e morosos do sistema antigo. Ah! **se ele tivesse tido instrução..** (CdP)

89) Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

- Justamente agora que eu tinha esperanças, disse ele à mulher.

- De quê?

- Ora de quê! de uma presidência. Não disse nada, porque podiam falhar, mas é quase certo que não. Tive duas conferências, não com ministros, mas com pessoa influente que sabia, e era negócio de esperar um mês ou dois..

- Presidência boa?

- Boa.

- **Se você tinha trabalhado bem..**

- Se tivesse trabalhado bem, podia estar já de posse, mas vínhamos agora a toque de caixa.

- Isso é verdade, concordou D. Cláudia olhando para o futuro. (CdP)

Quanto a expressão de sujeito, pode ou não ocorrer na construção. Quando expresso, pode ocorrer nas primeira, segunda e terceira pessoas do singular, como nos casos (82), (81) e (88), e primeira e terceira do plural, como em (90) e (91):

90) - Onde é que este homem vai parar? diziam os principais da terra. Ah! **se nós tivéssemos apoiado os Canjicas..** (CdP)

91) - Perdoe dizer-lho, Sr. Jorge, mas aqueles seus primos do Cruzeiro.. Jorge encolheu os ombros, fazendo um gesto de desprezo.

- Que queres tu, homem? **Se eles nem para si mesmos são bons!** Aquilo no Cruzeiro é uma cama de três javalis, qual deles mais selvagem. Que se pode esperar daquela gente? (CdP)

Quando não expresso, têm-se construções como:

92) - É sobre isto mesmo que desejava falar-lhe, Hermano. Refleti, penso que uma separação é necessária para o sossego de ambos. Devemos porém fazê-la de modo que não nos fique mal. O meio é que eu não sei. **Se fosse possível..** (CdP)

Os elementos que ocorrem entre a conjunção e o verbo podem ser nomes, pronomes, advérbios e conjunções. Não foi identificado um padrão mais fixado, em que a ordem desses elementos em particular fosse invariável, com exceção das construções formulaicas, que apresentam uma forma associada a uma função quase ou totalmente invariável, como nesses casos:

93) [...] Nunca ousaram aproximar-se deste varão impecável, ou, se o fizeram, foram vergonhosamente escorraçados, como ratos - **se me permitem a comparação** - surpreendidos sobre um velho pedaço de queijo. (CdP)

94) Temi que pudesse me comprometer na minha confusão, confessar que tinha chegado a suspeitar que aquela mensagem - **se é que se tratava de uma mensagem** - era para mim, e ter de me render ao fato de ela ser na realidade endereçada a C. (CdP)

95) O golo do empate acabou por surgir de forma fortuita - **se calhar a única possível** -, quando Edmilson não conseguiu emendar um centro de Emerson, enganando o guarda-redes Winde. (CdP)

Outros casos permitem apenas o verbo no modo indicativo, fato intrinsecamente relacionado ao significado que a construção codifica. As CCIs de valor adversativo não permitem verbos no modo subjuntivo, uma característica exclusiva desse tipo de construção. Isso ocorre porque essas construções, em particular, deixam de expressar hipoteticidade e passam a expressar a certeza do falante frente a um estado de coisas particular, como é o caso em (96):

- 96) - Enganou-se completamente.
- Não engano decerto.
- **Se eu conheço Francisco de Mendonça como os meus dedos!**
- Não o conhece melhor do que eu.
- Ora esta!
- Sou amigo íntimo do pai.
- E eu inimigo íntimo do filho. (CdP)

Essas construções tornam-se agramaticais quando se altera o verbo do indicativo para o subjuntivo. Também não permitem a coordenação com outra construção condicional. O modo como ocorrem na interação também é relevante: sempre em início de turno, após uma fala imediatamente anterior apresentar um estado de coisas que é de conhecimento comum entre os interlocutores.

Tendo em vista essas características, que permitem dizer que boa parte das CCIs são construções bastante esquemáticas, os critérios formais considerados para a presente análise são a composição morfossintática da construção (quais elementos gramaticais podem ou não constituir uma construção subordinada), a posição em que essas construções costumam ocorrer em um enunciado, seja ele dialógico (entre dois ou mais falantes) ou não e demais relações de escopo com o enunciado em que ocorrem (como se dá nas construções formulaicas, geralmente parentéticas, que podem ser antepostas ou pospostas). Esses fatores permitem observar também o grau de (in)dependência das CCIs, tanto do ponto de vista sintático, como semântico-pragmático.

4.3.2. Critérios funcionais

Neste trabalho, adotou-se como critério funcional de análise do uso de CCIs a possibilidade de expressão de valores intersubjetivos sobrepostos à condicionalidade original da construção. Nesse sentido, analisam-se os graus de composicionalidade das construções, isto é, a associação entre determinados elementos gramaticais à expressão de condicionalidade/hipoteticidade e outros valores que passam a ser codificados pragmaticamente. Também se observa a (in)dependência semântico-pragmática da construção em relação ao seu contexto de ocorrência e, conseqüentemente, o seu significado em relação à soma de suas partes (especialmente no caso de construções formulaicas).

No que concerne à classificação funcional das CCIs, foram consideradas como pontos de partida as propostas de D’Hertefelt (2015) para línguas germânicas e a de Hirata-Vale (2015) para o português. Tal escolha se justifica pelo nível de refinamento que apresentam no tratamento dessas construções, além do fato de que, por apresentarem perspectivas um pouco distintas, podem ser consideradas propostas complementares. A primeira é com base principalmente em aspectos semânticos-pragmáticos. Isso se evidencia pelas categorias nas quais são agrupados os diferentes tipos de CCI. A segunda, por sua vez, trata das construções não só com base em aspectos sintático-semânticos, mas também volta o olhar aos aspectos discursivos, especialmente em termos de (in)dependência, propondo um *cline* de insubordinação. Nesse caso, ao alinhar ambas as propostas, propõe-se uma visão abrangente para a descrição dessas construções.

Muitos dos casos encontrados no português podem ser classificados segundo as categorias semânticas propostas por D’Hertefelt (2015). São apresentados alguns casos, apenas para ilustrar:

97) **Deônticas**

a) Quem venceria nessa luta de vontades entre pai e filho? O Bernardino Santana era teimoso e rude, estava acostumado a lidar com escravos, mas o Totônio era moço, livre e apaixonado. Quem venceria? Fazia-lhe falta o Totônio Bernardino. **Se ele ao menos estivesse ali!** (CdP)

b) - Para onde vamos nós? **Se fôssemos à Maison?** Estamos encharcados.
- Queres afrontar a rajada? (CdP)

98) **Avaliativas**

- O Cesário sempre é outra coisa; mas também não há de ser tão fácil de guiar. **Se o Brandão não fosse tão comum!** é ainda mais comum que o outro. (CdP)

99) **Assertivas**

- Mas, Deus do céu! meu pai! que fatal engano! não é esse que eu amo!

- Não amas Francisco de Mendonça e disseste-me que o tinhas escondido no quarto!

- Sim, mas aquele que encontrámos depois não era Francisco de Mendonça, não era o mesmo que eu la escondera.

- Francisco de Mendonça é aquele, filha, respondeu D. Alvaro com inesperada brandura. **Se eu não conheço Francisco de Mendonça!** Eu amigo intimo de seu pai! eu, que o procurei e encontrei na estalagem do Gllitarrista. (CdP)

100) **Argumentativa**

- Eu abri para Marta uma conta corrente quando ela nasceu e Marta já tem lá 50 contos. Junto com o que você tem e o produto das jóias e mais algum dinheiro que você junte, ficam aí uns duzentos e tantos contos. Isto deve garantir pelo menos a entrada para uma casa boa. **Se a sua loja dá uns sete contos mensais, como você diz..** (CdP)

101) **Raciocínio**

Para Mário Viegas, “sem sedes, sem milhões de contos para gastar, sem centenas de militantes para levar assinaturas a notários e dezenas de burocracias, sem publicidade, sem cartazes, sem almoçadas e jantaradas pelo país, foi impossível”. “Começámos tarde! É a autocrítica que faço. **Se fosse uns dois meses antes..** Não foi possível”, disse. (CdP)

102) **Pós-modificadoras**

- Aproveitarei o tempo, observou Félix, enquanto não embarcam para a Europa. Seu irmão diz-me que a viagem é breve.
- **Se não houver transtorno.** Em todo o caso, venha, e não faça visitas de médico.
- Eu fui médico; fiquei com esse costume, respondeu Félix sorrindo. (CdP)

Outras construções são mais bem analisadas de acordo com a perspectiva de Hirata-Vale (2015, 2017), que trata de casos de CCIs que desempenham funções relacionadas à organização do discurso, como os seguintes:

103) # EXP. - E acham que é possível « encurralar » - **se me é permitida a expressão** - o ambiente Internet/World Wide Web em mais um iconezinho no meu ecrã, tal como já lá tenho uma série de outros? (CdP)

104) Limoeiro – (Para Henrique) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem [...] Vai mudar de roupa.
Henrique – (A Chico Bento) **Se me dá licença.** (CdP)

Nos diferentes tipos de CCI, observa-se o *cline* de composicionalidade dessas construções, tal como propõe Hirata-Vale (2015), em relação ao contexto em que ocorrem. Nota-se a relação direta entre a independência das CCIs e a convencionalização dos valores por elas expressos. Tendo em vista que a etapa de análise diacrônica busca, justamente, investigar a trajetória de insubordinação de construções condicionais diacronicamente, este é um critério

central para sistematizar os diferentes graus de insubordinação, também em consonância com a proposta de Evans (2007).

Os critérios aqui apresentados são apenas aplicáveis à análise qualitativa, uma vez que, na análise quantitativa, objetiva-se observar a produtividade dos diferentes tipos de CCI ao longo do tempo. Desse modo, na próxima parte, descrevem-se os critérios estabelecidos para essa segunda análise, em consonância com a abordagem construcional.

4.4. Análise quantitativa

Como mencionado nas seções anteriores, o objetivo da análise quantitativa é verificar a distribuição dos diferentes tipos de CCIs ao longo do tempo. A partir disso, discutir a produtividade das construções seguindo os pressupostos teóricos da abordagem construcional. Para isso, estabeleceu-se, inicialmente, a amostra de dados sobre a qual a análise é ancorada. É neste ponto em que se retoma a questão da incompatibilidade entre os *corpora* utilizados na extração de dados.

O CdP organiza seu acervo por século seguindo a data de publicação das obras. No início do subcapítulo 4.1.1, apresenta-se uma tabela (1) com os respectivos números de palavras distribuídos por século de acordo com esse critério. Já o CHPTB, segue o ano de nascimento do autor da obra para distribuir seu acervo. Em alguns casos, o ano de nascimento do autor e o ano de publicação da obra estão no mesmo século. No entanto, em muitos casos, ocorrem com bastante diferença, como quando autores não chegam a publicar sua obra ainda em vida. Nem sempre essas informações são acessíveis. Nesse sentido, é difícil sistematizar as datas das publicações de forma que se chegue a um paralelo com o CdP. Essa incompatibilidade não permite que os dados de ambas as amostras sejam quantificados comparativamente, porque não correspondem necessariamente à mesma época de circulação. Sendo assim, optou-se por considerar apenas a amostra obtida do CdP para a análise quantitativa, em sua totalidade, também em função de ser mais representativa que a amostra do outro *corpus* em relação ao número de materiais disponíveis e dados obtidos.

Assim como exposto no subcapítulo 3.1.1.2, existe mais de uma perspectiva que se pode adotar no que diz respeito à produtividade. Em geral, a produtividade é uma propriedade construcional que pode ser analisada por meio da frequência de tipo (*type*), que se refere ao número de construções diferentes que pertencem a um mesmo padrão construcional mais

esquemático, e de ocorrência (*token*), que se refere a quantas vezes uma mesma microconstrução ocorre em determinado *corpus*.

Neste trabalho, verifica-se a produtividade enquanto extensibilidade e regularidade, nos termos de Barðdal (2008) e Traugott e Trousdale (2013). Dessa forma, interessa observar quantos e quais são os diferentes tipos de CCI no português e quais deles são os mais produtivos. Assim, aplicam-se as duas frequências de análise: a frequência de tipo e a frequência de ocorrência.

Idealmente, o cálculo de produtividade, nos moldes da teoria construcional, é realizado a partir de frequências *token* relativas a porções de texto comparáveis em tamanho, ou seja, a partir de um *corpus* balanceado por períodos determinados. Em virtude de limitações técnicas de acesso e manuseio do *corpus*, foi conduzida a extração de *tokens* sobre o CdP em sua totalidade, embora o corpus não tenha todos os séculos balanceados igualmente (ver tabela 1, item 4.1.1, quarto capítulo). Desse modo, para que fosse possível traçar uma análise comparativa consistente da produtividade ao longo do tempo, apesar das questões metodológicas que fogem ao alcance da pesquisa, levou-se em conta a distribuição dos tipos funcionais em porcentagem, observando se e como se modificaram as tendências de uso das CCIs no português, isto é, se os diferentes tipos funcionais tiveram sua frequência de uso fortalecida ou enfraquecida frente aos demais na passagem dos séculos.

As medidas utilizadas para essa quantificação foram apenas aquelas de porcentagem simples, em que se somam todas as ocorrências de um determinado tipo construcional e esse resultado é dividido pelo número total de ocorrências encontradas naquele recorte temporal. O resultado dessa divisão, multiplicado por 100, é a porcentagem daquela categoria frente às outras que ocorrem no mesmo recorte analisado. Os resultados são apresentados na sequência, no capítulo V.

A produtividade, assim como as outras propriedades construcionais, de esquematicidade e composicionalidade, é relacionada à constituição das construções. Embora essas propriedades se reflitam de alguma maneira na organização das construções, a elaboração da rede construcional foi feita independente dessa análise quantitativa que ora se discute. Sendo assim, apresenta-se, na sequência, os passos envolvidos particularmente na elaboração da rede.

4.5. Elaboração da rede construcional

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da teoria, a rede construcional é um panorama sincrônico das construções em análise. É possível representar diferentes momentos da diacronia, desde que as redes capturem os dados em seus recortes sincrônicos. Nota-se, a partir dos dados obtidos nos *corpora*, que os diferentes tipos de CCI identificados ao longo dos séculos se mantiveram em uso no século XX. Nesse sentido, a proposta de rede construcional é baseada apenas nesse período de tempo.

Em relação à organização esquemática dos diferentes tipos de condicional insubordinada, tomou-se como ponto de partida a própria proposta de classificação dessas construções em categorias funcionais mais amplas. A premissa era a de que os diferentes tipos de condicional insubordinada estariam agrupados sob uma mesma construção-mãe, a saber, $[[se\ ORAÇÃO]\ (ORAÇÃO)]CONDICIONAL$. Esse esquema genérico agrupa construções insubordinadas, contidas entre colchetes, e orações subordinadas canônicas, diferenciadas pela realização da oração entre parênteses (ORAÇÃO). A oração entre parênteses, quando realizada, assume o papel de oração principal das orações condicionais, configurando, assim, uma oração subordinada canônica.

As construções mais convencionalizadas, como as metatextuais, no entanto, não poderiam ser agrupadas sob essa mesma construção esquemática, em razão do significado dessas construções não ser mais o mesmo que o da construção-fonte. Como se verá na próxima parte, as construções metatextuais deixam de expressar a condicionalidade original da construção e passam a desempenhar funções relacionadas apenas à organização discursiva. Além disso, por serem tão convencionalizadas, essas construções apresentam padrões formalmente identificáveis, isto é, com mais especificações que os demais tipos de CCI.

Diante disso, idealizou-se a organização das condicionais insubordinadas metatextuais em uma estrutura de rede separada dos demais tipos, partindo do esquema geral $[se\ (ADV)\ (PRON)\ SV]METATEXTUAL$. Essa rede estaria horizontalmente relacionada à rede representada pela construção esquemática $[[se\ ORAÇÃO]\ (ORAÇÃO)]CONDICIONAL$. Para elaborar a representação gráfica dessas redes, utilizou-se o software editor gráfico yEd, acessível *online* gratuitamente.

No próximo capítulo, esse e outros resultados alcançados no presente trabalho são apresentados detalhadamente.

CAPÍTULO V: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresenta-se uma análise quali-quantitativa das CCIs encabeçadas pela conjunção *se* no português. A análise qualitativa, como já mencionado, compreende a elaboração de uma classificação funcional dos dados, que parte dos trabalhos de D’Hertefelt (2015) e de Hirata-Vale (2015, 2017), e uma análise da trajetória de insubordinação dessas construções no português, com base em dados que alcançam do século XV ao XX, alinhada à proposta de Evans (2007). Essas análises são apresentadas nos subcapítulos 5.1 e 5.2 respectivamente.

A análise quantitativa, apresentada em 5.3, discute a produtividade das CCIs ao longo do tempo, a partir das noções de extensibilidade e de regularidade de uso dessas construções, seguindo os pressupostos teóricos da Gramática de Construções. Na sequência, apresenta-se uma proposta de rede construcional, baseada nas categorias funcionais atestadas no recorte do século XX. Nesta parte, discutem-se duas possibilidades de rede que se conectam e que agrupam os diferentes tipos de CCI. De um lado, estão CCIs que não são totalmente convencionalizadas, junto de orações subordinadas condicionais canônicas. De outro lado, as CCIs convencionalizadas, que desempenham apenas função metatextual.

Como mencionado no capítulo metodológico, apenas as análises de cunho qualitativo consideram ambas as amostras de dados em sua totalidade. A análise quantitativa considera apenas a amostra obtida no CdP. Os resultados dessas análises são apresentados na sequência.

5.1 Classificação funcional

De acordo com os critérios de seleção e análise dos dados, chegou-se a uma proposta de classificação pautada em 2.017 ocorrências de CCIs no português, extraídas dos *corpora* CdP e CHPTB. Esses dados cobrem todo o período entre o século XV e o século XX. As funções encontradas nos primeiros séculos da amostra se mantiveram em uso nos séculos mais recentes, XIX e XX. Isso justifica porque foram consideradas ambas as amostras de dados em sua totalidade.

Como ponto de partida, foram utilizadas as propostas de D’Hertefelt (2015), baseada em categorias semânticas mais amplas aplicadas às CCIs nas línguas germânicas, e de Hirata-Vale (2015, 2017) quanto às construções formulaicas com funções metatextuais no português. Ambas as propostas são aqui consideradas complementares, em razão de darem conta, juntas, de todos os tipos de condicional insubordinada encontrados no português.

De modo geral, a classificação semântica de D’Hertefelt (2015) pode ser aplicada à maioria dos dados do português, especialmente pela definição geral das categorias propostas no trabalho. Algumas subcategorias, no entanto, parecem não ser aplicáveis, uma vez que apresentam algumas restrições de forma/significado que se referem a construções particulares das línguas germânicas e se revelam incompatíveis com dados do português. Da mesma forma, alguns dados do português carecem de outras categorias que não aparecem na classificação da autora, como é o caso das construções metatextuais tratadas por Hirata-Vale (2015, 2017). Sendo assim, a classificação que se propõe concilia ambas as propostas, de modo a se basear apenas sobre as definições das categorias gerais propostas por D’Hertefelt (2015). Assim, chega-se à classificação das CCIs nas seguintes categorias: deônticas, avaliativas, argumentativas, assertivas, de raciocínio, pós-modificadoras e metatextuais.

5.1.1. Deônticas

As construções aqui chamadas de deônticas são aquelas em que o falante avalia um estado de coisas potencial em termos de desejabilidade (D’HERTEFEL, 2015). Nesse sentido, expressam modalização deôntica. Nessas construções, o falante e o ouvinte podem ou não ter o controle sobre a realização do estado de coisas potencial ao qual as construções condicionais se referem. Essas construções podem expressar desejos, pedidos, ameaças, ofertas e sugestões.

5.1.1.1. Desejos

As construções que expressam desejo se referem a situações hipotéticas que envolvem o próprio falante, as quais ele gostaria ou esperaria que acontecessem. Nessas construções, o falante não tem qualquer controle sobre a realização do estado de coisas. Desse modo, as construções podem expressar desejos potenciais, *irrealis* e contrafactuais. Os desejos potenciais são aqueles em que a realização do estado de coisas é desejável, mas o falante não tem qualquer influência sobre a sua realização. Já nos desejos *irrealis*, o falante também deseja a realização de um estado de coisas particular, mas o avalia como pouco provável de ocorrer. Nos desejos contrafactuais, o falante gostaria que um evento particular tivesse ocorrido, mas tem consciência de que sua realização não poderá ser concretizada.

Os verbos nessas construções podem ocorrer no modo indicativo, nos tempos presente, pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, e no modo subjuntivo, com maior frequência no pretérito imperfeito, vide exemplos:

- 105) Quando Jorge Pinto se meteu na carruagem, teve o seguinte monólogo:
 - Bem compreendo. O meu plano era bom e grande, e por isso tomará conta dele o bispo de Viseu, ou outro, aproveitando-se do que eu lembrei. **Se ao menos o fizerem..** Mas duvido.. Enfim.. Aceitemos a viagem. Aproveitar-me-á, porque estou doente. (CdP)
- 106) **Se eu me apanho contigo agora na Bahia..** Que vistão, hem, Felisberta? (CdP)
- 107) - Então ela gostou da tua semi declaração!
 - Não.. não.. se ela tivesse gostado, não me fugiria.
 - Ora, é boa! Não devia fazer outra coisa. **Se ela gostasse de mim..** Mas, por que não me deu um só sinal de ternura.. Também eu, às vezes tão adiantado, fui desta um tolo, um basbaque! (CdP)
- 108) Além de faltarem ao pobre todas as comodidades materiais da existência, são-lhe vedados todos os prazeres do coração. O pobre não pode, não deve amar.. Ah! **se eu fosse rico..** por que não quis a sorte, que eu possuísse um pouco de dinheiro? (CdP)
- 109) Desceram a ribanceira de salão, um barro salgado, cor de cimento, que se desfazia em pó finíssimo. ao pisarem no saibro do leito, um gavião piou no olho de uma árvore, e o Secundino com a gana do caçador exclamou, pesaroso: - Ah, diabo! **Se eu tivesse trazido a minha lazarina..** Atravessaram o saibro, e o caminho se estreitou entre duas moitas. Adiante, ainda saibro. (CdP)

Nos casos (105) e (106), o falante se utiliza da construção condicional para se referir à realização de um estado de coisas particular, que é avaliado como desejável, sobre o qual ele não tem qualquer influência. Em (105), o falante se refere à realização de um plano que ele mesmo propôs, mas acha improvável que as pessoas que ficaram responsáveis pelo plano o realizem. Em (106), a CCI também denota o desejo do falante de que um estado de coisas particular fosse realizado, neste caso, estar na Bahia com uma pessoa específica. No entanto, ele o julga como pouco provável de acontecer.

Normalmente, essas construções de desejo potencial são marcadas pelo presente do indicativo nas línguas germânicas (ver subcapítulo 2.2), como em ‘*if isn’t snow!*’, porque se referem ao desejo de que algo estivesse (ou não) acontecendo no momento presente. No português, no entanto, são poucos os casos em que ocorrem esse tempo e modo verbal, como ocorre em (106). Como também se referem a situações futuras, podem ocorrer no futuro do subjuntivo, como na construção em (105).

Os casos em (107) e (108) configuram desejos *irrealis*, em que o estado de coisas é avaliado como desejável, mas por determinadas condições ou acontecimentos, o falante supõe

que não será realizado. Em (107), o falante expressa por meio da construção condicional que gostaria que uma outra pessoa tivesse sentimentos por ele. No entanto, a atitude dessa outra pessoa face a um acontecimento, demonstra que ela não tem esses sentimentos que atendem às expectativas do falante. Em (108), o falante expressa o desejo de ter tido a oportunidade de ser uma pessoa rica, em razão das vivências limitadas que uma pessoa pobre tem em comparação a uma pessoa rica. Esse tipo de desejo é geralmente marcado pelo verbo no modo subjuntivo, mais especificamente no pretérito imperfeito, assim como ocorre nessas construções.

Por último, no caso em (109) a construção condicional expressa que a realização de um estado de coisas potencial é desejável para o falante, mas, por alguma razão, não foi e não poderá ser realizado. Nesse caso, se refere ao fato de que o caçador não carrega junto de si no momento presente sua espingarda, mas gostaria de tê-la levado consigo. Uma característica da contrafactualidade desse tipo de construção de desejo é o verbo expressando um tempo finalizado, como particípio combinado ao pretérito imperfeito do subjuntivo. Como afirma D’Hertefelt (2015), e se pode notar pelo caso em (109), “pragmaticamente, a combinação dos traços de desejabilidade e contrafactualidade produzem uma dimensão adicional de arrependimento [...]”³³ (D’HERTEFELT, 2015, p. 80, tradução nossa).

O que todos esses tipos de construção de desejo podem apresentar em comum é a presença de interjeições precedendo a conjunção condicional, como em (108), e ‘ao menos’ na sequência, como em (105). Como característica distintiva, têm-se os verbos, que sinalizam a realização do estado de coisas desejado pelo falante como possível (presente do indicativo e futuro do subjuntivo), improvável (pretérito imperfeito do subjuntivo) ou impossível (particípio passado combinado ao pretérito imperfeito do subjuntivo, ou, ainda, apenas o pretérito imperfeito).

5.1.1.2. Pedidos

Nas construções que expressam pedido, geralmente empregadas em uma situação discursiva com dois ou mais participantes, a realização do estado de coisas potencial é desejável para o falante, denominadas como *speaker-oriented* por D’Hertefelt (2015). Como a realização do estado de coisas é de interesse do falante e depende da colaboração do(s) ouvinte(s), esse tipo de construção parece funcionar como uma estratégia de polidez, assim como afirma Stirling

³³ “Pragmatically, the combination of the features of desirability and counterfactuality produces an additional dimension of regret [...]” (D’HERTEFELT, 2015, p. 80).

(1999). O falante expressa o desejo da realização de um estado de coisas particular, mas de uma forma menos intimidadora para o ouvinte, que é livre para realizá-lo ou não.

Nessas construções, os verbos podem ocorrer no presente do indicativo, no pretérito imperfeito e no futuro do subjuntivo, nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural. São exemplos os seguintes casos:

110) - É um instantinho.. oh! crioulo!

Porém o outro já dava de rédea, resolvido à retirada. E o velho João Cardoso acompanhava-o até a beira da estrada e ainda teimava:

- Quando passar, apeie-se! O chimarrão, aqui, nunca se corta, está sempre pronto! Boa viagem! **Se quer esperar..** olhe que é um instantinho.. Oh! crioulo.. Mas o embuçalado já tocava a trote largo. (CdP)

111) JÚLIO - Sr. João Félix?

JOÃO, voltando-se - Quem é?

JÚLIO - **Se quisesse ter a bondade de ouvir-me por alguns instantes com atenção..**

JOÃO, impaciente - O que tens agora a dizer-me, homem? Vá dançar.

JÚLIO - Pensamentos muito sérios ocupam-se neste momento para eu poder dançar. (CdP)

112) - Está de viagem, Nicácio?

- Vou levar uma carta do sr. capitão-mór ao sobrinho Leandro Barbalho. E o negócio é de apêrto, que vou aforçurado. Deu-me quatro dias para a ida e outros tantos para a volta. Até lá.

- Boa viagem, Nicácio!

- **Se puder de vez em quando dar um pulo lá pelo roçado...**

- Fique descansado.

- É favor! gritou o viajante, que já desaparecia ao longe de galope. (CdP)

Nas construções em (110) e (111), o uso do verbo querer evidencia esse caráter de colaboração entre o falante e o ouvinte na realização do estado de coisas. Em (110), o falante gostaria que seu interlocutor permanecesse ali por mais uns minutos, para tomar chimarrão. Ele expressa isso por meio da construção condicional, que, neste caso, funciona como um pedido, mas que não denota uma obrigação. O interlocutor, que já está se distanciando do falante, não atende ao seu pedido. Na construção em (111), da mesma maneira, o falante se utiliza da construção condicional a fim de introduzir um tópico em um momento aparentemente inadequado. A forma como ele a utiliza parece funcionar como uma estratégia de polidez frente à situação, que parece ser indesejada pela resposta impaciente do interlocutor.

Em (112), o falante solicita que seu ouvinte vá ao roçado para ele, enquanto ele estiver viajando. Novamente, o caráter opcional da realização do estado de coisas pelo ouvinte é evidenciado pela resposta imediata do falante após o ouvinte responder ao pedido: 'É favor!'. Aparentemente, o falante deseja que o ouvinte atenda ao seu pedido, mas não há qualquer marca que evidencie obrigatoriedade.

Outros exemplos desse tipo de construção são:

- 113) - E ele.. e ele? fala-me tu dele, Raquel.
- Minha bela vaidosa, que queres, pois, que eu diga?
- **Se tu pudesses dizer-me**, Raquel; se tu o soubesses.. é que há uma eterna pergunta no meu coração, e uma dúvida cruel dentro do meu espírito.. quem é ele.. quem é esse homem.. (CdP)
- 114) GASPARINO - Deixemos aqueles que repousam na mansão dos justos (Mudando de tom) Vossa Excelência já fixou o dia do seu casamento?
BARÃO - Até agora nada está decidido.
GASPARINO (À parte) - E creio que nada arranjarás.
BARÃO - **Se o senhor pudesse interceder por mim..** Eu não tenho jeito para essas coisas. Se não fosse o senhor talvez que a Senhora Dona Ana ignorasse até as minhas intenções.
GASPARINO - Veremos, senhor Barão. Hei de fazer tudo que estiver no círculo de minhas forças. (CdP)
- 115) - Desculpe-me, senhor - continuou ela - não é possível por hoje ouvir suas doces palavras; sinto-me mal; preciso retirar-me. **Se o senhor tivesse a bondade de levar-me onde está meu pai..**
- Por que não, D. Elvira.. mas oh.. como está pálida.. está sofrendo muito, não é assim.. quer que eu a acompanhe.. que lhe chame um médico.. aqui mesmo os há..
- Obrigada, senhor Álvaro; não se inquiete; isto é um mal passageiro, cansaço talvez; em chegando a casa ficarei boa. (CdP)
- 116) Não me repreendas; deixa-me conversar contigo.. Coloca teu braço debaixo da minha cabeça.. Assim! Mas a ferida começa a doer-me muito! **Se me desse um pouco d'água!** Tenho uma sede horrível! Ai quanto custa morrer..
- Não te aflijas, Violante! Não fales em morrer! (CdP)

5.1.1.3. Ameaças

Assim como as construções do grupo anterior, as CCIs empregadas para expressar ameaças também ocorrem em contextos interativos, geralmente em uma situação com falante e ouvinte. Nesse tipo de construção, a realização do estado de coisas potencial é orientada novamente ao falante, sendo não desejável para o ouvinte, já que o falante deixa subentendido que pode haver consequências desfavoráveis caso o estado de coisas seja realizado.

Tais construções podem apresentar verbos no modo indicativo, nos tempos presente e pretérito imperfeito, e no modo subjuntivo, particularmente no tempo futuro. Em ambos os modos, podem ocorrer nas 1ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª pessoa do plural. Os seguintes casos podem ilustrar:

117) - A minha palavra, respondeu.

Já soava o riso dos dois hóspedes do Fragoso quando o capitão-mór o atalhou:
- A tua palavra, Arnaldo, que nós seguramos com a nossa. O que disse o nosso vaqueiro é a verdade, e somos nós, o capitão-mór Gonçalo Pires Campelo, que o afirmamos. **Se há quem duvide...** terminou com uma reticência cheia de ameaças, correndo os olhos em roda.

- Quem é capaz de duvidar da honrada palavra de vossa senhoria? acudiu o João Correia. (CdP)

118) Gertrudes - Quero tomar alguma coisa.. alguma coisa quente!

Beatriz - Quer ir lá para dentro?

Gertrudes - Não sei! Estou tão fraca! Vou experimentar.. (Dá alguns passos sustida por Bento e Beatriz; depois endireita-se bruscamente e entra na estalagem, agitando a chibata) - Ah! velhaco! alma de cão! **Se te apanho..**

Bento (Só) - Com certeza esta senhora tem uma aduela de menos! (CdP)

119) - Passa um cigarro. Ah! Não imaginas como estou: não tenho voz, a camisa está como uma papa, mas também ontem berrei como um danado. Que pensas? Eu cá não conto com desgraça, sou homem! **Se grimparem comigo, ahn!** Mas passou, hein? E atirou uma palmada ao ombro de Anselmo.

- Por quantos votos? - perguntou um sujeito magro.

- Sei lá de votos! Sei que passou e se não passasse voava a quitanda: os cabras estavam dispostos. (CdP)

Uma marca característica dessas construções que expressam ameaça é a inversão da polaridade. Segundo D'Hertefelt (2015), observa-se a polaridade passando de positiva para negativa quando a construção condicional se refere a uma ação que o falante acredita que será realizada pelo ouvinte, mas é utilizada para comunicar que ele não deseja que essa ação aconteça. Parece ser o caso das construções acima, especialmente em (117) e (119).

Em (117), o que está em jogo é a veracidade de uma informação veiculada por um dos participantes da situação comunicativa. Aparentemente, um dos interlocutores tem uma reputação que é de conhecimento comum entre os participantes. O uso da CCI expressa uma ameaça a quem duvida de sua palavra e, ao mesmo tempo, denota sua expectativa de que ninguém, de fato, tenha dúvidas dela. É o que também se observa em (119), em que o falante

se utiliza da CCI com valor de ameaça para reiterar o fato imediatamente anterior mencionado por ele: ‘Eu cá não conto com desgraça, sou homem!’.

Para a autora, a inversão da polaridade em condicionais insubordinadas de ameaça ocorre em função dessas construções sempre implicarem uma consequência não expressa (*q*) que especifica as consequências para a realização potencial do estado de coisas na prótase (*p*). Segundo D’Hertefelt (2015):

A inversão de polaridade típica das ameaças pode assim ser explicada pelo fato de que a realização potencial da ação em *p* é convencionalmente interpretada como levando a uma consequência indesejável *q*. Se o destinatário quer evitar *q*, ele precisa, portanto, abster-se de realizar a ação em *p*.³⁴ (D’HERTEFELT, 2015, p. 95, tradução nossa)

5.1.1.4. Ofertas

Nas CCIs que expressam ofertas, também empregadas em situações interacionais com mais de um participante, a realização do estado de coisas potencial é desejável para o ouvinte, denominadas como *addressee-oriented* por D’Hertefelt (2015). Nesses casos, o falante percebe alguma necessidade do destinatário para a realização de uma ação específica, que pode ocorrer no presente ou no futuro, e julga a si próprio como capaz de realizá-la. Por meio da construção condicional, o falante oferece ajuda de forma também polida. São exemplos os casos:

- 120) - Eu vinha saber se havia novidade..
- A pobre senhora expirou agora mesmo..
- Ah! Os dois homens olharam-se um instante fixamente.
- **Se eu sou preciso para alguma coisa..** - disse João Eduardo.
- Não, obrigado. As senhoras vão-se deitar. (CdP)
- 121) O homem continuava sem dar por mim, embora já me tivesse olhado por duas vezes.
Cheguei-me mais e tossi. Raspei o pé descalço numa tábua e meti conversa.
- **Se vossemecê precisar de alguma ajuda..**
O homem levantou a cabeça, sorriu-se e acabou por dar uma gargalhada. (CdP)
- 122) MONTEIRO - Mas é aqui que o senhor Frazão trata dos seus negócios.
DONA RITA - Ele não está?

³⁴“The polarity reversal which is typical of threats can thus be explained by the fact that the potential realization of the action in *p* is conventionally interpreted as leading to an undesirable consequence *q*. If the addressee wants to avoid *q*, they thus need to refrain from realizing the action in *p*.” (D’HERTEFELT, 2015, p. 95).

MONTEIRO - Está, sim, senhora. Está ali fazendo os adiantamentos aos artistas da companhia que hoje segue para fora. **Se quiserem sentar-se e esperar um pouquinho?** (Dá-lhes dois bancos; elas sentam-se agradecendo com gestos e sorrisos)
As senhoras querem tomar alguma coisa?
AS DUAS - Muito obrigada. (CdP)

Essas construções costumam apresentar o verbo no presente do indicativo, no pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo, geralmente nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural. Segundo D'Hertefelt (2015), elas evocam uma consequência não expressa que encoraja o ouvinte a pedir ao falante que faça algo por ele e sinalizam explicitamente a disposição do falante em atender ao pedido do ouvinte. É o que se pode observar nos casos acima, em (120) e (121).

Em (120), por iniciativa do próprio falante, ele se utiliza da CCI para expressar sua disposição em ajudar em qualquer situação que seu ouvinte possa precisar. Da mesma forma ocorre em (121), em que o falante se utiliza da construção condicional para se referir a uma ajuda genérica que está disposto a oferecer. Já em (122), o falante, sabendo que o homem por quem as mulheres procuram está ocupado e elas permanecerão esperando, oferece um banco para que possam se sentar.

Outros casos de condicional insubordinada de oferta são apresentados em:

- 123) - Ele nunca me deixou fazer o mapa porque tinha medo de saber que era um suicida - Bia explicava.
- Esse tipo de tendência está sempre assinalado.
- **Se você precisar de alguma coisa** - sussurrou Lauro a Flora.
Pensava nos aspectos práticos, o preço do caixão, a conta do enterro. (CdP)
- 124) - Também admiro muito essa rapariga, é uma grande artista; tenho quadros dela em minha casa . **Se Você quiser que eu lha apresente..**
- Não, o que eu queria era uma apresentaçõzinha aqui do Dr. Moura Teles, - teimou Vasco, já quase com insolência. (CdP)
- 125) - **Se a senhora quer vir jantar..** - disse Joana à porta do quarto. Tinha posto um avental branco, e acrescentou: - A Srª Juliana está deitada, diz que está com a dor, não pode servir à mesa.
- Já vou. (CdP)

5.1.1.5. Sugestões

As construções que expressam sugestões geralmente ocorrem na forma interrogativa e podem ocorrer com ou sem a conjunção coordenativa *e*.³⁵ Essas construções expressam uma sugestão do falante ao interlocutor, a qual ele assume ser desejável ou adequado, de alguma maneira, vide exemplos:

- 126) Dr. Samuel fazia questão fechada de apresentar suas despedidas pessoalmente para mana Maria. E Joaquim lembrou:
- **Se a gente oferecesse um jantar para ele hem?** Que tal?
Mana Maria detrás do jornal respondeu: - Não. Que diabo.
Mana Maria parece que já estava implicando com o moço que tratara tão bem de Ana Teresa e cobrara tão pouco. (CdP)
- 127) Quando a conversa pedia uma resposta determinada, com a qual ele já contava para cunha doutras pedras do discurso, a impossível criatura saía-se de lá com uma interrupção inesperada, desconcertante, e a que por desgraça não faltava sal e penetração. Esta Susana!.. - e sentiu-se nu . **Se fôssemos dar um passeio?** - propôs Raúl, a ver se salvava o dia de um atoleiro de frases e alusões. (CdP)
- 128) D. MAN. - Senhor D. Antônio..
D. ANT. - Nem mais uma palavra, Senhor D. Manuel de Portugal, nem mais uma palavra. - Mancebo sois; é natural que vos ponhais do lado do amor; eu sou velho, e a velhice ama o respeito. Até à vista, Senhor D. Manuel, e não turveis o meu contentamento. (Dá um passo para sair).
D MAN. - **Se matais vossa filha?**
D ANT. - Não a matarei. Amores fáceis de curar são esses que aí brotam no meio de galanteios e versos. Versos curam tudo. (CdP)
- 129) Carlos - Precisamos de dois padrinhos.. Um deles já está lá dentro.. É um mudo!
Castelo Branco - Um mudo!
Carlos - Tenho certeza de que não há de dar com a língua nos dentes. Infelizmente não pude arranjar dois mudos. Escrevi a um amigo íntimo e seguro. Já devia aqui estar.
Castelo Branco - **Se convidarmos o dono da estalagem?**
Gabriela - É verdade; dir-lhe-emos que meta esse serviço na conta.
Carlos - Deus me defenda! (CdP)

³⁵ Como esse trabalho se dedica apenas às construções iniciadas por *se*, foram consideradas tanto para a coleta de dados, quanto para a análise somente aquelas sem a conjunção coordenativa.

Em todos esses casos, o falante propõe uma ação que julga ser desejável para o ouvinte, mas deixa em aberto para que o ouvinte decida se essa ação será, de fato, realizada. Nesse sentido, comunicam ideias que podem funcionar como soluções a um problema particular, convites para realizar determinadas atividades, juntos ou não, etc.

Nas construções em (126), (127) e (129), o falante sugere uma atividade a ser realizada em conjunto, por ele e seu interlocutor. Já em (128), trata-se de uma sugestão voltada apenas para o ouvinte. Esses exemplos acima demonstram o fato de que o ouvinte é livre para acatar ou não a sugestão do falante, já que o mesmo não a aceita nos casos exemplificados em (126), (128) e (129) sem ter ou sofrer qualquer consequência.

Como traços formais, essas construções apresentam verbos no presente do indicativo, no pretérito imperfeito e no futuro do subjuntivo, nas 1ª e 3ª pessoas do singular e 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural, e ocorrem sempre na forma interrogativa.

5.1.2. Avaliativas

As condicionais in subordinadas avaliativas expressam um juízo de valor negativo do falante em relação a uma situação ou a uma pessoa. Esse juízo de valor pode ser marcado de forma escalar, por elementos como tão e até, e também de forma comparativa. Os seguintes casos podem ilustrar:

- 130) - Ora aqui tens como eu sou comerciante. O pai gosta de me ver lá em baixo, como representante da firma Whitestone & C.a, e mais nada. Chego ao escritório, abro a janela, mostro-me ao público, como uma espécie de tabuleta da casa, dou três passeios na praça, converso em tudo, menos no negócio, e venho embora. **Se isto é trabalhar..**
- Mas, já que te repugna essa ociosidade, por que não trabalhas deveras?
- Porque não é costume. (CdP)
- 131) [Pantaleão] - Tanta bondade, senhor! Mas permita-me somente que lhe observe. Alguns de esses empregos, há pessoas com direitos adquiridos a elles .
[Thomé] - Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o país.
[Pantaleão] - Ah! **se isso é organizar o país!**
[Thomé] - Pois organizar o país o que é, pateta, senão repartir a gente por si e por os seus amigos...?? (CHPTB)
- 132) Continuou a olhar para ele. Mentalmente, comparava-os:
- O Cesário sempre é outra coisa; mas também não há de ser tão fácil de guiar. **Se o Brandão não fosse tão comum!** é ainda mais comum que o outro. (CdP)

- 133) DIONÍSIA - Coitado! adora-me, como um cãozinho à sua dona! **Se o outro fosse bonito assim..** o Cincinato é feio que espanta; mas tem a carteira tão cheia que faz gosto ver!
GERTRUDES - E além da carteira tem quarenta casas de sobrado de dois andares para cima..
DIONÍSIA - Diabo do feio! Hei de ser um incêndio que lhe queimará em quarenta dias os quarenta sobrados. (CdP)

Em (130), por meio da CCI, o falante expressa seu descontentamento em relação à forma como trabalha. Para ele, as atividades que desenvolve em seu trabalho não correspondem ao que entende e gostaria de ter como trabalho. Da mesma forma, em (131) o falante avalia a forma com que seu interlocutor diz organizar o país negativamente, porque parece ser incompatível com o que ele acredita ou espera que seja, de fato, organizar um país.

Em (132), a construção é utilizada em um contexto de comparação entre duas pessoas que, para o falante, são muito comuns. Essa construção, além de comparativa, expressa a escalaridade por meio do item ‘tão’, que denota intensidade. O mesmo ocorre na construção em (133), em que a falante compara a beleza de duas pessoas. O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, nesse caso, significa que a pessoa da qual se fala não é bonita. O item ‘assim’ evidencia a comparação com a segunda pessoa.

Segundo D’Hertefelt (2015), as condicionais insubordinadas avaliativas sempre evocam uma escala na qual o estado de coisas avaliado é colocado em relação a alternativas contextualmente relevantes. Como se observam nesses casos expostos acima, a avaliação negativa do falante está relacionada às suas próprias expectativas.

Como características formais, essas construções apresentam verbos no modo indicativo, nos tempos presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, e no modo subjuntivo, no pretérito imperfeito, geralmente nas 1º e 3º pessoas do singular e 3º pessoa do plural.

5.1.3. Argumentativas

As construções argumentativas são empregadas para justificar a atitude do falante em relação a algo que foi dito anteriormente, isto é, para argumentar em relação a um discurso precedente (D’HERTEFELT, 2015), como nos seguintes casos:

- 134) Vou-me embora. E contudo São Francisco é uma bela ruína, que merecia examinada devagar, com outra paciência que eu já não tenho. **Se tudo me impacienta aqui!** (CdP)

- 135) - Não sabia que bordava tão bem!
 - Ora! Não tenho paciência para estes trabalhos. **Se não fosse uma dívida..**
 - Como? Não é mais presente de anos?
 - Uma e outra coisa. (CdP)
- 136) - Deixemos porém isto. Fica decidido, eu falarei a Tomé e dar-te-ei a resposta.
 - Agradeço-lhe, Sr. Jorge. Mas veja lá, se lhe custa..
 - Porque há-de custar? Ora essa! **Se falo quase todos os dias com o Tomé.** Em lugar de conversarmos no tempo que faz ou no estado das terras, conversaremos nisso. (CdP)

No caso em (134), a CCI é utilizada para justificar o fato de que o falante já não tem paciência para permanecer no lugar onde está. Para ele, a impaciência que tudo lhe causa é o motivo para sua decisão de ir embora. Em (135), a falante faz uso de uma CCI para argumentar sobre a razão pela qual continua realizando bordados, ainda que não tenha paciência para isso. Já na construção em (136), o falante argumenta sobre o próprio questionamento que acaba de fazer ao seu interlocutor, com função de refutá-lo frente a uma suposição mencionada anteriormente, de que o favor que ele acaba de lhe oferecer pode lhe custar alguma coisa. O que o falante quer dizer a seu interlocutor, ao empregar a CCI, é justamente o contrário, que o fato de que ele fala quase todos os dias com Tomé garante que não será custoso procurá-lo para tratar dos assuntos de seu interlocutor.

Essas construções apresentam os verbos geralmente nos tempos presente, pretérito imperfeito, perfeito mais-que-perfeito e futuro do modo indicativo, e também no pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo. Podem ocorrer nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª e 2ª pessoas do plural. Os demais casos são exemplos:

- 137) - Viste-te obrigada a tornar para trás, e, como se adiantava a noite, tiveste de ir ficar a casa de tua madrinha, nos Cabeços. Que susto que eu tive. Santo Deus! **se eram já altas horas, e tu sem chegares!**
 - É verdade. E por sinal, que me mandaste procurar.
 - Mandei. Imagina lá como eu fiquei, como ficámos nós todos, quando, sendo quase madrugada, nos voltaram a casa com uma das tuas argolas das orelhas, que tinham encontrado meia enterrada nos lameiros. (CdP)
- 138) Voltou-se Manuel já de animo sereno, designando o animal com um aceno da mão estendida: - Pois a égua aí está, senhores. Quem quiser que a monte. **Se é tão fácil!** Alguns dos peões se adiantaram para outra vez tentarem cavalgar o animal: não deram, porém, dez passos. (CdP)

- 139) Notou mais os olhos sérios e, quanto ao riso que arrepanhava a boca no geral tão engraçada, dava amargura vê-lo, que rido prazer. Havia coisa ruim pela certa. **Se até os muros da casa ressumavam um ar diferente, um ar tristonho..** (CdP)

5.1.4. Assertivas

As CCI's assertivas, pela definição de D'Hertefelt (2015), são aquelas utilizadas para expressar uma afirmação do falante. É comum que essas construções apresentem um elemento de polaridade negativa, como *não* em português, mas também podem ocorrer sem qualquer elemento dessa natureza. Além de expressarem a afirmação do falante em relação a um evento e/ou à uma pessoa, podem funcionar também como uma refutação, isto é, uma réplica de valor adversativo. Os seguintes casos podem ilustrar:

- 140) - E ele quer-me, depois de eu me ter negado? - disse ela com amargura irónica.
- **Se ele está apaixonado, filha..** E tem bastante confiança em si para crer que tu há-de amá-lo muito.. (CdP)
- 141) - Mas, Deus do céu! meu pai! que fatal engano! não é esse que eu amo!
- Não amas Francisco de Mendonça e disseste-me que o tinhas escondido no quarto!
- Sim, mas aquele que encontrámos depois não era Francisco de Mendonça, não era o mesmo que eu la escondera.
- Francisco de Mendonça é aquele, filha, respondeu D. Alvaro com inesperada brandura. **Se eu não conheço Francisco de Mendonça!** Eu amigo intimo de seu pai!
(CdP)
- 142) - Conheço-o desde que está em Lisboa, para onde veio fugido por causa de um duelo que teve no Porto com pessoa de alta jerarquía.
- E eu conheço-o desde o Porto, onde ele teve o duelo.
- Sabia disso?
- Perfeitamente. **Se o desafio foi comigo!** (CdP)
- 143) - Está certo que se deitou com a bolsa? - perguntou-lhe o Gaudêncio, que era homem de palavras poucas, mas acertadas.
- Ora! como do Sol que nos alumia.
- Não a terá perdido, ou não lha terão pilhado ontem no adjunto?!..
- E ele a dar-lhe! - redarguiu o Birra, largando um estalo com a língua. - **Se lhe estou a dizer que contei as minhas trinta peças ao deitar.** Ou julga você que é fábula?
(CdP)
- 144) [...] o que sendo dito a Daciano, disse com a mesma sanha, e crueza de antes de mais: **Se nem morto o pode rei vencer.** Então mandou atar uma grande mó ao Corpo, e lançar o no mar para debaixo do mar ser escondido [...] (CHPTB)

Nem todas as construções assertivas expressam, de fato, uma réplica de valor adversativo. Alguns casos são utilizados apenas para fazer uma afirmação, como ocorre em (140). Nesse exemplo, por meio da construção condicional, o falante comunica que o sujeito sobre o qual estão falando está apaixonado. Essa construção é realizada com força ilocucionária declarativa e, aparentemente, o falante não tem o desejo de ser rude com seu interlocutor.

De forma diferente ocorre em (141), em que a construção apresenta uma força exclamativa. Nessa construção, o item de polaridade negativa ‘não’ parece expressar certa indignação do falante em relação à informação mencionada por sua interlocutora. O falante contrariado emprega a CCI para afirmar que conhece, de fato, Francisco de Mendonça e, sendo assim, não pode estar enganado sobre quem avistou.

As construções em (142), (143) e (144) também evidenciam uma refutação do falante ao seu interlocutor. Em (142), os interlocutores estão discutindo sobre o fato de conhecerem um mesmo sujeito, disputando quem supostamente o conheceu primeiro. O falante se utiliza da CCI para garantir ao interlocutor que ele é quem conheceu o sujeito primeiro. Em (143), a construção assertiva funciona claramente como uma réplica ao discurso precedente, em um contexto em que o falante tem sua certeza questionada pelo interlocutor e isso, aparentemente, o deixa irritado. Na construção em (144), o falante se utiliza da condicional assertiva para dizer que, se nem o rei estando morto seu interlocutor é capaz de vencê-lo, tampouco é capaz de vencê-lo vivo.

Nem sempre é claro, em relação aos aspectos formais, quando uma construção é ou não de caráter refutativo, tendo em vista que todas as construções assertivas podem, em geral, ocorrer no modo indicativo, com o verbo no presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª e 3ª pessoas do plural. Construções como as seguintes, por exemplo, são utilizadas apenas como uma forma de identificação, assim como descreve D’Hertefelt (2015) também sobre as línguas germânicas:

- 145) - Viva o meu querido Delfino Montiel - tinha dito Adriano.
- Ora, **se não é o Adriano, gente!**
- Eu mesmo.
- Revendo as coisas do passado, Adriano?
- Hum.. Passeando, assuntando. Aliás a gente quando vem a Congonhas não se lembra de passado nem nada. É tudo sempre tão igual que não se imagina o tempo passando, não é, Fininho? (CdP)

146) - Ora, **se não é o filho do meu velho amigo Manuel Mourão!**³⁶ (CdP)

Nesses casos em (145) e (146), também se nota a inversão da polaridade, de negativa para positiva, uma vez que a construção apresenta o item 'não', mas que neste contexto contribui para comunicar justamente o contrário, uma afirmação positiva que expressa que, de fato, é o sujeito de quem se fala.

Sendo assim, a pista para identificar o valor adversativo das construções assertivas está no contexto interacional, a partir da relação entre falante e ouvinte e outros elementos contextuais. O fato de ambos os tipos serem agrupados em uma mesma categoria, isto é, as refutativas e não refutativas, se dá em virtude do padrão formal dessas construções ser o mesmo, assim como a função mais geral que exercem, de asserção.

5.1.5. Raciocínio

As construções de raciocínio são empregadas com a finalidade de convidar o interlocutor a imaginar possíveis cenários decorrentes da realização de um estado de coisas particular, como ilustram os seguintes casos:

147) ADRIANO - Meu editor me espera daqui a pouco para ajustar comigo o preço de uma composição que ontem lhe enviei, e ao mesmo tempo espero vender uma ópera ao teatro Provisório, e conto com um lugar na orquestra do teatro de S. Pedro.
CELESTINA - **Se tudo isso se puder realizar..**
ADRIANO - Realizar-se-á, estou seguro; tenho todas as condições que se requerem.
(CdP)

148) Cecília fitou-o com olhar de raiva e nem lhe pôde responder.
- A falar a verdade - disse Antónia - não sei o que parece! Pois a menina vai assim, sem mais nem menos, falar da janela para baixo, com aquele senhor..
- **Se a vizinhança por aí visse..** - acrescentava o outro, espreitando para verificar se a sobredita vizinhança teria de facto visto.
- E então quem? Um cabeça no ar.. o filho..
- Basta! - exclamou Cecília, não podendo já reprimir-se mais tempo. (CdP)

149) ISAÍAS - Os incomodados é que se mudam.
INÊS - Mas eu estou em minha casa, senhor!

³⁶ Essas construções em (145) e (146) não foram captadas pelos padrões de busca mencionados no capítulo de procedimentos metodológicos, mas foram encontradas individualmente no *corpus*. Como é um dado relevante na caracterização dessa categoria, em particular, considerou-se importante apresentá-lo, embora não faça parte da amostra considerada para a análise que se apresenta, apenas por limitações das expressões de busca utilizadas.

ISAÍAS - Descobriu mel de pau!

INÊS - Irra! Que homem sem-vergonha!

ISAÍAS (Examinando cinicamente a costura) - Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

INÊS - **Se o meu noivo o visse aqui!** Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que..

ISAÍAS - Cão que ladra não morde.. E eu sou homem.. tenho força.. (CdP)

- 150) – Mas eu tenho-o encontrado tantas vezes, aqui perto, quando vou à casa de Zana, e não apareceu nenhuma desgraça.
- É que anda farejando, ou senão deram-lhe no rasto e estão-lhe na cola.
 - Coitado! **Se o prendem!**
 - Ora qual. Dançará um bocadinho na corda!
 - Você não tem pena?
 - De um malvado, Inhá!
 - Pois eu tenho! (CdP)

Essas construções apresentadas acima se referem a cenários potenciais, isto é, que ainda podem acontecer. No caso em (147), a personagem Celestina utiliza a construção condicional após seu interlocutor, Adriano, falar sobre seu trabalho e possíveis oportunidades que estão por acontecer. A construção se refere ao que pode acontecer caso essas oportunidades de fato se concretizem.

Em (148), os interlocutores discorrem sobre o fato de uma garota estar se relacionando, de alguma forma, com um homem mais velho. A CCI é utilizada neste contexto para se referir à repercussão que essa situação pode ter na vizinhança.

No uso em (149), a personagem imagina, por meio da CCI, o que pode acontecer caso seu noivo a veja acompanhada de outro homem. Na sequência, ela menciona o fato de que seu noivo jurou se vingar em uma situação como essa. Nesse caso, a construção de raciocínio se assemelha a um aviso, de que as consequências desse cenário em potencial serão, certamente, negativas. O mesmo ocorre no exemplo seguinte, em (150), em que interlocutores falam sobre um homem que corre o risco de ser preso.

Além de cenários potenciais, as CCIs de raciocínio também podem se referir a cenários contrafactuais, isto é, já finalizados, imaginando o que poderia ou teria acontecido naquelas circunstâncias específicas, como em:

- 151) Uma vez o Pedrinho quis tomar da cachorrinha; mas ela ia mordendo-o na mão. **Se não fosse a moça que acudiu tão depressa com o chicotinho!** Enquanto Ricardo conversava com a Gertrudes, e o Simão ouvia mergulhado no mesmo torpor, dois

meninos e uma menina, acorados a um canto, cochichavam entre si. A penúria tinha apagado naquelas crianças a vivacidade natural da infância. (CdP)

Nas construções de raciocínio, em geral, os verbos ocorrem nos tempos pretérito imperfeito, presente e futuro do modo indicativo, este último também por meio do futuro perifrástico, e nos tempos pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo, nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural.

As construções de raciocínio também podem se apresentar na forma interrogativa, se referindo diretamente ao interlocutor. É possível que essas construções ocorram precedidas pela conjunção coordenativa *e*. No entanto, como este trabalho se dedica apenas às construções iniciadas pela conjunção *se*, esses casos não fazem parte da amostra de dados. Sendo assim, são exemplos as seguintes construções:

- 152) MANUEL - Quando os dobres começarem..
ALCOFORADO - Que dobres? Que dizes tu?
MANUEL - De que te espantas.. Não é amanhã o dia de finados?
ALCOFORADO - Tens razão (Pensativo) Ainda outro mau agouro! (Momento de silêncio). Irmão, és tu corajoso?
MANUEL - Homem, eu creio que sim; porém com certeza que tens muito mais coragem do que eu, que também para isso és o mais velho.
ALCOFORADO - **Se pois me acontecesse algum desastre?** (CdP)
- 153) - Cuidado! disse, esperemos que se dissipe a fumaça. O caso é sério. São queixadas.
- Então foi a queixadas que eu atirei?
- Foi, e felizmente não há bando, são só dois.
- **Se houvesse bando?**
- Estaríamos perdidos. (CdP)
- 154) - Tu vem amanhã, meu filhinho? Tu vem, meu bichinho - pedia ela. E beijava a boca, beijava tudo numa sofreguidão de sedenta. Bento teve medo. **Se viesse alguém?**
- Pode chegar gente, D. Fausta.
- Não vem não, bichinho. Não vem ninguém não. (CdP)

Essas construções interrogativas funcionam da mesma maneira que as apresentadas anteriormente, isto é, dão início ao processo de raciocínio, quando convidam o interlocutor a pensar sobre possíveis consequências da realização de um estado de coisas. Para D'Hertefelt (2015), elas orientam a atenção do falante ou do ouvinte a uma construção implícita de consequência, tendo como evidência o elemento que precede a conjunção *se*. No inglês, por

exemplo, essa evidência é mais clara, já que essas construções são sempre precedidas pelo pronome interrogativo ‘*what*’ (o que).

5.1.6. Pós-modificadoras

Assim como nas línguas germânicas, há construções condicionais no português que desempenham o papel de pós-modificação, isto é, modificam um enunciado precedente fornecendo uma condição extra para a realização de um estado de coisas potencial, como ocorre nos seguintes casos:

- 155) - Não haveis mister de ir a Roma, que perto tendes a absolvição. Esta noite resgatareis a alma se quiserdes.
- Esta noite?
- Sim. As ordens que trago são para que esta noite se levante tudo e acabemos por uma vez com a insuportável tirania que nos oprime e nos desonra. El-rei está em.. Podemos falar seguramente aqui?
- **Se não receais da bruxa..** Mas dela bem sabemos que nada há que temer.. cá por nós dois.. (CdP)
- 156) - Inspetor Espinosa? - perguntou a voz já conhecida.
- Sim. Como vai, dona Bia? Desculpe incomodá-la num sábado de manhã.
- Não é incômodo, inspetor. Alguma novidade?
- Nada de significativo - respondeu Espinosa. - Poderia passar rapidamente no seu apartamento? Não lhe tomarei mais do que cinco minutos.
- **Se forem cinco minutos..** Vou almoçar com meu pai. Alguma coisa importante?
- Não tomarei mais que os cinco minutos concedidos. (CdP)
- 157) - Ama-me ele a mim? quer saber Alda.
- Tem-vos amizade de pai, d' irmão, tem por vós uma devoção, uma..
- Nesse caso, posso.
- E vireis a amá-lo?
- Julga ele que virá também a amar-me?
- **Se não tendes outro amor.** (CdP)
- 158) - O crime não foi totalmente esquecido..
- A polícia o arquivou.
- A senhorita gostaria que fosse elucidado?
- É lógico que sim.. Afinal, trata-se de minha tia. Éramos muito íntimas. Sente-se, por favor. Aceita um refrigerante?
- **Se a senhorita me fizer companhia.** (CdP)

Nesses casos, nota-se que, em função do diálogo e da construção atuar como uma resposta à pergunta realizada no turno imediatamente anterior, a construção desse turno anterior poderia ser entendida como uma oração principal para a CCI. Em (155), por exemplo, tem-se uma construção completa quando se associa a pergunta à resposta, ‘podemos falar seguramente aqui, se não receais da bruxa’. Da mesma forma ocorre nos exemplos subsequentes, em (156), (157) e (158).

Usos que não envolvem necessariamente uma situação dialógica, de perguntas e respostas, também podem ocorrer, como em:

- 159) Tirem o menino da água e tragam o ferro em brasa! Só o fogo pode estancar a hemorragia! Que trabalheira! E agora? Por onde o menino vai urinar? Sem pênis! **Se ele viver. Se Francesco viver.** (CdP)

Nesse caso, em particular, não há uma relação que possa ser avaliada em termos sintáticos entre o enunciado precedente e a construção condicional, como ocorre nos casos anteriores. No entanto, a relação entre a construção condicional e as construções precedentes revela uma dependência que é de natureza pragmática. No contexto, a CCI atua como um adendo, ou ressalva, sobre o estado de coisas da construção precedente ‘por onde o menino vai urinar?’. A construção acrescenta a nova condição como um requisito básico para que o sujeito sobre o qual se fala volte a urinar normalmente, isto é, apenas sobrevivendo àquela situação.

No geral, esse tipo de construção expressa um significado construído em função de outro enunciado, seja ele realizado de forma diádica ou não. É essa relação com enunciados anteriores que permite que essas construções sejam realizadas de forma independente, já que partes desses enunciados podem funcionar como uma oração principal (SANSIÑENA; DE SMET; CORNILLIE, 2015). Também por esse motivo, não é possível sistematizar traços formais para esse tipo de construção, já que são mais espontâneas que os demais tipos (HIRATA-VALE, 2015). Ainda assim, é possível observar que essas construções geralmente ocorrem após a menção de um estado de coisas, atuando sobre o nível da proposição. No jogo dialógico entre falante e ouvinte, geralmente ocorrem como um turno de fala próprio, como resposta ao turno imediatamente anterior.

Justamente pelo fato de apresentarem essa relação de dependência semântico-pragmática com o discurso anterior, D’Hertefelt (2015) considera que essas construções não se são casos verdadeiramente insubordinados, ao menos não nos termos de Evans (2007), porque não passaram por qualquer processo de convencionalização. Segundo a autora, essas

construções têm um estatuto gramatical distinto, embora tenham sido, na maioria dos trabalhos, descritas como construções subordinadas. D’Hertefelt (2015) afirma, ainda, que o que ocorre nessas construções é uma mudança de dependência, do nível da sentença para o nível do discurso, em que a construção passa a se ancorar no discurso, estabelecendo outras relações de dependência que não se restringem apenas a orações às quais ela estaria sintaticamente relacionada.

Neste trabalho, assume-se o posicionamento de que essas construções, como as de (155) a (159), podem ser consideradas subordinadas, mas ainda em um estágio anterior de convencionalização, como também argumentam Sansiñena, De Smet e Cornillie (2015). Isso porque, como se verá adiante na análise diacrônica, alguns casos que também atuam como ressalvas, exatamente como os que D’Hertefelt (2015) descreve para esta categoria, aparecem em diferentes contextos ao longo do tempo, com graus de independência sintática e semântico-pragmática variados. Esses dados demonstram um *cline* de subordinação (EVANS, 2007; HIRATA-VALE, 2015) que aponta para a perda da condicionalidade até atingir o uso formulaico, em que a construção passa a desempenhar apenas funções relacionadas à constituição textual.

O que justifica a separação dessas construções em duas categorias é o fato de que casos de construções metatextuais deixam de operar apenas sobre o estado de coisas e passam a ser utilizadas como mecanismos interpessoais relacionados à polidez, à modalização epistêmica e que exercem outras elaborações que possam contribuir para a clareza do enunciado. Isso é evidenciado pela mobilidade que essas construções apresentam, podendo ocorrer de forma anteposta ou posposta ao enunciado sobre o qual exercem modalização, estabelecendo diferentes relações de escopo.

5.1.7. Metatextuais

De acordo com Hirata-Vale (2017), CCIs metatextuais “expressam significados procedurais relacionados à situação discursiva” (HIRATA-VALE, 2017). Sendo assim, são construções que podem esclarecer enunciados anteriores, por meio de comentários, correções e adendos, funcionando também como mecanismos interpessoais relacionados à polidez e à modalização epistêmica.

As construções metatextuais geralmente apresentam um pareamento de forma e significado mais convencionalizado. Tal convencionalização faz com que essas construções

sejam quase ou totalmente independentes, do ponto de vista sintático e semântico, em relação ao enunciado em que ocorrem. Por essa razão, essas construções têm bastante mobilidade nos enunciados e podem ocorrer de forma ante ou posposta, estabelecendo diferentes relações de escopo, isto é, sobre uma palavra, sobre uma outra construção complexa, sobre a própria situação discursiva, sem ter seu significado afetado.

Essa convencionalização também permite que o padrão formal desse tipo de construção seja mapeado mais facilmente, em comparação aos demais tipos de CCI. A maioria das construções metatextuais apresentam a conjunção subordinativa *se*, seguida ou não de um pronome, um advérbio, ou ambos, e um sintagma verbal.³⁷ Poucas construções apresentam, além desses elementos citados, elementos nominais que fazem parte de sua estrutura interna, como é o caso de [se me DAR licença]. A partir dessa estruturação de forma, identificam-se as seguintes construções:

- a) **se (me) permite**
- b) **se me DAR licença**
- c) **se calhar**
- d) **se bobear**
- e) **se duvidar**
- f) **se não me engano**
- g) **se bem me recordo**
- h) **se me lembro**
- i) **se bem me lembro**
- j) **se não estou enganado**
- k) **se é que X**
- l) **se se pode dizer X**

Essas construções podem ser divididas em três grupos: i. de polidez; ii. de ressalva; iii. de modalização epistêmica.

³⁷ Por essa razão, o mapeamento dos usos metatextuais nos *corpora* também se deu por estratégias um pouco diferentes, especialmente no CdP (ver capítulo IV, de procedimentos metodológicos).

5.1.7.1. CCIs metatextuais de polidez

As construções em a) e b), [se (me) permite] e [se me DAR licença], são aquelas que funcionam na situação discursiva como um mecanismo interpessoal de polidez, utilizadas pelo falante geralmente em situações de atos ameaçadores da face, introduzindo opiniões, contrárias ou não, e ações, e, em um uso um pouco mais convencionalizado, como uma espécie de ‘dito de cortesia’ para sair de cena, à mesma maneira que a construção ‘com licença’. São exemplos os seguintes casos:

- 160) - A política é em nosso país o mesmo que tem sido em toda a parte, uma cortesã. Quando recebe na alcova..
- No gineceu..
- Na alcova os Péricles e os Sócrates, torna-se Aspásia; mas, se entrega-se aos gladiadores e servos, cai em Messalina.
- **Se V . Ex.^a permite uma observação..**
- Sem dúvida.
- Não foi Péricles quem fez Aspásia; ao contrário, depois que morreu o grande Ateniense, ela casou-se com uma casta de barão daqueles tempos, um rico marchante, e conseguiu tirar desse lixo de ouro um grande orador. (CdP)
- 161) - Acho que fará o que disse?
- O quê?
- Proibir a venda de bebidas alcóolicas.
- Talvez sim, talvez não. Quando está perto, Juarez Cordeiro é uma espécie de gentleman sertanejo. Basta um coronel ligar para ele, muda tudo. De uma coisa estou certo: vai tratar de localizar o motorista Alcides. Até porque há uma velha rixa entre ambos.
- Aí que o senhor poderia iniciar sua reportagem, **se me permite a sugestão** - diz o médico Antônio Jansen, sempre irônico. (CdP)
- 162) - O senhor tem um cálculo na vesícula. As cólicas e a diarreia são provocadas por descargas de bÍlis.
- O senhor é médico? - perguntei, fechando os olhos para suportar a dor que parecia reduzir minhas entranhas a um mingau incandescente.
- Não. Mas posso curá-lo. **Se me permite..**
O homem deixou de lado a bengala, desafivelou meu cinto, baixou um pouco a calça e ergueu a camisa. Depois, acendeu o abajur e pegou um copo que estava sobre o criado-mudo.
- Preciso examiná-lo - disse ele, apertando a boca do copo contra o meu ventre, à altura do fígado. - Hum.. hum.. ali está.. é um cálculo bem grande! (CdP)
- 163) - Creio que de uma certa forma eu já fiz meu pedido e o senhor já se dispôs a atende-lo.. Espero que sua vesícula nunca mais o incomode.
- O senhor sabe que isso não acontecerá.
- Sei.. sei.. - concordou ele, rindo.
- Bem, agora, **se me permite..** vou à procura dos charutos. Adeus!

- Até breve.. (CdP)

Nos contextos acima, a construção [se (me) permite], é utilizada frente às sugestões e opiniões que serão ou foram introduzidas pelo falante, como ocorre em (160) e (161), respectivamente, e frente à realização de ações específicas, como examinar o interlocutor, em (162), e sair de cena, em (163).

Em alguns desses casos, observa-se que a construção não expressa, de fato, um pedido de permissão, que é voltado para o interlocutor para realizar uma ação particular. Em (161), por exemplo, o falante introduz primeiro sua sugestão e na sequência se utiliza da construção condicional. Em (162) e (163), a construção sinaliza uma ação, mas que parece ser independente da resposta do ouvinte frente ao pedido de permissão. Em (162), mesmo que a ação envolva diretamente o interlocutor, o falante já realiza a ação na sequência, aparentemente sem qualquer consentimento, como se descreve na sequência narrativa. Em (163), o falante realiza a ação também na sequência do uso da construção metatextual. O interlocutor apenas concorda, como se vê no turno seguinte, que apresenta uma saudação.

O mesmo ocorre nos contextos de uso da construção [se me DAR licença], como se verá nos próximos casos:

164) Havia naquele homem feminilidade e fingimento. De facto, parecia queixar-se de um mal que não sentia: dir-se-ia querer solidarizar-se com uma classe que talvez desprezasse. Juvenal protestou por protestar. As ideias daquele homem pareciam-lhe inofensivas. “**Se me dá licença, não estou de acordo.** A juventude não deve defender o que está, deve criar coisas novas.” (CdP)

165) - Você já está acordada Esmeralda?

- Eu não dormi.

- Que maçada! Vamos enterrar a excelentíssima?

- Enterre você sozinho. Você sabe que eu não gosto de ver enterro. Dorotéia Cabral foi sepultada dentro de uma lata de gasolina e perto de um mamoeiro.

Nicolau tomou mais duas xícaras de café, se arranjou e saiu. Foi para o escritório da Luz e Força. Não parava sentado. Também não parava em pé. O gerente estranhou tanto nervosismo. Perguntou: - Que é que há?

- Osvaldo Aranha. Isto é, desculpe, nada. Dormi mal esta noite. A Dorotéia Cabral morreu.

- Não diga! Dona Esmeralda deve ter ficado bem triste?

- Ficou. Está doente até. **Se me der licença** eu vou ver como é que ela vai indo. (CdP)

Na construção em (164), o falante introduz sua opinião contrária utilizando a construção metatextual antes que seu interlocutor lhe passasse a palavra para tal. Em (165), da mesma forma que em (163), a construção é utilizada para sinalizar uma ação na sequência, que

independe da autorização do interlocutor para ser realizada. Nesse sentido, essas construções, embora apresentem a conjunção condicional, parecem não expressar uma condição, de fato, ou um pedido de permissão. Pelo contrário, são utilizadas apenas como uma estratégia de polidez frente à realização de atos que são ameaçadores da face.

Quanto à forma dessas construções, geralmente ocorrem na primeira pessoa do singular, com o verbo no presente do indicativo, mas, no caso da segunda construção, pode variar sem alteração de significado entre o presente do indicativo e futuro do subjuntivo (*se me dá/der licença*), o que justifica o verbo em maiúsculo nesta construção (representando a forma lematizada). Na construção *se (me) permite*, o pronome ‘me’ nem sempre ocorre, como se dá na segunda construção. Por essa razão, a construção está representada com esse elemento entre parênteses, indicando que pode ou não ocorrer, como se vê no exemplo (160).

5.1.7.2. CCI's metatextuais de ressalva

As construções metatextuais de ressalva constituem um subgrupo ainda bastante heterogêneo em relação aos demais aqui apresentados. Isso porque essas construções apresentam apenas uma de suas subpartes fixa, sendo as demais variáveis de acordo com o contexto de ocorrência da construção. Para essa análise, foram consideradas apenas dois tipos de construção de ressalva, que foram recuperados nos *corpora* por meio das estratégias de busca e que permitem uma maior sistematização de forma. Essas construções podem ser representadas, de modo geral, pela construção [se (é que) X]. Nesse sentido, X permite orações bastante variadas, geralmente com verbos como ‘dizer’, ‘chamar’, ‘tratar’, ‘ser’, ‘estar’ etc. A realização da construção interna entre parênteses, ‘é que’, constitui o tipo mais comum das ressalvas aqui analisadas. Os seguintes casos são exemplos dessas construções:

- 166) Por anos não abri minha boca sobre aquela noite, nem mesmo com C, que me encontrara no meio dos arbustos. Temi que pudesse me comprometer na minha confusão, confessar que tinha chegado a suspeitar que aquela mensagem - **se é que se tratava de uma mensagem** - era para mim, e ter de me render ao fato de ela ser na realidade endereçada a C. (CdP)
- 167) - Eu estive pensando. Um dia destes deve ter se olhado no espelho e recitado aqueles versos do Fernando Pessoa. “Não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada”, e concluído que, ao contrário do poeta, não possuía sequer todos os sonhos do mundo.
- Literário demais para ser verdade - observou Adônis.
- E aquele romance? - perguntou Beny.

- **Se é que era um romance, se é que ele escreveu alguma coisa naquele ano que passou na Granja.**

- Ele nunca fez nenhum comentário. ao contrário. Estava sempre evitando o assunto. (CdP)

168) - Quem está falando? - interrompeu Rose.

- Você é completamente maluco.

- Não me interrompa e ouça até o fim - continuou Max. - Tenho uma carta, escrita por ele à mão, provando que foi suicídio. Se você é uma secretária eficiente, sabe que a pasta dele é de couro marrom com as iniciais R.F.C. em dourado na parte da frente; se ainda não acredita, posso lhe dar o número de sua carteira de identidade e de sua carteira de motorista. Ah, sim, a mulher dele é muito bonita, **se é que a fotografia na carteira é da mulher.** (CdP)

169) O nojo que sinto é maior do que qualquer atitude mais amena. Essa gente, **se é que tais tarados de gente podem ser chamados**, deveria arder na mesma fogueira em que incineraram vivo o pataxós. (CdP)

De modo geral, nesses casos apresentados acima, a CCI metatextual atua sobre um nome utilizado pelo falante ou pelo ouvinte para descrever algo ou alguém em fala anterior, com o objetivo de questionar a natureza daquilo sobre o que falam, a qualidade ou a própria escolha do termo de denominação.

A construção metatextual em (166) opera sobre a palavra ‘mensagem’. O falante a utiliza para se referir a algo que havia recebido e que suspeitava ser, na realidade, endereçada a outra personagem da história, chamada ‘C’. Da mesma forma ocorre em (167), quando o falante se utiliza de uma CCI metatextual para questionar a natureza de algo produzido por uma terceira pessoa sobre a qual falam na situação. A primeira construção utilizada tem escopo sobre uma palavra particular ‘romance’. Ao fazer a ressalva sobre tal palavra, o falante põe em cheque a natureza daquilo que era produzido, isto é, se de fato era um romance, de acordo com o que entende como romance em seu conhecimento prévio. O seu questionamento parece se estender ao utilizar uma segunda construção de ressalva na sequência, dessa vez sobre o fato dessa terceira pessoa sequer ter escrito alguma coisa, seja um romance ou texto de outra natureza, durante o ano em que passou na Granja.

Em (168), embora a construção de ressalva também seja empregada com escopo sobre uma palavra particular, ‘mulher’, é utilizada para comunicar sobre uma situação que foi inferida pelo falante a partir de uma evidência. Nesse caso, o falante infere que a mulher retratada na foto dentro da carteira da pessoa sobre quem ele se refere, é a companheira desse sujeito. Essa inferência tem a ver com o conhecimento de mundo do falante. Para ele, o fato de carregar uma foto de outra pessoa em sua própria carteira significa ter algum tipo de relação, neste caso

amorosa, com essa pessoa. É uma construção que parece atuar sobre toda a situação discursiva, mas que tem como ponto de partida a palavra ‘mulher’ utilizada no enunciado precedente.

Na construção em (169), a ressalva recai sobre a palavra ‘gente’, anteriormente utilizada para se referir aos criminosos que incendiaram uma outra pessoa viva, como o falante pontua. Nota-se que, neste caso, a construção reflete a avaliação negativa do falante em relação ao tópico do qual se fala.

A CCI metatextual em (170) é empregada pelo falante para se referir aos nomes ‘confusão coerente’ e ‘fenômeno tumultuário e inteligível’, que, por sua vez, se referem à situação relatada anteriormente – ‘um belo dia, tudo estará coberto de cor’. Nesta construção, diferentemente das anteriores, não se tem a realização da subparte (é que):

- 170) “[...] Mas sabemos que, um belo dia, tudo estará coberto de cor. Trata-se, **se se pode dizer assim**, de uma confusão coerente, de um fenômeno tumultuário e inteligível. (CdP)

Uma característica bastante interessante sobre este caso, em particular, é que, embora seja uma construção também empregada para se referir a nomes utilizados pelo falante, que descrevem uma situação particular, pode servir como uma evidência de que essas construções que expressam ressalvas estão se convencionalizando.

Como se pode notar, com os dados apresentados até aqui, as construções metatextuais de ressalva geralmente ocorrem pospostas a uma outra construção, que pode ser realizada em turnos de fala anteriores, sobre a qual o falante deseja fazer um questionamento. No caso em (170), a construção, no entanto, ocorre em posição anteposta ao conteúdo modalizado.

As demais construções, apresentadas em (171) e (172), também são realizadas sem a subparte (é que), e também se referem a nomes empregados para nomear algo ou alguém. Nesses casos, a construção evidencia a avaliação do falante sobre aquilo a que se refere, como se nota:

- 171) A cabeça de Justiniano Vilela, - **se se pode chamar cabeça a uma jaca metida numa gravata de cinco voltas**, - era um exemplo da prodigalidade da natureza quando quer fazer cabeças grandes. (CdP)
- 172) - Estava a cear no Grémio quando trovejou
- Costumas cear? Ele teve um sorriso infeliz.
- Cear! **Se se podia chamar cear ir ao Grémio rilhar um bife córneo e tragar um colares peçonhento!** (CdP)

Em (171), o emprego da construção se dá pelo fato da palavra ‘cabeça’ ser utilizada para denominar uma cabeça considerada grande, segundo parâmetros do próprio falante. A avaliação negativa do falante quanto ao uso desse termo na ocasião, é evidenciada pela forma como ele se refere, ainda durante sua ressalva, à cabeça, como ‘uma jaca metida numa gravata de cinco voltas’. Já em (172), o falante se utiliza da CCI metatextual para contestar o uso de ‘cear’ para descrever uma situação de ceia. Observa-se que, para o falante, a situação de ‘rilhar um bife córneo e tragar um colares peçonhento’ não atende às expectativas do que seria, de fato, realizar uma ceia.

5.1.7.3. CCI metatextuais de modalização epistêmica

As condicionais in subordinadas que expressam modalização epistêmica são empregadas para modalizar o conteúdo proposicional do enunciado quanto à (in)certeza do falante. A parte sobre a qual a CCI atua pode ser um nome, uma situação como um todo, um evento etc. Nesse sentido, também são construções que podem apresentar diferentes relações de escopo. São utilizadas em diferentes contextos, mas sempre com a mesma forma e o significado que evoca possibilidade. Os casos encontrados nos *corpora* são das construções [se não me engano], [se (bem) me recordo], [se (bem) me lembro], [se não estou enganado], [se calhar], [se bobear] e [se duvidar].

A construção [se não me engano], como se pode observar nos exemplos de (173) a (176) abaixo, pode ocorrer em diferentes posições no enunciado:

- 173) - Adivinha de quem lhe falo?
- Não.
- Bem, sabê-lo-á de noite; lá verá em casa do coronel uma pessoa que o admira, e que o não vê há muito. Sejam francos; é minha irmã Lívia.
- Admira-me isso, porque eu apenas a vi duas vezes
- Não é possível, insistiu Viana. Lembra-me que eu mesmo os apresentei um ao outro.
Se não me engano foi em dia da Glória, há dous anos..
- Eu descia o outeiro, continuou Félix, quando os encontrei. Estivemos parados cinco minutos. (CdP)
- 174) Essas imagens, totalmente esfumadas, foram incluídas depois num vídeo que ele vendeu para a televisão francesa e que tinha, **se não me engano**, algo a ver com a sua morte. (CdP)
- 175) Nessa época, por volta de 1937, **se não me engano**, ele começou a trabalhar para a Metro-Goldwyn-Mayer. Participou da criação de vários argumentos, mas não se sentia satisfeito. (CdP)

- 176) - Seu Arlindo, se mal pergunto, hoje de manhã teve por aqui um freguês que talvez o senhor lembre: moço, uns 28 anos, conduzia mochila parecida com as que os soldados usam.
- O que tá havendo?
 - Nada, não. Apenas eu queria saber - reafirma o motorista. Deixei ele na Pousada do Juca. Agora voltamos pra ter uma conversa, havia deixado o quarto.
 - Ele teve aqui. Tomou guaraná e comeu um sanduíche de queijo. Perguntei se tava a passeio, respondeu ter vindo visitar um tio. Era do Recife, **se não me engano**.
 - Pra onde foi? - indaga Bezouro.
 - Não sei, não. Da rua, vinha a zuadeira do rádio do carro, a todo volume. (CdP)

Em (173), a construção modaliza a certeza do falante em relação à data de um evento particular, em que duas pessoas foram apresentadas uma à outra. A construção ocorre em posição inicial, anterior a ‘há dois anos’. Já em (174), inserida entre sentenças do enunciado, ao comunicar sobre uma filmagem vendida à uma televisão francesa, o falante se utiliza da construção metatextual para expressar sua incerteza quanto ao conteúdo dessa filmagem. No caso em (175), assim como na construção em (173), o falante se utiliza da construção metatextual para modalizar a sua certeza em relação a uma data específica, em que a pessoa de quem ele fala passou a trabalhar para determinada empresa. Por fim, no caso em (176), a CCI atua sobre todo o estado de coisas da construção à qual se relaciona. Nesse caso, o falante comunica que a pessoa de quem fala pode ser de Recife, embora ele não tenha plena certeza disso.

Nas construções [se não estou enganado], [se (bem) me lembro] e [se (bem) me recordo], as relações de escopo parecem ocorrer da mesma forma, sobre uma parcela específica do estado de coisas:

- 177) - Abra olho, cumpadre, disse o velho Igarauína ao mariscador, se não eles lhe cinzam. Já lhe referi, **se não estou enganado**, a história do imediato que lograva tudo quanto era roceiro na entrega da carga? (CdP)
- 178) - E na minha recém-adquirida solidão, **se bem me lembro**, dei bons tiros com Okultz e li bons livros à beira da piscina, na companhia das Da Cunha e pretendente a. E não me pergunte o que se passava comigo, torrando no sol, entregue ao ficar à toa, nem me pergunte dos livros. (CdP)
- 179) - Pouco antes de 1890 eu ainda chorava amores traídos e desventuras sentimentais, com a mesma sinceridade com que choraria hoje, se me roubassem a carteira com todo o ordenado de um mês. Era um lírico, com todos os matadores, e, **se bem me lembro**, usava também a sombria sobrecasaca da Escola e o mole chapéu conquistador. (CdP)

- 180) Quase um ano depois, o diplomata recebeu uma de Barra do Garças, Mato Grosso: “Caro B. C, estou tentando contato com você já há algum tempo, desde que alguém me disse que você estava de diplomata em Los Angeles. Imagino que já esteja dominando a cidade dos anjos com essa força toda. Depois do colegial não tivemos mais muitas oportunidades de nos encontrar. A última, **se me lembro**, foi nos dez anos da turma. (CdP)
- 181) Lembro-me vagamente dele. Já nessa altura era um homem rico. Morreu-lhe um cão, **se bem me recordo**, de maneira pouco vulgar. O povo falou em suicídio. Lá tinha as suas razões. (CdP)

Em (177), o falante parece ter dúvidas sobre já ter contado a história a que se refere à pessoa com quem interage naquela situação conversacional, o que possibilita inferir que ele já tenha, em algum momento, contado a mesma história para outra pessoa.

No caso em (178), o emprego da construção metatextual se refere às atividades que o falante realizou durante um determinado período de sua vida. Isso se evidencia principalmente pela construção utilizada por ele na sequência: ‘[...] não me pergunte o que se passava comigo [...] nem me pergunte dos livros’. Já em (179), o falante também se refere a um período particular de sua vida, em que ele sofria por amor. Ele descreve certos comportamentos seus e, com a construção metatextual, se refere às roupas que costumava vestir, que contribuem para essa caracterização geral que ele se propõe a fazer.

Em (180), a CCI metatextual é utilizada pelo falante para se referir à última ocasião em que pode se encontrar com a pessoa para quem escreve a carta. Como se trata de uma ocasião que ocorreu há muito tempo, o falante se utiliza da construção para modalizar a sua certeza em relação à data do evento. Na construção em (181), o uso da construção metatextual se refere à morte de uma outra pessoa, mais especificamente, em relação à maneira que essa pessoa faleceu, segundo o falante, ‘uma maneira vulgar’.

As construções [se calhar], [se bobear] e [se duvidar] também atuam como modalizadoras epistêmicas. São utilizadas para denotar possibilidade, sendo intercambiáveis em muitos casos com ‘talvez’. Os seguintes casos podem ilustrar:

- 182) - Não, ontem tenho eu a certeza que ela dormiu aqui. Começou então um inventário meticuloso à vida cotidiana dos dois. [...] As dúvidas começavam ao gar à noite do baile. Aí, as memórias enevoam-se novamente dos vapores do vinho fino [...]
- **Se calhar, foi naquela noite!** - aventou a Augusta, à frente da devassa, ciosa da sua descoberta, e a querer manter o lugar. (CdP)

- 183) - Teresa, és tão querida comigo.. Não calculas como me sabe bem existires.. Ela riu e disse-lhe, da escada:
 - Não admira. Eu hoje fiquei a saber que, **se calhar**, és a minha melhor amiga! (CdP)
- 184) [character: CANGALHEIRO]
 [1384] Está hoje um dia muito quente...
 [1385] Nem parece que estamos no inverno.
 [1386] Isto, quanto a mim, é trovoada.
 [character: CAIXEIRO VIAJANTE]
 [1387] **Se calhar**.
 [1388] Pode muito bem ser.
 [character: CANGALHEIRO]
 [1389] E, às vezes, pode não ser.. (CHPTB)
- 185) - Eu adoraria não conhecer o meu vizinho - disse Ivan. - Mas não só conheço o da frente e o do lado, como ainda por cima eles freqüentam a minha casa! Todos os domingos de manhã, é inevitável! Eu entro na sala e encontro todo mundo instalado tomando a minha cerveja e comendo as minhas batatinhas, o meu patê, o meu queijo e **se bobear** também o meu almoço. (CdP)
- 186) Sempre desconfiei, os quatro casais nunca quiseram filhos, e se tiveram foi para agradar as convenções e os pais. Não tiveram filhos, deram netos. No mais, por se sentirem inferiores, preferiam que meus avós nos educassem, escolhessem os colégios, determinassem nossas profissões e, **se bobear**, nossas mulheres. Estou te contando coisas já silenciadas pelo tempo. (CdP)
- 187) Aprendi que certas coisas, nomes e expressões não caem bem, causam desagrado e até escândalo quando pronunciados por moças de família. Se fosse com Ricardina não haveria problema, a moleca desfiaria o seu vocabulário, daria vida e cor, daria nome, sobrenome e, **se duvidar**, até apelido ao volume de Beto.. Ricardina não é como eu, não se escraviza aos preconceitos.. Descarada? Quem sabe, mais pura do que eu. (CdP)
- 188) Dona Sofia, coitada, há horas está no céu. [...] Teodoro - recordava muito bem de quando chegara a Batéia e a encontrara pia, devota de muitos santos, caridosa com as almas, com todos os seres vivos, inclusive Filomena [...] Sofia os compreendeu, ao menos fingiu fazê-lo, foi a única senhora da região, talvez do país inteiro, **se duvidar**, do universo, a receber Filomena, tratá-la como se deve, com dignidade e respeito [...] (CdP)

Em (182), como se observa, o uso de [se calhar] é bastante semelhante ao de [se não me engano]. A personagem se utiliza dessa construção para modalizar sua certeza quanto à noite em que determinado evento aconteceu. Na construção em (183), há uma pequena diferença de

significado, já que a construção atua sobre um estado de coisas potencial. Nesse caso, a personagem faz uso da CCI metatextual para comunicar que é possível que aquela amiga com quem está conversando seja a sua melhor amiga. Da mesma forma ocorre em (184), em que os interlocutores discutem a possibilidade de chuva em um dia de calor, que, coincidentemente, se passa durante o inverno. O uso da construção metatextual denota, novamente, um sentido de possibilidade, que é evidenciado pela construção utilizada na sequência ‘pode muito bem ser’, se referindo à possibilidade de ter ocorrido uma trovoadas.

Nos casos de (185) em diante, os usos de [se bobear] e [se duvidar] também expressam possibilidade, como a construção [se calhar], mas parecem evidenciar também a avaliação do falante em relação ao assunto sobre o qual se fala.

Em (185), o falante se refere ao fato de que seus vizinhos sempre o visitam e se comportam de uma certa forma, a qual ele repreende, em sua casa. Eles consomem os seus petiscos como se fossem deles e, por essa razão, poderiam até mesmo consumir o seu almoço.

Na construção em (186), o falante avalia que, porque seus avós tinham tanto poder sobre sua criação e a de outros familiares, tomando decisões sobre diversas questões, havia a possibilidade de que eles poderiam intervir até mesmo sobre decisões de relacionamentos amorosos. Em (187), a construção insubordinada é utilizada para expressar a possibilidade da personagem Ricardina poder apresentar certos comportamentos que não eram bem vistos para mulheres naquela época sem que isso causasse tanto impacto como ocorria com outras mulheres, por conta de sua personalidade distinta. Em (188), a construção ‘se duvidar’ também expressa possibilidade, particularmente sobre o fato de que a personagem Sofia pode ter sido a única pessoa conhecida por Filomena a tratá-la com dignidade e respeito.

Os casos apresentados até aqui demonstram que essas construções costumam ocorrer sempre da mesma forma, com verbo no presente do indicativo, podendo ter sujeito exposto ou não. Embora ocorram geralmente inseridas em um enunciado, o qual funciona como um hospedeiro (KALTENBÖCK, 2016), são independentes do ponto de vista semântico-pragmático, de forma que sempre expressam os mesmos significados, de certeza/incerteza e possibilidade. A mobilidade que essas construções apresentam dentro do enunciado também sugerem que são independentes do ponto de vista sintático.

Segundo Hirata-Vale (2015), o fato de que representam padrões formulaicos, isto é, não composicionais, pode ser um indicativo de que podem ter passado por um processo de insubordinação, pelo qual se especializaram como um ‘bloco’ fechado de forma e significado.

De fato, foram encontrados casos que parecem corresponder a possíveis estágios anteriores de convencionalização, que corroboram a hipótese de Evans (2007) de trajetória de insubordinação motivada pela elipse da oração principal.

Nesse sentido, o objetivo da análise diacrônica empreendida na próxima parte é discutir esses casos de insubordinação e os demais, abordados nas categorias apresentadas anteriormente, traçando paralelos com construções estruturalmente semelhantes, que apresentem algum grau de complexidade interna distinto, e que, especialmente no caso das construções metatextuais, poderiam ser lidas como estágios anteriores de insubordinação.

5.2. Trajetória de insubordinação: evidências históricas

Conforme discutido nos capítulos anteriores da dissertação, a origem dos diferentes tipos de construção insubordinada segue sendo uma questão central nos trabalhos sobre o fenômeno. Muitos trabalhos posteriores ao de Evans (2007) têm sugerido processos avaliados em termos de mudança de dependência do nível sentencial para o nível do discurso (MITHUN, 2008; D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014; D'HERTEFELT, 2015), para explicar casos como em que, embora a construção ocorra desvinculada de uma oração principal, não há significados independentes convencionalizados. Isso porque, na proposta inaugural de Evans (2007), assume-se que as construções insubordinadas, de modo geral, são casos de reanálise e convencionalização.

Evans (2007) assume que todas as construções insubordinadas são resultado de uma trajetória diacrônica de convencionalização do uso independente de orações originalmente subordinadas. Os estágios da trajetória de insubordinação vão do uso prototípico de orações subordinadas canônicas à reanálise dessas orações como estruturas principais, quando apresentam uma forma e uma função independentes. O ponto de partida dessa trajetória se dá pela elipse da oração principal nessas orações subordinadas canônicas. Nesse sentido, conforme a interpretação do material elíptico se torna cada vez mais restrita, através de processos de inferência conversacional, a construção se torna mais independente e especializada. Ainda que a trajetória de insubordinação aponte para a construcionalização, o autor também reconhece que existem estágios menos convencionalizados de uso, em que não é possível recuperar no uso insubordinado um significado específico, que estaria atrelado apenas à uma oração principal omitida.

No que concerne às construções condicionais, a partir dos casos coletados em *corpora*, é possível verificar graus de independência semântico-pragmática variados, em relação ao

contexto de ocorrência. As características descritas por Evans (2007) para cada estágio (ver capítulo I) são identificáveis no uso dessas construções, ainda que grande parte dos casos pareça ser utilizada para expressar valores mais especializados no discurso.

Os primeiros casos de CCI atestados nos *corpora* datam o século XV. Nesse período, encontram-se apenas casos de CCIs deônticas, que expressam desejo, e de ratiocínio. O caso mais antigo, do início do século, é uma construção de ratiocínio, como se observa no seguinte exemplo:

- 189) E diz Santo Agostinho: ‘A soberba é verme das riquezas’. Cara coisa é não ser soberbo aquele que é rico. Tolhe a soberba e não perecerão as riquezas. E diz São João Boca Douro: ‘Vaidade de vaidades, todas as coisas são vaidades’. **Se tomassem este verso todos os que se revolvem no poderio e nas riquezas, e o escrevessem em suas vestiduras, nas praças, nas casas, nas portas e nas entradas, e primeiro nas consciências, antes de todas as coisas, tal que sempre o vissem com os olhos e o sentissem com o coração!**³⁸ (~1400/CdP)

Nesse excerto, o falante discorre sobre a vaidade e a soberba e sua relação com a riqueza. Após fazer referência à fala de alguns pensadores, como Santo Agostinho, ele imagina um cenário potencial em que as pessoas tomam como verdade o seguinte verso “Vaidade de vaidades, todas as coisas são vaidades”. Com a construção insubordinada, ele imagina possíveis consequências da realização deste estado de coisas, dando início, portanto, ao processo de ratiocínio. Uma das características dessas construções é o uso recorrente do modo subjuntivo. Nota-se que todos os verbos encadeados na construção ocorrem no pretérito imperfeito do subjuntivo: tomassem, escrevessem, vissem e sentissem.

Nos próximos dois séculos, encontram-se demais tipos de CCI, além dos primeiros tipos já atestados:

- 190) CES. – Ora dize, pois minha mofina assi o quis, que quinhão sera o meu, concertando-nos?
GUIS. – Teras tua noite na somana.
MIL. – E naquilo tambem comeu muito; que-lo meter em dieta.
GUIS. – **Se fores nesse conhecimento...** (1533/CdP)

³⁸ Ocorrência com a grafia modernizada para facilitar a leitura. Do original:

“E diz Sancto Agostinho: A soberua he uermẽ das rriquezas. Cara cousa he nõ seer soberuo aquelle que he rrico. Tolhe a soberua, e nõ ãpecerã as riquezas. E diz Sam Joham Boca douro: Uaydade de uaydades e totalas cousas som uaydade . Se tomassẽ este uerso todos os que se reuoluẽ ãno poderio e ãnas riquezas e o escrepuesem ãnas suas vestiduras e ãnas praças e ãna casa e ãnas portas e ãnas emtradas e primeiro ãnas cõciencias ante que todallas cousas, por tal que senpre o uyssem cõ os olhos e o sintyssem cõ o coraçõ!”

- 191) [character: Alexandre] Quem queres que não lhe haja inveja.
 [character: Pilarte] Ainda a este lhe ficaram fezes. **Se o casamento foi só por estes três dias.** (~1500/ CHPTB)
- 192) [character: Pinerfo] Nunca vi velho tão quente do miolo [...] **Se Calidônio ora soubesse o perigo em que [seu filho] seu andou!** (~1500/CHPTB)
- 193) [character: Ardélio] Queres que vá ele lá dar contigo?
 [character: Júlio] **Se não o tomar por trabalho.**
 [character: Ardélio] A tua casa?
 [character: Júlio] Sim. (~1500/CHPTB)
- 194) [character: Escrivão] Deve-me seis réis de assento.
 [character: Almotacé] Que assento? **Se o azeite vem sentado em cima de um asno.** (~1600/CHPTB)
- 195) Neste fundo essencial de nossas almas queria a Vossa Mercê submergida pregada, sobrelevada, transfundida, e tão morta, que só em Deus ficara. Oh! **se quisesse Deus que o pudesse acabar!** (~1600/CHPTB)

Essas construções podem ser classificadas como de raciocínio, nos casos (190) e (192), argumentativa (191), pós-modificação (193), assertiva refutativa (194) e deôntica de desejo (195), e parecem atender aos padrões descritos para o terceiro estágio de insubordinação, já que se apresentam independentes do ponto de vista sintático, isto é, desvinculadas de uma oração principal aparente e com um significado mais ou menos convencionalizado.

Nas construções (190) e (192), o falante convida os demais participantes do discurso a imaginarem o que pode ou poderia ter acontecido caso um estado de coisas particular seja/fosse realizado. Em (191), por meio da construção insubordinada, o falante justifica uma afirmação que ele mesmo fez anteriormente. Já em (193), trata-se de uma construção que acrescenta uma condição para a realização do estado de coisas apresentado no enunciado precedente. Nesse caso, ‘ir lá’ apenas se não for trabalhoso. No caso em (194), a construção expressa uma afirmação de caráter refutativo, que, além de refutar, expõe a posição contrária do falante em relação ao que foi dito em turno imediatamente anterior ao seu. Por último, a construção em (195) expressa um desejo do falante, de que seu sofrimento acabe.

Com exceção das construções em (191) e (193), que apresentam função de argumentação e pós-modificação e têm seus significados construídos em torno do contexto de ocorrência, os demais usos direcionam a interpretação do falante para os valores codificados pragmaticamente por essas construções – de imaginação, de desejo, de réplica adversativa etc.

A fronteira entre os diferentes estágios de insubordinação não é delimitada de forma tão clara. O que permite dizer que esses casos acima correspondem ao terceiro estágio são testes de recuperabilidade de possibilidades de orações principais omitidas. Nota-se que não é possível inferir outros significados que não se relacionem àquele atual expresso pela construção. Tomando como exemplo o caso em (192):

[...] **Se Calidônio ora soubesse o perigo em que [seu filho] seu andou,**
[/ ficaria preocupado!]
[/ estaria ainda mais aborrecido!]
*[/ficaria feliz/satisfeito/tranquilo!]

O contexto em torno da construção condicional também fornece pistas para a interpretação do material elíptico. Antes de utilizar a CCI, o falante se refere a Calidônio como ‘velho tão quente do miolo’ (ver ocorrência completa em (192)), o que pode ser entendido como estressado, aborrecido etc. Nesse sentido, o uso da construção condicional leva a imaginar que Calidônio ficaria ainda mais aborrecido do que já estava, caso soubesse do perigo pelo qual seu filho passou, além do fato de que, por conta do conhecimento de mundo prévio, espera-se que pais se preocupem com seus filhos e se aborreçam com certas atitudes que possam ser julgadas como irresponsáveis, perigosas etc.

Como as construções pós-modificadoras e as argumentativas não indicam qualquer indício de convencionalização de significados próprios, não se localizam no mesmo estágio de insubordinação que os demais tipos de CCI. Na verdade, essas construções são consideradas, por alguns autores, casos de construções semelhantes, mas não insubordinadas, justamente pelo fato de manterem relações de dependência discursivo-pragmáticas com o contexto no qual ocorrem.

Por outro lado, Sansiñena, De Smet e Cornillie (2015) argumentam que são essas relações que permitem que essas construções sejam realizadas de forma elíptica, já que podem ser construídas, muitas das vezes, de forma colaborativa entre falante e ouvinte. Nesse sentido, essas construções poderiam ser consideradas estágios iniciais da trajetória de insubordinação, já que configuram casos de elipses facilitadas pelo contexto comunicativo. Segundo os autores, “a dependência diádica cobre um gradiente de relações sintáticas entre subordinação direta e insubordinação clara.”³⁹ (SANSIÑENA et al, 2015, p.3, tradução nossa).

³⁹ “Dyadic dependence covers a gradient of syntactic relations between straightforward subordination and clear-cut insubordination.” (SANSIÑENA et al, 2015, p.3).

De fato, a investigação diacrônica das CCIs, especialmente do tipo metatextual, que apresenta forma e função mais construcionalizadas, demonstra que o contexto interativo pode motivar a supressão de certas partes do enunciado, como a oração principal. A partir de algumas evidências, que serão apresentadas na sequência, discute-se, portanto, o desencadeamento da insubordinação a partir da relação de dependência diádica entre enunciados.

5.2.1. A construção [se me DAR licença]

Nas amostras de dados, observam-se casos estruturalmente semelhantes à construção atual [se me DAR licença], que poderiam ser considerados estágios anteriores de convencionalização. Nesses casos, observam-se relações de dependência sintática e o sintagma verbal denotando o sentido literal de pedido permissão, ocorrendo anteriormente ao aparecimento dos casos independentes.

Inicialmente, o emprego dessas construções permitia tempos verbais no modo subjuntivo, expressando hipoteticidade, a partir da condição marcada na oração subordinada para a realização da ação na oração principal. Nesses casos, as construções seguem o esquema proposicional ‘se p, q’, típico das orações subordinadas canônicas. São exemplos:

- 196) Meu Deus e meu Senhor, **se me deres licença que nesse Céu furtasse alguma cousa, nem a glória furtaria nem a bem aventuraça; só uma cousa furtara, e esta é o vosso amor.** (1631/CHPTB)
- 197) Tornados o mouro e eu para a casa onde ambos pousávamos, estivemos mais quatro dias, acabando de embarcar uns cem bares de estanho, e trinta de beijoim que ainda tínhamos em terra, e como de todo estivemos satisfeitos dos devedores para nos podermos ir, **me fui ao passeivão das casas de El-rei, e lhe dei conta de como estava já de todo aviado, e prestes para me partir, se sua alteza me desse licença (...)** (~1600/CHPTB)
- 198) Eu tenho uma frasqueirinha destas que me compôs um hábil boticário desta vila. E **se Vossa Excelência me der licença, a enviarei a sua casa.** (~1700/CHPTB)
- 199) Se eu mudasse de sítio, melhoraria logo. Mas enquanto isto não pode ser, não perco diligência nenhuma para conservar-me. Não pense Vossa Excelência V. Ex.a que, **se acaso me desse licença para as aplicações francesas, terei com isto grande ou nenhum prejuízo.** (~1700/CHPTB)

Nesses contextos, há um interlocutor que está na posição de permitir ou autorizar a ação que o falante espera realizar. Em todos os casos, nota-se que esse interlocutor está em uma

posição hierárquica mais elevada que o falante, já que há menção às formas de tratamento ‘vossa excelência’ e ‘sua alteza’.

Mudanças em traços formais, como tempo e modo verbais, começam a dar sinais em aproximadamente 1800. Os verbos começam a variar em tempo e pessoa no modo subjuntivo e começam a ocorrer também no modo indicativo. No mesmo século, surgem os primeiros casos de construção independente em contextos dialógicos, concomitantemente aos usos subordinados, como se pode observar:

- 200) – E vens.. para ficar? – perguntou o doente com uma inflexão de alegria quase infantil.
– **Se me der licença que fique..**
– Se te der licença, filha (...) Não, Berta; não é aqui o teu lugar. (1871/CdP)
- 201) – Eu espero que aquele vadio se não demore muito!
– **Se a estanqueira der licença..**
Ficou a passear na sala, nervosa, com aquela ideia. Deixar-se namorar pela estanqueira, e a mulher do delegado, e as outras! (1878/CdP)
- 202) [2280] MALACAZ:
Sim, senhoras, nós faremos aumentar essas belezas. E eu darei também meu voto, **se os senhores dão licença.** (~1800/CHPTB)
- 203) [Gregório] [scene marking: (Levantando se)]
– **Se nosso amo nosso amo dá licença,** vamos fazer uma saúde a nossa patroa nova.
(~ 1800/CHPTB)
- 204) – Ai, não se prenda, Sr. Carlos, dizia-lhe a velha. Não largue os seus afazeres. Eu deixei a afilhada na Sé, e venho aqui descansar um bocadinho.
– Então, **se me dá licença..** E como vai o nosso cônego?
– Não tornou a ter a dor. Mas tem sofrido de tonturas. (1875/CdP)
- 205) Limoeiro – (Para Henrique) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem [...] Vai mudar de roupa.
Henrique – (A Chico Bento) **Se me dá licença.** (1881/CdP)
- 206) – Então **se me dá licença,** vou-me andando. Careço de estar hoje na vila sem falta.
– O churrasco está na brasa, se é servido..
– Obrigado; ficará para outra vez. (1870/CdP)

O caso em (200) é, justamente, um caso de dependência diádica. No contexto, a construção ocorre como uma resposta à pergunta realizada no turno anterior ‘e vens para ficar?’, a qual pode ser entendida como a oração principal da construção condicional. A construção em (201), embora não esteja na condição de resposta para uma pergunta, apresenta também a

relação de dependência pragmática com o turno anterior, porque acrescenta uma condição para que seja realizado o estado de coisas ao qual se refere a interlocutora.

Nos casos seguintes, em (202) e (203), ainda que haja uma interpretação do pedido de permissão, as construções passam a ser utilizadas para sinalizar ações do falante que não necessariamente dependem da aprovação do interlocutor. Em (202), o falante afirma que também dará seu voto, mas utiliza a condicional insubordinada em posição posposta. Em (203), o falante, já se levantando da mesa, sugere que se faça um brinde à nova patroa.

Já nos casos em (204), (205) e (206), as construções funcionam, respectivamente, como um sinal de introdução de tópico e dito de cortesia para se retirar da cena. Em (204), o falante introduz a pergunta sobre o cônego após utilizar a construção condicional. Já em (205), a personagem utiliza da construção condicional para se retirar da cena, já que seu interlocutor recomendou que fosse trocar de roupa. Em (206), a construção apenas sinaliza a próxima ação do falante, de ir embora. Nesse caso, não requer qualquer permissão do ouvinte, já que o falante a utiliza e, na sequência, realiza a ação.

Todos os casos apresentados acima demonstram uma mudança nos contextos de uso da construção condicional que é reinterpretada como parte do novo significado da construção como um todo. Nos casos de subordinação, que apresentavam o esquema proposicional canônico das orações condicionais *se p, q*, havia um interlocutor em uma posição de permitir a ação do falante. Nesse sentido, as condições de felicidade – critérios que precisam ser atendidos para que haja a performatividade do ato de permitir (AUSTIN, 1965) – eram plenamente atendidas. A ampliação dos contextos de uso dessa construção condicional, conforme se torna insubordinada, faz com que essas condições deixem de ser atendidas. Como se pode notar, mesmo em contextos em que a construção se relaciona com outra oração, como em (203) e (206), o uso da CCI é seguido de uma ação, que independe de qualquer permissão do interlocutor.

Nesse sentido, verifica-se uma transição do domínio sentencial, ou proposicional, para o domínio pragmático, quando a construção passa a operar principalmente na manutenção da interação falante-ouvinte, como um mecanismo interpessoal de polidez. São evidências desse processo de mudança i. o uso desvinculado de uma oração principal; ii. a restrição das formas verbais e de sujeito e iii. a mudança no próprio significado, que deixa de ser apenas condicional à medida que a construção passa a desempenhar o papel de mecanismo de polidez.

O uso insubordinado parece ser desencadeado a partir de casos de dependência diádica, como propõem Sansiñena, De Smet e Cornillie (2015). Nesse sentido, o desenvolvimento dessa

construção poderia ilustrar a trajetória de insubordinação proposta de Evans (2007) com todos os estágios de desenvolvimento.

5.2.2. A construção [se (me) permite]

No caso dessa construção, o primeiro uso encontrado nos *corpora* é do século XVII. Nesse uso, a construção apresenta uma função relacionada à organização textual, como se observa em:

- 207) No correio passado não escrevi a V. Ex.^a em suposição do aviso que tive e por não saber aonde nem por que via. Enfim, senhor, que nem a comunicação natural, que é do direito das gentes, **se me permite**, como se esse desterro fora excomunhão, sendo que ainda nessa é exceptuada a necessidade e a utilidade. Veio-me ao pensamento se seria isto força do tabaco do Maranhão, que me dizem está muito valioso, por não dizer válido [...] (1626~1692/CdP)

O falante emprega a construção insubordinada de forma parentética como um pedido de permissão para expressar sua opinião ao interlocutor. No entanto, essa permissão não é um requisito para que ele conclua seu pensamento, já que não há qualquer intervenção do interlocutor para isso. Nesse sentido, a construção parece funcionar também como uma estratégia de polidez.

Nos séculos seguintes, encontram-se usos subordinados e insubordinados, esses em relação de dependência diádica, ocorrendo simultaneamente, como em:

- 208) DUQUE - Não vindes, senhora duquesa?
A DUQUESA - **Se me permitis**, d. Jaime.
O DUQUE - Vamos à devesa de Vilaboim que, como sabeis, abunda em caça; tem alguns javalis, mas creio que deles não vos arreceais; e demais, é ocasião de experimentardes o vosso belo palafrém andaluz que há pouco vos chegou de Espanha. Quereis vir?
A DUQUESA - Mandais..
O DUQUE - Não, peço-vos. (1846/CdP)
- 209) - Pois nesse caso vais ver o que são primores na arte. ao que parece vens também?
- **Se me permite?** - disse Maurício, parando junto do cavalo, que ia já a montar. - Com uma condição.
- Qual é?
- Quando eu te disser que nos separemos, hás-de condescender.

- Obedecerei, embora me custe. (1871/CdP)

210) - Perdão, meu pai, mas não são tão vagos como os supõe. Pensei já muito nisso. As dificuldades que ainda tenho, com tempo e meditação, espero resolvê-las; além disso.. auxiliado.. quando necessário for.. dos conselhos de frei Januário, espero que me será possível realizar o meu intento. **Se me permite, exponho-lhe esses planos em poucas palavras.** (1871/CdP)

211) - Quero comprar alguma coisa, para não dar-lhes trabalho à-toa. Nesse momento aproximaram-se D. Paulina, e Ricardo que vinha despedir-se.

- Já vai? perguntou a moça com indiferença.

- **Se me permite..** Devo achar-me às onze horas na Relação.

- Ah! O senhor já sabe? (1872/CdP)

212) – Mas ao menos prometa que há de vir à nossa casa, disse D. Pulquéria.

– **Se me permitem essa honra..**

– Não permitimos, exigimos, disse Rodrigo. (1874/CdP)

Nas construções em (208), (209), (211) e (212), todos os casos de insubordinação ocorrem como uma resposta a uma pergunta realizada no turno de fala imediatamente anterior, isto é, estão em uma relação de dependência diádica. No caso em (210), apenas para ilustração, ocorre uma oração subordinada canônica, que expressa a relação condicional e de causalidade entre a subordinada e a principal. A construção condicional é anteposta e comunica que os planos só serão expostos se houver o consentimento do interlocutor. A situação parece um pouco diferente na construção no seguinte caso:

213) – Respeito muito a opinião de vossa excelência, mas **se me permite..** Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos dum grande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço! (1875/CdP)

Nesse caso, em particular, a construção ocorre posposta, também em uma situação dialógica, para sinalizar uma fala que representa um ato ameaçador da face. Como se nota, é utilizada na sequência de ‘respeito muito a vossa excelência’, após a conjunção adversativa ‘mas’, marcas que evidenciam esse funcionamento como uma estratégia de preservação da face. Novamente, o falante introduz o seu comentário antes que seu interlocutor possa intervir em função do “pedido de permissão”.

Observam-se mudanças bastante semelhantes às da construção anterior, em que os verbos passam a restringir o tempo e o modo, ocorrem variações no sujeito e no objeto e um

esvaziamento do sentido literal do verbo, de pedido de permissão. Passam a ser encontrados casos como:

214) Quem vira a visagem fora o assombro dele. **Se lhe permitia a franqueza**, fora a sua cobardia. E no mistério ficou a visagem. (1892/CdP)

215) **Se a Santidade me permite dizer**, o que o cardeal deseja é se ver livre. (1901/CdP)

Nesses casos, as construções parecem funcionar também como estratégias de polidez, empregadas pelo falante frente a atos ameaçadores da face, que podem, em alguma medida, expor seu julgamento em relação a uma atitude ou qualquer característica referente a outro sujeito do qual se fala no discurso. Outros casos passam a aparecer no século seguinte, como em:

216) Os três Inimigos da alma, da Cartilha, os três sinistros colegas - Mundo, Diabo e Carne - que de braço dado rondam em volta da humanidade, à caça das almas indefesas, ou nunca ousaram aproximar-se deste varão impecável, ou, se o fizeram, foram vergonhosamente escorraçados, como ratos - **se me permitem a comparação** - surpreendidos sobre um velho pedaço de queijo. (1925/CdP)

217) Gens: Muito bem dito, Sara, **se me permite**. (1988/CdP)

Como se pode observar, a construção é, claramente, uma marca de polidez que não expressa mais condicionalidade e nem permissão. Parece haver um processo pelo qual esses diferentes usos desenvolveram uma função bastante específica, por meio da qual passam a expressar apenas polidez. Considera-se que esse processo inclui a expansão dos contextos de uso conforme a construção se torna insubordinada. Assim como na construção [se me DAR licença], as condições de felicidade para a performatividade do ato de permitir deixam de ser atendidas. A palavra do interlocutor não é mais determinante para a realização da ação do falante. Sendo assim, esse sentido de permissão é esvaziado ao longo do tempo, de modo que a construção passe a ser utilizada também como um mecanismo de polidez.

Nos usos mais atuais, da sincronia do século XX, a construção ocorre principalmente como em (216) e (217), acopladas a outro enunciado, mas sem qualquer relação de dependência sintática, semântica ou pragmática.

É plausível considerar, a partir desses casos apresentados, que essa construção também tenha se desenvolvido conforme a trajetória de insubordinação de Evans (2007), já que casos

que correspondem aos padrões de todos os estágios de convencionalização foram identificados nos usos dessas construções ao longo dos séculos. Ainda que não tenham sido encontrados casos de dependência diádica anteriores ao primeiro uso metatextual atestado, como ocorre na construção [se me DAR licença], também se considera que essa relação possa ter motivado o desenvolvimento da construção [se (me) permite].

5.2.3. E quanto às outras construções metatextuais?

Assim como as construções metatextuais de polidez, as construções que expressam modalização epistêmica e ressalva também apresentam um padrão construcional convencionalizado. Essas construções abarcam casos como [se não me engano], [se (bem) me recordo], [se bem me lembro], [se não estou enganado], [se calhar], [se bobear], [se duvidar], [se (é que) X]. O que todas essas construções têm em comum é que não foram encontradas evidências suficientes que confirmem diferentes estágios de convencionalização anteriores.

As construções de modalização epistêmica, [se não me engano], [se (bem) me recordo], [se bem me lembro] e [se não estou enganado] funcionam de forma bastante semelhante, modalizando o grau de certeza do falante acerca de uma parte do conteúdo proposicional ou sobre ele em sua totalidade, como se mostrou no subcapítulo 5.1.7.3.

Em comparação com as outras construções de modalização epistêmica, [se não me engano] parece ser mais recorrente em termos de realização, isto é, de *tokens* atestados nos *corpora*. Além disso, é também a construção metatextual de modalização epistêmica mais antiga encontrada. O caso abaixo é extraído de um texto de meados do século XVII e, como se pode observar, já ocorre com forma e função especializadas:

- 218) Daqui nasceram, **se me não engano**, os anagramas, tão exercitados em França, que abraçam o nome, ou pensamento da pessoa com diferentes palavras, mas com as mesmas letras (~1600/CHPTB)

Nesse caso em (218), a construção condicional modaliza a certeza do falante em relação ao local em que nasceram os anagramas sobre os quais se refere. Como se mostrou no subcapítulo anterior, essa construção pode estabelecer diferentes relações de escopo no enunciado em que ocorre.

A maioria dos casos encontrados são realizados da mesma forma que em (218), com alterações apenas na variação entre ‘me’ e ‘não’, que são externas à constituição da construção.

Na verdade, essa variação se trata de um processo de mudança mais amplo no português, que parece deixar de ocorrer nessas construções, em particular, em meados do século XX.

Outros usos que poderiam ser entendidos como estágios anteriores de convencionalização são aqueles em que o verbo evoca o sentido literal de enganar, como em:

219) Oh se quisera a ventura, que agora o encontrasse! Mas **se me não engana a vista**, lá vejo vir um cavaleiro: ele é sem dúvida; apressar-me quero. (~1700/CHPTB)

220) Pois eu, **se me não engana o tato**, acho a barriga de Vossa Mercê tão dura, que cuido tem dentro dela um calhau. (~1700/CHPTB)

Não há qualquer outra evidência direta que comprove que a oração tenha, em algum momento, passado por uma elipse, como propõe Evans (2007), e mesmo contextos dialógicos de dependência diádica, que parecem motivar muitos dos casos de insubordinação. A única possível restrição que se observa nessa construção, especificamente, é sobre o verbo, que quando passa a ser flexionado no presente do indicativo se torna reflexivo e expressa modalização epistêmica, com sentido de equivocar-se, e não mais de enganar em sentido literal. Nesses casos, em particular, há uma relação de causalidade na construção condicional que pode ser percebida pela relação entre os elementos ‘vista’ e ‘vejo vir’, em (219), e ‘tato’ e ‘achar a barriga de Vossa Mercê tão dura’, em (220). Essa relação de causalidade se perde quando o verbo passa a ser reflexivo, já que, agora, o sujeito da expressão é o sujeito-falante, sobre quem recai a incerteza do conteúdo modalizado.

Da mesma forma ocorre com as construções [se (bem) me lembro], [se (bem) me recordo] e [se não estou enganado]. Foram encontradas poucas instâncias dessas construções nos *corpora*, que ocorrem a partir do século XVIII. Em termos de forma e função, quase não apresentam variação, com exceção das construções [se (bem) me lembro] e [se (bem) me recordo], que podem ocorrer também sem o advérbio de modo ‘bem’. São exemplos os seguintes casos:

221) - Tem horror ao casamento?

- Não tenho vocação, respondeu Tito. É puramente um caso de vocação [...]

- Ainda te não bateu a hora.

- Nem bate, disse Tito.

- Mas, **se bem me lembro**, disse Azevedo oferecendo-lhe um charuto, houve um dia em que fugiste às teorias do costume: andavas então apaixonado..

- Apaixonado, é engano. (1865/CdP)

- 222) Depois do colegial não tivemos mais muitas oportunidades de nos encontrar. A última, **se me lembro**, foi nos dez anos da turma. Diplomata! Quem diria! (CdP/ 1999)
- 223) Shelley, **se bem me recordo**, já dizia: " Os nossos mais belos cantos são aqueles que falam de pensamentos tristes ".. Toda a minha vida particular, toda a minha existência doméstica, quer de filho, quer de chefe, tendia para conceber e praticar essa concepção do Universo, só sentido e representado em nós pelos seus aspectos sombrios. (CdP/ 1920)
- 224) - Abra olho, cumpadre, disse o velho Igarauína ao mariscador, se não eles lhe cinzam. Já lhe referi, **se não estou enganado**, a história do imediato que lograva tudo quanto era roceiro na entrega da carga?
 - Paresque..
 - Mas eu lhe refiro de novo. Quando mercadoria era muita, e só de uma qualidade, como sal, querosene, tabaco, farinha, telha, tijolo, zinco, imediato pregava um marinho no portaló, bem na ponta da prancha, anunciando alto o número de volumes. (CdP/1938)

Como aponta Kaltenböck (2016), mesmo que sejam construções que se ‘hospedam’ em um enunciado, não podem ser analisadas à mesma maneira que orações verdadeiramente subordinadas, sintática e semanticamente dependentes, porque são desintegradas do ponto de vista sintático e funcionam como blocos fechados de sentido, exercendo funções bastante específicas, neste caso, a de modalização epistêmica.

A CCI metatextual [se calhar] é uma das construções mais recorrentes dos *corpora* e é encontrada em meados do século XIX:

- 225) Tremendo, como se me tivesse chegado alguma sezão, indaguei se também lá ficaria.
 - **Se calhar..** Mas não te rales, Manel. Um dia e uma noite passam-se. Eu já cá levo quarenta e cinco anos a passar mal e ainda aqui estou. (1876/CdP)
- 226) Aí, as memórias enevoavam-se novamente dos vapores do vinho fino, do cansaço e da tontura das danças, e ninguém era capaz de pôr a mão no fogo por eles.
 - **Se calhar**, foi naquela noite! - aventou a Augusta, à frente da devassa, ciosa da sua descoberta, e a querer manter o lugar.
 - Ó mulher, mas para que te metes tu a adivinhar? - tentou ainda a Angélica, num derradeiro esforço. (1943/CdP)
- 227) Enquanto a criada enxugava a louça, ia-lhe ela comunicando as suas descobertas.
 - Ó Maria, vem um vulto a descer a serrinha. E trás um volume às costas. É capaz de ser um cabrito..
 - **Se calhar..**
 - É um sujeito de preto..
 - Vem dos lados de Tábua?
 - Vemntão..
 - E, talvez. (1948/CdP)

- 228) O gol do empate acabou por surgir de forma fortuita - **se calhar a única possível** -, quando Edmilson não conseguiu emendar um centro de Emerson, enganando o guarda-redes Winde. Uma igualdade que poderia ter sido desfeita logo no minuto seguinte, mas a cabeçada de Emerson foi embater na barra da baliza dinamarquesa. (1995/CdP)
- 229) E lançou mais uma acha para a fogueira: “Pessoalmente, sinto-me admirado com dois factos. Primeiro, é estranho que para acompanhar o Benfica seja necessário o clube pagar a jornais com grandes possibilidades - **se calhar maiores do que as do Benfica**”. Depois, por Vítor Serpa ter sido convidado a viajar com o Benfica numa digressão relacionada com o andebol. (1997/CdP)
- 230) - O sr. dr. **se calhar** já não vem hoje.
- **Se calhar** não. E voltou-se para dormir. (1949/CdP)

Observam-se, nos casos apresentados acima, ocorrências da construção isolada em um turno de fala, evidenciando uma relação de natureza dialógica, ou diádica, como nos casos das construções de polidez. São poucos os casos como esses em (225) e (227) que ocorrem simultaneamente com as demais construções que são ‘acopladas’ a outros enunciados. O que se observa é que as relações de escopo que essas construções estabelecem também variam e podem recair sobre uma palavra, sobre uma oração ou sobre um enunciado inteiro.

Em (225) e (227), as construções expressam possibilidade em relação à realização do estado de coisas da construção realizada em turno anterior. Já em (226), a construção modaliza o grau de certeza do falante sobre parte da proposição, no mesmo sentido da construção [se não me engano]. Ele se refere à noite em que se passou determinado evento. Nos casos em (228) e (229), as construções funcionam como ressalvas. Podem ser facilmente intercambiáveis com ‘talvez’. Esses casos, em particular, são mais desintegrados do enunciado e uma das evidências a ser considerada é, justamente, o sinal de pontuação, indicando uma ruptura, um parêntese. Em (230), por sua vez, a construção ocorre em situação dialógica e expressa, novamente, o significado de ‘talvez’.

Outras construções bastante semelhantes à construção [se calhar] são as construções [se bobear] e [se duvidar], que também expressam um sentido de possibilidade, sendo intercambiáveis com a construção [se calhar] sem que o significado contextual seja afetado. Esses casos, no entanto, não ocorrem com a mesma frequência no *corpus*, tampouco demonstram qualquer evidência de estágios anteriores de convencionalização. São poucas ocorrências, sem qualquer variação de forma e significado, ocorrendo sempre de forma parentética, apenas no século XX:

- 231) Sempre desconfiei, os quatro casais nunca quiseram filhos, e se tiveram foi para agradar as convenções e os pais. Não tiveram filhos, deram netos. No mais, por se sentirem inferiores, preferiam que meus avós nos educassem, escolhessem os colégios, determinassem nossas profissões e, **se bobear**, nossas mulheres. Estou te contando coisas já silenciadas pelo tempo. (1996/CdP)
- 232) Dona Sofia, coitada, há horas está no céu. Pois, sim, lá ela não estava, só em caso de injustiça, nunca acatou ninguém, alegrou-se Teodoro - recordava muito bem de quando chegara a Batéia e a encontrara pia, devota de muitos santos, caridosa com as almas, com todos os seres vivos, inclusive Filomena, coitada, não tinha culpa de coabitar com um padre, Sofia os compreendeu, ao menos fingiu fazê-lo, foi a única senhora da região, talvez do país inteiro, **se duvidar**, do universo, a receber Filomena, tratá-la como se deve, com dignidade e respeito, sem notar a cor da pele, os pecados com o prelado. (1990/CdP)

As construções metatextuais de ressalva, por sua vez, ocorrem nos *corpora* a partir do século XVII. Como mencionado anteriormente, são um pouco diferentes dos outros casos metatextuais porque apresentam uma estrutura parcialmente fixa, com um *slot* aberto que pode ter bastante variação, uma vez que é preenchido por uma oração qualquer. Essa construção poderia ser esquematizada como [se (é que) X]. A realização da subparte entre parênteses (é que) constitui as construções mais recorrentes dentre aquelas que expressam ressalvas. Os casos mais antigos encontrados já apresentam esses padrões, como se vê:

- 233) Ainda que amontões em casa todas as riquezas do mundo, não virás a possuir mais que estes poucos palmos de terra que sinalei, **se é que os chegares a possuir**. (1618/CdP)
- 234) [...] e o que mais é, é necessário mil vezes para agradar a uns, e viver com eles, fazer mal a outros, e persegui-los; que é, a meu ver, o maior defeito, que podem ter os homens, **se é que se pode chamar defeito a um vício que não vem a acabar em fazer mal a outrem**. (1744/CdP)
- 235) A cabeça de Justiniano Vilela, - **se se pode chamar cabeça a uma jaca metida numa gravata de cinco voltas**, - era um exemplo da prodigalidade da natureza quando quer fazer cabeças grandes. (1873/CdP)

O fato de que essas construções são realizadas de acordo com o enunciado em que ocorrem justifica a ausência de outros traços formais que possam ser sistematizados em sua estrutura interna. Nesse sentido, se assemelham a outras CCIs que mantêm relações semântico-pragmáticas com o contexto de ocorrência. No entanto, traços relacionados ao contexto parecem ter sido incorporados à construção como um todo, uma vez que ocorrem posicionadas quase sempre da mesma maneira no enunciado e apresentam o mesmo significado, de ressalva.

Foram encontrados alguns casos dessas construções ocorrendo em contexto dialógico, como uma resposta, e também em posição anteposta à construção sobre a qual estabelecem o escopo, como os casos em (167) e (170) apresentados no capítulo anterior. Esses traços contextuais, em particular, podem ser considerados como evidências de que essas construções estão se tornando padrões identificáveis na língua, mais convencionalizados.

As construções de modalização epistêmica e de ressalva não apresentam muitos casos que evidenciam todos os micropassos do processo de mudança pelos quais passaram as construções de polidez. No entanto, o fato de terem sido encontradas quase sempre com a mesma forma e, em essência, o mesmo significado sugere que outros traços formais são evidências de seu processo de especialização, como o próprio contexto de ocorrência, após passar por uma mudança e ser reinterpretado como parte da construção.

Como foi apresentado no capítulo três, os processos de mudança na língua podem se dar de duas formas distintas: por meio de mudanças construcionais, que afetam apenas um dos componentes da construção, como a forma ou a função, e pela construcionalização, após uma série de micropassos de mudança que afetam ambos os componentes, resultando em um novo pareamento de forma e significado. O que desencadeia esses processos de mudança são novas interpretações sobre construções já existentes na língua, as neoanálises.

A neoanálise ocorre na situação interacional, quando um falante se utiliza de uma construção que é interpretada de uma forma diferente pelo ouvinte. Conforme o ouvinte emprega essa construção com esse novo significado, a construção tem chances de ser reproduzida e convencionalizada pela comunidade falante. Essa correspondência entre a forma e o novo significado é realizada por meio de *pensamentos analógicos*, que resultam no recrutamento de uma construção para uma nova categoria ou padrão esquemático.

Os dados diacrônicos aqui expostos revelam que os contextos de uso das CCIs foram expandidos para contextos mais gerais, o que permitiu que a construção condicional tivesse novas interpretações – polidez, modalização epistêmica e ressalva. Esses traços contextuais contribuíram para a incorporação dos novos significados às formas. Por exemplo, no caso das construções de modalização epistêmica, a reinterpretação do uso do verbo *enganar* em seu sentido pleno como verbo reflexivo nas construções condicionais explicaria a origem da construção mais atual [se não me engano] e outras construções semelhantes, como [se não estou enganado]. A nova interpretação da construção passa por convencionalização e é então construcionalizada, com forma e significado independentes. Por meio da analogização, o

fenômeno também ocorre com outras construções correlatas, que passam a fazer parte do mesmo grupo construcional.

Um traço que se pode observar em todos esses casos de construção metatextual é que esse processo de convencionalização leva ao apagamento da condicionalidade original da construção. Primeiro, pela ausência de uma oração principal aparente com a qual se estabeleceria uma relação causal pelo esquema proposicional *se p, q*. Segundo, porque há uma sobreposição de valores no uso da construção condicional, que são codificados pragmaticamente. O significado condicional, que antes operava sobre o nível da proposição, agora opera nas relações interpessoais. Por exemplo, as construções metatextuais de polidez, que deixam de funcionar como pedido de permissão ao interlocutor e passam a funcionar apenas como mecanismo interpessoal frente a atos ameaçadores da face.

Aparentemente, conforme as condicionais avançam numa trajetória de insubordinação, além de se tornarem cada vez mais desintegradas do ponto de vista sintático, com mobilidade no enunciado com o qual co-ocorrem, tornam-se também independentes do ponto de vista semântico-pragmático, atingindo um estágio em que não se tem leitura condicional no uso da construção. Assim, postula-se que a trajetória de insubordinação das construções condicionais aponta para o apagamento da condicionalidade e se dá da seguinte maneira:

Quadro 3 - Trajetória de insubordinação em construções condicionais

Construção condicional hipotética >	Construção condicional com função pragmática variada >	Construção formulaica (metatextual)
----------------------------------------	-----------------------------------------------------------	-------------------------------------

Fonte: Elaboração própria.

Os usos insubordinados de construções condicionais, sejam eles motivados por elipses ou outras neoanálises, têm origem em orações condicionais canônicas em que, inicialmente, há a expressão de hipoteticidade. Após serem reinterpretadas, as construções passam a codificar outros valores que são determinados pragmaticamente. Esses valores, conforme são convencionalizados, podem atingir o estágio de construcionalização, em que se têm as construções formulaicas que desempenham apenas funções relacionadas à organização discursiva e não mais à expressão de condicionalidade inicial da construção.

Como se verá adiante, as construções metatextuais são um dos tipos mais recorrentes dentre todos os demais descritos no subcapítulo 5.1. O grau de convencionalização dessas construções e sua frequência de uso permitem postular que são construções altamente rotinizadas no conhecimento do falante. Segundo Cunha Lacerda e Furtado da Cunha (2017), a frequência *token* fornece evidências de que “as inovações que emergem no fluxo da interação, de fato, estão se padronizando/regularizando na língua como construções formalmente identificáveis.” (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, p. 19, 2017). Na próxima parte, apresentam-se dados quantitativos das condicionais insubordinadas, para discutir a produtividade dos diferentes tipos funcionais ao longo do tempo.

5.3. Tendências de uso das condicionais insubordinadas ao longo do tempo

Nesta parte, apresenta-se uma análise quantitativa dos diferentes tipos de CCI, a fim de discutir as tendências de uso dessas construções a partir da noção de produtividade da abordagem construcional, no recorte do século XV ao XX.

Como mencionado no terceiro capítulo, a noção de produtividade na Gramática de Construções é bastante relevante no que diz respeito à constituição das construções. É uma das propriedades analisáveis das construções da língua. Se tratando de uma noção que não é unívoca, é preciso retomar a noção de produtividade adotada nesta análise.

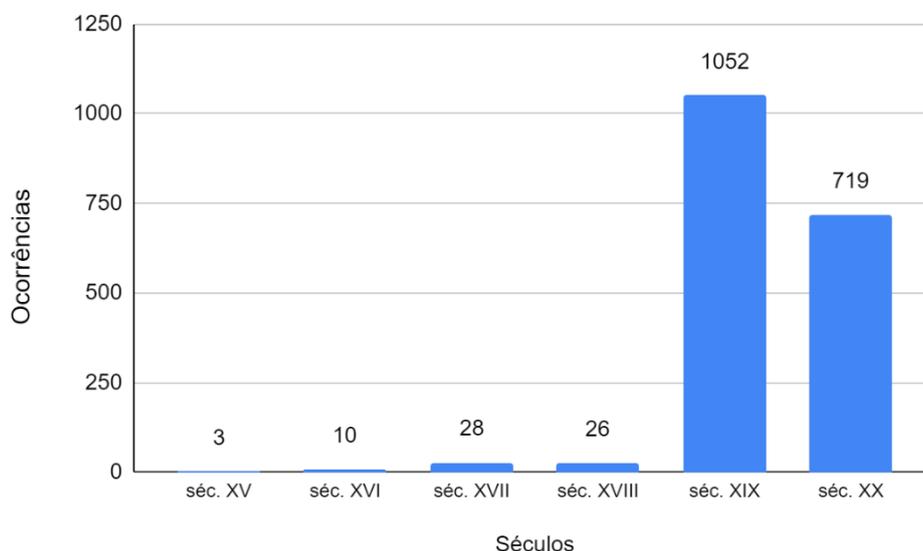
Por produtividade, entende-se **extensibilidade** e **regularidade** (BARÐDAL, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Quando se pensa em categorias mais abstratas, isto é, em construções esquemáticas, a extensibilidade se refere aos diferentes tipos de construção que podem ser agrupados sob uma mesma construção genérica. Neste trabalho, isso significa observar quantos subtipos de CCI foram atestados no *corpus*. Esses subtipos correspondem às categorias propostas na classificação funcional (subcapítulo 5.1), que configuram subesquemas na rede construcional dessas construções. Já a regularidade, se refere à frequência de uso de uma mesma microconstrução. Neste caso, quantas ocorrências de um mesmo tipo de condicional insubordinada foram atestadas no *corpus*.

Para analisar a produtividade enquanto regularidade, foi preciso estabelecer a amostra de dados a ser utilizada. No capítulo metodológico, afirmou-se que, por conta de uma incompatibilidade entre os *corpora* utilizados, em relação à distribuição dos acervos por século ser baseada em critérios distintos, optou-se por considerar apenas a amostra obtida no CdP para

essa análise, também em função de sua abrangência em número de resultados. Nesse sentido, foram considerados os 1.838 dados obtidos na amostra coletada do CdP.

Os 1.838 dados de CCIs se distribuem diacronicamente da seguinte forma:

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências de CCIs encontradas no CdP por século

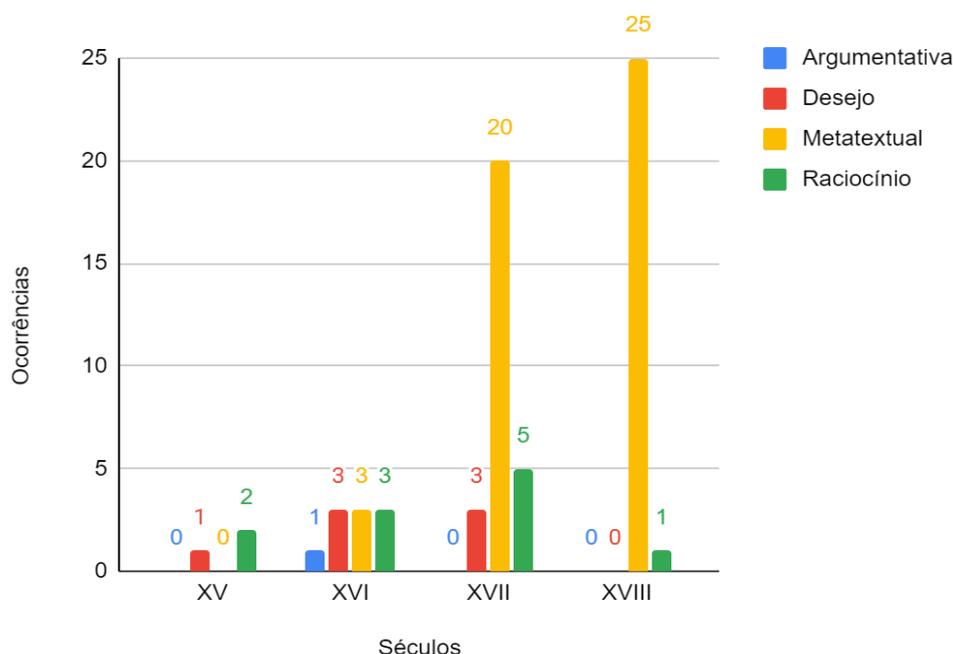


Fonte: Elaboração própria

A porção no gráfico referente às ocorrências encontradas no século XV é quase imperceptível em comparação aos demais períodos. Isso porque, no século XV, foram encontradas apenas 3 ocorrências de CCI no *corpus*. Como se pode observar, o número de ocorrências encontradas aumenta conforme os séculos avançam. O aumento mais significativo, no entanto, ocorre na passagem do século XVIII para o século XIX, de 26 para 1.052 casos de CCI. Na passagem do século XIX para o XX, há uma pequena queda no número de ocorrências encontradas.

Embora o conjunto de textos referentes ao período entre os séculos XV e XVIII totalize 15 milhões de palavras, apenas 67 ocorrências de CCI foram encontradas. A distribuição dos tipos funcionais atestados nesse período, em particular, se dá da seguinte forma:

Gráfico 2 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no recorte do século XV ao século XVIII

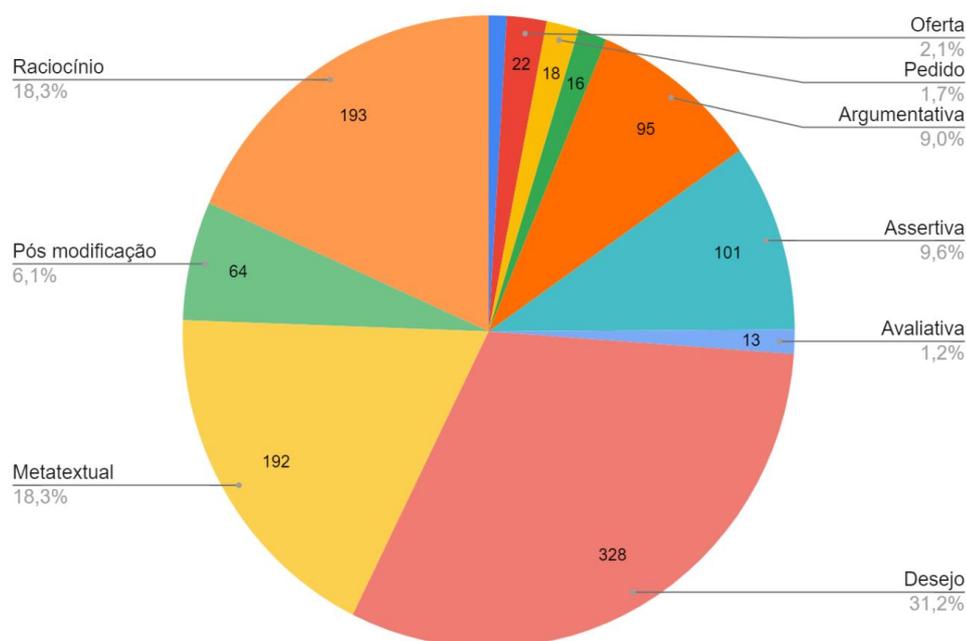


Fonte: Elaboração própria

No século XV, ocorrem apenas 3 construções, sendo 2 de raciocínio e 1 de desejo (que pertence à categoria deôntica da classificação proposta). No século seguinte, ocorrem 10 construções: 3 de raciocínio, 3 metatextuais, 3 de desejo e apenas 1 argumentativa. Já no século XVII, o número de ocorrências de algumas categorias segue aumentando, como é o caso das metatextuais. São 20 construções metatextuais, 5 construções de raciocínio e 3 de desejo. Por outro lado, não foram encontradas construções argumentativas nesse século. No século seguinte, o uso das construções metatextuais continua aumentando, com 25 ocorrências desse tipo, enquanto as demais categorias apresentam uma queda, ocorrendo apenas 1 construção de raciocínio.

No século XIX, há um salto no número de ocorrências encontradas no *corpus*, totalizando 1.052 *tokens*. O conjunto de textos referentes ao século XIX soma cerca de 10 milhões de palavras, mas o número de ocorrências encontradas neste século é aproximadamente 16 vezes maior que a soma dos quatro séculos anteriores. No gráfico seguinte, tem-se a distribuição dessas ocorrências de acordo com a sua classificação funcional:

Gráfico 3 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no século XIX



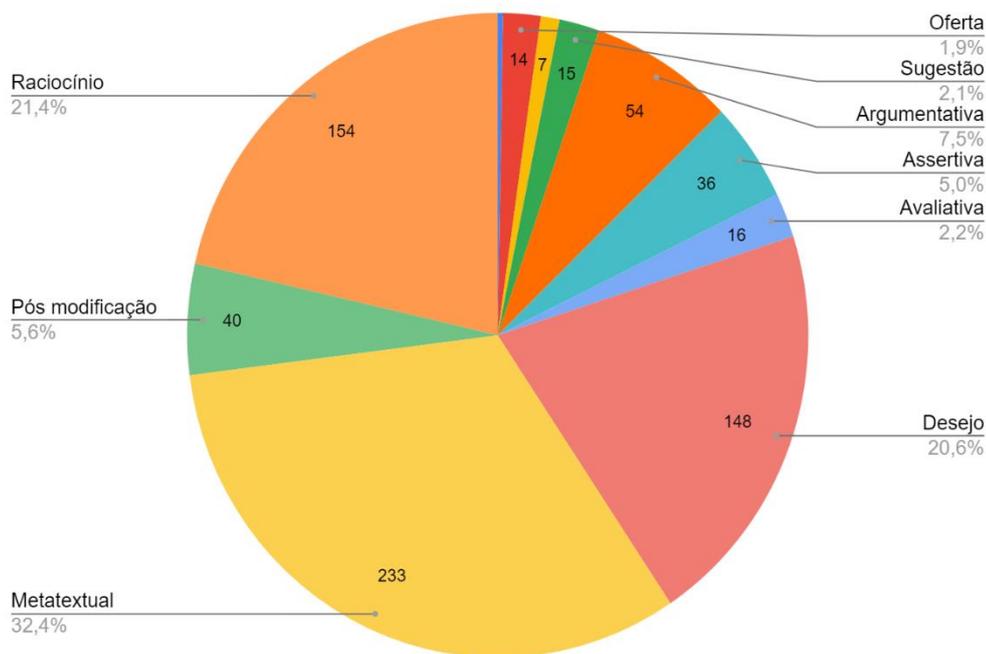
Fonte: Elaboração própria

São, ao todo, 394 ocorrências de construções deônticas, divididas entre 328 de desejo, 22 de ofertas, 10 de ameaças, 16 de sugestões e 18 de pedidos⁴⁰; 193 do tipo de raciocínio, 192 metatextuais, 101 assertivas, 95 argumentativas, 64 pós-modificadoras e apenas 13 avaliativas.

Esperava-se que, com o avanço dos séculos, o aumento da quantidade de materiais escritos disponíveis no *corpus* proporcionasse um aumento no número de resultados. No entanto, os dados demonstram que, para o CdP, não é este o caso. O acervo referente ao século XIX totaliza 10 milhões de palavras. No século XX, há o dobro do número de palavras, mas o número de ocorrências encontradas é menor que o esperado, em comparação ao século anterior:

⁴⁰ Nesta análise, as subcategorias do tipo deôntico estão sendo tratadas separadamente para ressaltar que, embora haja uma tendência de uso das construções deônticas de modo geral no português, as construções de desejo têm um uso muito mais expressivo em relação aos outros quatro valores que integram a categoria.

Gráfico 4 - Distribuição dos tipos funcionais de CCI encontrados no século XX



Fonte: Elaboração própria

Apesar de ter o dobro do número de palavras que o século anterior, a coleção de textos referente ao século XX provê apenas 719 ocorrências de CCI. Essas ocorrências são divididas em 233 do tipo metatextual, 154 de raciocínio, 148 de desejo, 54 argumentativas, 40 de pós-modificação, 36 assertivas, 16 avaliativas, 15 de sugestão, 14 de oferta, 7 de pedido e 2 de ameaça.

A partir do século XX, o acervo do *corpus* passa a ser relativamente balanceado por gênero textual, com objetivo de comparar os gêneros entre Portugal e Brasil. Nesse período, têm-se 10 milhões de palavras de cada país, distribuídos entre textos de ficção, acadêmicos, jornalísticos e de transcrição de fala. Embora não haja, de fato, um balanceamento do número de palavras por gênero textual no século XIX, nota-se que os textos que compõem a coleção desse período são majoritariamente textos de ficção.

No século XX, a parcela referente aos textos ficcionais totaliza 6 milhões de palavras, isto é, o equivalente a 60% do número de palavras do século XIX. Proporcionalmente, o número de ocorrências encontradas no século XX corresponde a aproximadamente 68% do número de

ocorrências encontradas no século anterior. Esses dados sugerem que o aparecimento das CCIs no *corpus* pode estar condicionado a certos gêneros textuais, como é o caso dos textos de ficção.

O que também permite traçar esse paralelo de forma mais direta são os números de resultados de certos tipos de construção condicional que caem ou sobem conforme o século avança. É esse o caso das condicionais de raciocínio e de desejo, em que a soma do número de ocorrências desses tipos cai de 521 para 302 na passagem do século XIX para o século XX. É possível considerar que os gêneros ficcionais propiciam o aparecimento dessas condicionais insubordinadas, em particular, já que esses tipos ocorriam com maior frequência no período em que esses textos representavam a maior parcela do acervo. No mesmo período, as construções metatextuais passam de 192 casos para 233. Este aumento do número de ocorrências pode estar ligado à quantidade de textos classificados como jornalísticos no *corpus* na coleção do século XX, que abrange reportagens, colunas e entrevistas.

Outros tipos funcionais também demonstram uma queda em sua porcentagem de uso na passagem do século XIX para o XX, como é o caso das construções assertivas, que vão de 101 casos para 36, das construções argumentativas, que vão de 95 casos para 54, das pós-modificadoras, que vão de 64 para 40 e dos demais tipos de construção deôntica, que já não representavam, de fato, uma parcela muito maior da amostra de dados no século XIX. O uso desses tipos de CCI também parece estar condicionado aos gêneros ficcionais, já que o número de ocorrências de cada tipo também diminui com a reestruturação do acervo do *corpus* no último século.

O que a análise quantitativa permite observar é que, apesar da coleção de textos do século XX ser mais diversificada que a do século XIX e isso resulte, de certa forma, em uma diferença no número de dados de cada tipo funcional obtido, as construções de desejo, de raciocínio e as metatextuais seguem sendo os tipos de CCI mais frequentes no *corpus*, desde os primeiros séculos em que foram atestadas. As construções deônticas de desejo e as de raciocínio constituem 45,7% dos casos que compõem a amostra. Já as metatextuais, 25,7% dos casos.

Alinhando esses resultados à teoria construcional, o que se pode concluir é que as CCIs são bastante produtivas no português, tanto em termos de extensibilidade, quanto de regularidade. Ao menos nesta amostra de dados, identificam-se sete categorias funcionais distintas, as quais ainda abarcam outros subtipos de condicional insubordinada, como as assertivas, que agrupam construções refutativas e não refutativas, as metatextuais, com construções de modalização epistêmica, polidez e ressalva, e as deônticas, com desejos, pedidos, ameaças, ofertas e sugestões.

Em termos de regularidade, conclui-se que, dentre as sete categorias funcionais identificadas, aquelas de maior destaque, isto é, que são mais frequentes, e por consequência produtivas, são as construções deônticas, particularmente as que expressam desejo, as construções de raciocínio e as construções metatextuais, de modo geral. As construções de desejo e as de raciocínio compartilham da capacidade de projeção de cenários hipotéticos decorrentes da realização de um estado de coisas potencial. As construções metatextuais atuam na organização discursiva, como mecanismos de polidez e de ressalva, em forma de comentários de cunho metalinguístico, de modalização epistêmica etc.

Como mencionado ao final do subcapítulo 5.2, o aumento da frequência de ocorrência permite visualizar quais construções estão se regularizando na língua como padrões formalmente identificáveis. Padrões altamente rotinizados, como as construções metatextuais, podem ser mapeados em termos de combinação de forma e função em esquemas construcionais mais abstratos. É sobre essa premissa, em particular, que se desenvolveu a proposta de rede construcional que será apresentada a seguir.

5.4. Proposta de rede construcional

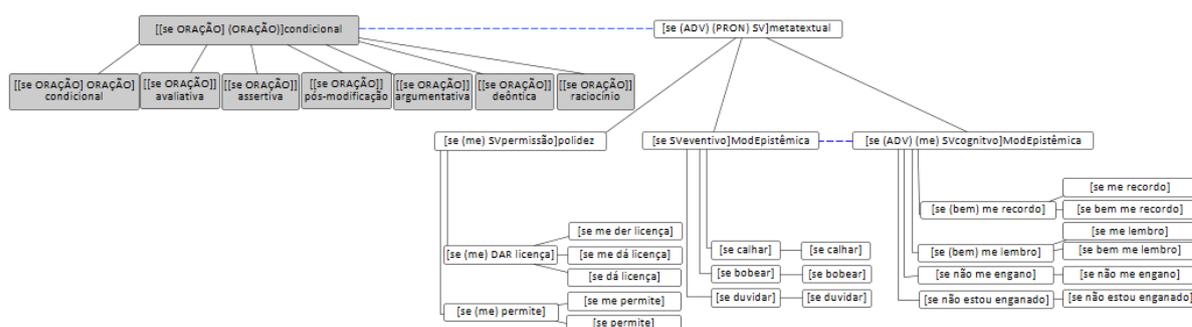
A noção de rede construcional, como já descrito em capítulos anteriores, refere-se à organização da língua de acordo com os pressupostos teóricos da Gramática de Construções. Nessa abordagem, a língua é organizada no conhecimento do falante tal qual outros sistemas cognitivos. Trata-se de uma rede interconectada de diferentes construções (= pareamentos de forma e significado semântico, discursivo ou pragmático), que se relacionam de acordo com uma hierarquia taxonômica. Sendo uma organização taxonômica, as construções respeitam diferentes níveis de abstração, ou generalização. As construções mais específicas derivam de construções mais genéricas, das quais herdam traços associados à forma e à função.

As condicionais insubordinadas em análise apresentam padrões de forma muito variáveis, isto é, com diferentes níveis de composicionalidade. Tal variação é captada pelos padrões de busca testados nos dados no CdP, que abrangem as combinações de 0 a 6 elementos de qualquer classe gramatical (com exceção dos verbos) entre a conjunção e o verbo, os únicos elementos fixos da construção. Nesse sentido, os diferentes graus de composicionalidade das construções não permitem que elas sejam agrupadas sob uma mesma construção-fonte, porque casos mais construcionalizados deixam de apresentar o significado condicional inicial, compartilhado entre os demais tipos de CCI.

Em outras palavras, as construções metatextuais, que deixam de codificar condicionalidade ao longo do tempo, não poderiam ser agrupadas sob uma mesma construção esquemática que os demais tipos de condicionais insubordinadas. Isso ocorre porque os demais tipos de CCI são menos convencionalizados e ainda expressam a condicionalidade, ainda que seja possível depreender outros valores codificados no uso. Na verdade, as CCIs menos convencionalizadas, em função da similaridade na forma e no significado, fazem parte de outra rede, da qual também pertencem as construções subordinadas.

Nos subcapítulos anteriores, concluiu-se que construções metatextuais têm se tornado um padrão construcional formalmente identificável, o qual constitui uma categoria por si só, associando uma forma mais esquemática a uma função especializada, a de organização do discurso. As construções mais convencionalizadas, que permitem generalizar essa combinação de forma e significado, são as CCIs metatextuais de modalização epistêmica e de polidez. Desse modo, propõe-se a seguinte organização dos diferentes tipos de CCI:

Figura 4 - Representação das CCIs em rede

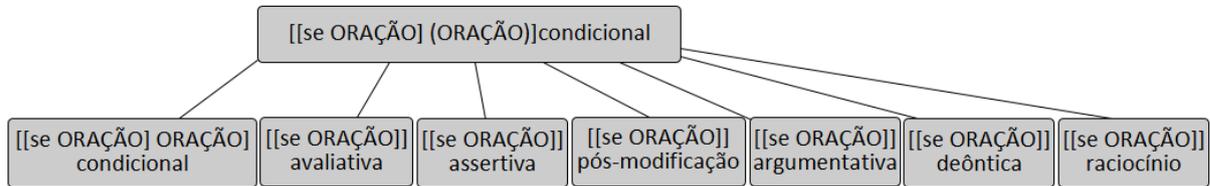


Fonte: Elaboração própria

Nessa forma de representação, têm-se duas redes que se conectam por um *link* horizontal, que se refere às propriedades compartilhadas em forma ou função de cada nível esquemático.

A rede posicionada no lado esquerdo, em cinza, representa a organização de todos os padrões construcionais que derivam da construção genérica **[[se ORAÇÃO] (ORAÇÃO)]CONDICIONAL**:

Figura 5 - Rede construcional das construções condicionais subordinadas e insubordinadas



Fonte: Elaboração própria

Nesse esquema geral, há duas possibilidades de padrão construcional em evidência: i. o primeiro, apenas com uma oração iniciada pela conjunção *se*, que não se relaciona com qualquer outra oração, e ii. essa primeira oração, iniciada pela conjunção *se*, se relacionando com uma segunda oração. Essa segunda oração, que não constitui um *slot* fixo da construção genérica, quando ocorre na construção derivada, desempenha função de oração principal frente à uma oração subordinada condicional. Sendo assim, é um esquema geral do qual derivam construções insubordinadas e subordinadas com valor condicional.

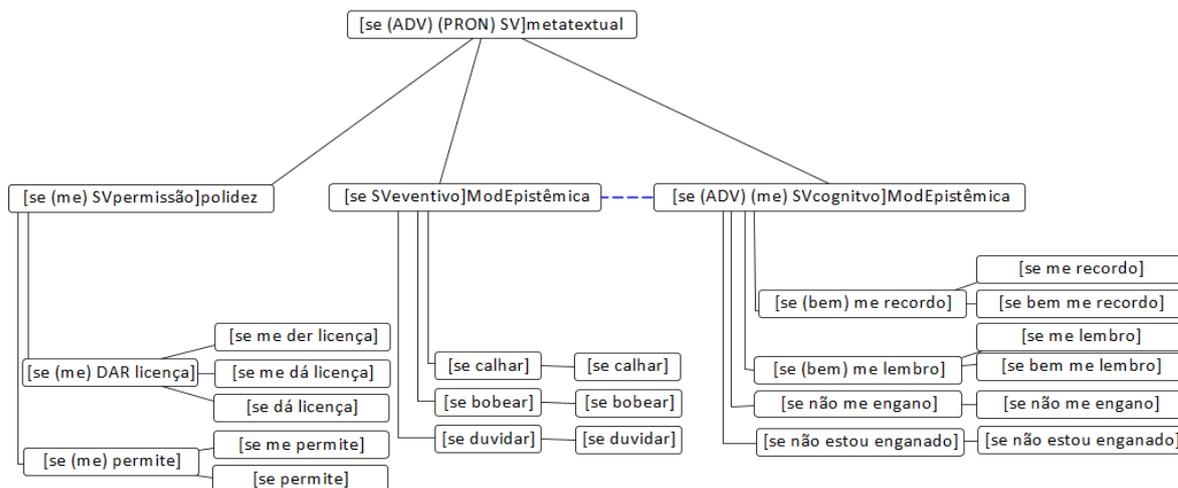
No nível do subesquema, têm-se os diferentes padrões construcionais que se referem às construções subordinadas e insubordinadas. No caso das insubordinadas, as categorias funcionais discutidas nos capítulos anteriores tornam-se as funções derivadas do significado fonte. Apenas as construções subordinadas seguem com o significado condicional hipotético original.

Diante da premissa de que, conforme as construções insubordinadas de estágios menos convencionalizados avançam numa trajetória de insubordinação, as construções também avançam num *continuum* de perda de condicionalidade, propõe-se a segunda rede, específica das construções metatextuais, localizada ao lado direito da rede em cinza, de construções com valor condicional.

Nessa outra rede, chega-se à generalização das construções metatextuais a partir do padrão [se (ADV) (PRON) SV]_{METATEXTUAL}, em que os *slots* de advérbio e pronome podem ou

não ser preenchidos no nível do subesquema, sendo fixos apenas aqueles referentes à conjunção e ao sintagma verbal, como se pode observar:

Figura 6 - Rede construcional das CCI's metatextuais



Fonte: Elaboração própria.

No nível do subesquema, essas construções se subdividem entre aquelas que expressam polidez e as que funcionam como modalizadores epistêmicos. Os padrões de forma podem ou não apresentar os *slots* de advérbio e pronome. O *slot* do sintagma verbal expressa predicados de cognição, de permissão e eventivos, via verbos plenos que carregam esses significados ou elementos nominais acompanhados de verbos suporte, como é o caso da construção [se me DAR licença].

A organização proposta na figura 6 reflete as microconstruções e suas instâncias de uso atestadas no *corpus*. Como se confirma na análise da produtividade, as construções metatextuais, de fato, configuram padrões mais abstratos que são rotinizados no conhecimento do falante e conseqüentemente no uso, fato evidenciado pela frequência *token* no *corpus*. Isso permite pensar na organização interna da rede a partir de uma construção genérica, sob a qual os diferentes tipos se agrupam. A ideia é que, conforme as construções das outras categorias funcionais tornam-se mais independentes, também podem passar a pertencer à rede de construções metatextuais, à medida que se distanciam do significado fonte das construções

condicionais e apresentam padrões de forma também mais especificados e facilmente identificáveis.

Com isso, chega-se a uma descrição bastante abrangente das CCIs no português, fornecendo possíveis explicações quanto à origem e à correspondência entre a forma e o significado dessas construções. As considerações finais sobre os resultados deste trabalho são apresentadas na sequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados neste trabalho preenchem uma lacuna nos estudos sobre a insubordinação, a partir de um tratamento exaustivo de casos de CCIs no português. Até o momento, os trabalhos descritivos dessas construções eram principalmente qualitativos, sincrônicos e baseados apenas em aspectos formais e funcionais. Não se encontravam trabalhos de cunho quantitativo e nem baseados em uma abordagem construcional centrada na noção de rede. Nesse sentido, as análises empreendidas neste trabalho apresentam uma perspectiva inédita de tratamento do fenômeno, que pode contribuir não só para a discussão desse tipo de construção particular, como também sobre orações complexas em geral, a partir de um ponto de vista mais dinâmico adotado sobre a língua.

Os pontos abordados no primeiro capítulo da dissertação são questões centrais que continuam em discussão na literatura sobre insubordinação, como a emergência e o desenvolvimento diacrônico das construções insubordinadas, a relação entre forma e significado e possíveis formas de representação dessas construções. Essas questões, em especial, nortearam o desenvolvimento do presente trabalho.

Neste trabalho, a partir de uma extensa amostra de dados, foi possível verificar que as condicionais insubordinadas no português expressam uma gama de valores no uso, que podem ser agrupados em sete categorias funcionais mais amplas: deôntica, avaliativa, assertiva, argumentativa, raciocínio, pós-modificação e metatextual.

A análise de dados diacrônicos, no período do século XV ao XX, permite observar que há, de fato, uma trajetória de insubordinação, por meio da qual as construções se especializam com forma e função independentes. No caso das construções condicionais, essa trajetória aponta para a perda da condicionalidade, de modo que as construções, com o passar do tempo, desempenham funções relacionadas à organização do discurso. Os dados sugerem também que as condicionais insubordinadas podem emergir tanto por meio da elipse em orações principais, corroborando a hipótese de Evans (2007), quanto por meio de processos como neoanálise e analogização, em casos de construções altamente convencionalizadas que, no entanto, parecem não ter estágios menos avançados de especialização na diacronia.

A análise quantitativa das CCIs permite observar as tendências de uso desse tipo de construção nas diferentes sincronias, do século XV ao século XX. Observou-se que no português essas construções são utilizadas principalmente para projetar cenários hipotéticos, avaliados em desejabilidade ou não, como expressam as condicionais deônticas de desejo e as de raciocínio, e para organizar o discurso, por meio das construções metatextuais.

As limitações de agrupamento e representação dos diferentes tipos de condicional insubordinada em uma mesma estrutura de rede permite observar que se trata de uma categoria bastante plural e complexa, em termos de sistematização das relações de forma e função. Ainda assim, propõe-se um agrupamento que permite captar os padrões mais genéricos dos quais pertencem os diferentes tipos atestados nos *corpora*.

O fato de que essas construções são atestadas já no século XV com funções especializadas sugere que sua circulação pode ser muito anterior ao que de fato os registros escritos alcançam. A frequência com que ocorrem no *corpus* também ressalta a necessidade de estudos sobre usos não canônicos em geral, já que se mostram tão produtivos nas línguas e recebem um tratamento marginal nas gramáticas tradicionais e outros trabalhos descritivos.

Como apontamentos para trabalhos futuros, sugere-se a investigação quali-quantitativa dos usos das condicionais insubordinadas com *se* na sincronia do século XXI, considerando também outros tipos de *corpora*, como páginas de internet, redes sociais etc., para observar mudanças nas tendências de uso e identificar outros possíveis padrões construcionais. Além disso, observar relações que podem se estabelecer entre tipos de condicional insubordinada e gêneros textuais, já que se mostrou na presente análise que certos gêneros propiciam o aparecimento de certos tipos de CCI. Quanto ao desenvolvimento diacrônico dessas construções, que ainda é pouco explorado, sugere-se a investigação de outros *corpora*, na tentativa de preencher lacunas remanescentes a respeito da trajetória de insubordinação.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. P., HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas adversativas no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n.2, p. 504–522, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i2.2986>. Acesso em: 15 out. 2022.

BARÐDAL, J. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019.

BRINTON, L. The extremes of insubordination: Exclamatory as if! *Journal of English Linguistics*, [s. l.] v. 42, n. 2, p. 93–113, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0075424214521425>. Acesso em: 15 out. 2022.

BUSCHA, A. Isolierte Nebensätze im dialogischen Text. *Deutsch als Fremdsprache*, [s. l.], p. 274-279, 1976. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00290903. Acesso em: 15 out. 2022.

BYBEE, J. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COIMBRA, E. C. *Construções semi-insubordinadas no português brasileiro: uma análise sincrônica*. 2019. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

COIMBRA, E. C. “Natural que seja assim”: uma proposta de rede construcional das construções semi-insubordinadas do português brasileiro. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

CORADINI, M. C. *As construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português sob uma perspectiva diacrônica*. 2019. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CORADINI, M. C., HIRATA-VALE, F. B. M. Os estágios de insubordinação em construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português: evidências históricas. *Working*

papers em Linguística, Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 318-345, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e75334>. Acesso em: 15 out. 2022.

CROFT, W. *Explaining Language Change: An Evolutionary Approach*. Londres: Longman, 2000.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

D'HERTEFELT, S. *Insubordination in Germanic: A typology of complement and conditional constructions*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística), Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2015. Disponível em: <https://kuleuven.limo.libis.be/discovery/fulldisplay?docid=lirias1820785&context>. Acesso em: 15 out. 2022.

D'HERTEFELT, S.; VERSTRAETE, J. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 60, p. 89-102, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.11.002>. Acesso em: 15 out. 2022.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. Corpus do português: 45 million words, 1300s-1900s, 2006. Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 15 out. 2022.

DEBAISIEUX, J.; MARTIN, P.; DEULOFEU, H. Apparent insubordination as discourse patterns in French. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Orgs.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 349-383.

DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Org.) *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

EVANS, N., WATANABE, H. *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. Corpus histórico do português Tycho Brahe, 2017. Disponível em <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>. Acesso em: 15 out. 2022.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure (Cognitive theory of language and culture)*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, [s. l.], v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(03\)00080-9](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(03)00080-9). Acesso em: 15 out. 2022.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRAS, P. *Gramática de construcciones en interacción. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español*. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2445/35049>. Acesso em: 15 out. 2022.

GRAS, P. Revisiting the functional typology of insubordination. Insubordinate que-constructions in Spanish. In: EVANS, N., WATANABE, H. *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 113-144.

HEINE, B., KALTENBÖCK, G., KUTEVA, T. On the origin of Grammar. In: LEFEBVRE, C., COMRIE, B., COHEN, H. *New Perspectives on the Origins of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 379-406.

HEINE, B., KALTENBÖCK, G., KUTEVA, T. On insubordination and cooptation. In: EVANS, N., WATANABE, H., *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins. 2016. p. 39-64.

HILPERT, M. *Construction Grammar and Its Application to English*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1999. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/190787>. Acesso em: 15 out. 2022.

HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v46i1.1655>. Acesso em: 15 out. 2022.

HIRATA-VALE, F. B. M. Construções completivas insubordinadas subjetivas-modais no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 297-311, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v49i1.2675>. Acesso em: 15 out. 2022.

HIRATA-VALE, F. B. M.; OLIVEIRA, T. P.; SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *Odisseia*, [s. l.], v. 2, p. 25-41, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2017v2n0ID12988>. Acesso em: 15 out. 2022.

HOFFMANN, T., TROUSDALE, *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KALTENBÖCK, G. On the grammatical status of insubordinate if-clauses. In: KALTENBÖCK, G.; KEIZER, E.; LOHMANN, A. (Orgs.): *Outside the clause: form and function of extra-clausal constituents*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 341-377.

KALTENBÖCK, G.; HEINE, B.; KUTEVA, T. On thetical grammar. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 35, n. 4, p. 848–893, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/sl.35.4.03kal>. Acesso em: 15 out. 2022.

KAWACHI, K. Insubordinated conditionals in Kupsapiny (Kupsapiiny, Kupsabiny). *Asian and African Languages and Linguistics*, Tóquio, n. 9, p. 65–104, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10108/80346>. Acesso em: 15 out. 2022.

LANGACKER, R. W. A Usage-Based Model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.) *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 127–63.

LINDSTRÖM, J.; LAURY, R.; LINDHOLM, C. Insubordination and the contextually sensitive emergence of if-requests in Swedish and Finnish institutional talk-in-interaction. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Orgs.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 55-79.

LOMBARDI VALLAURI, E. Grammaticalization of syntactic incompleteness: Free conditions in Italian and other languages. *SKY Journal of Linguistics*, [s. l.], v.17, p. 189–215, 2004. Disponível em: <http://www.ling.helsinki.fi/sky/julkaisut/SKY2004/>. Acesso em: 15 out. 2022.

LOMBARDI VALLAURI, E. Free conditionals in discourse: The forming of a construction. *Linguisticae Investigationes*, v. 33, [s. l.], n. 1, p. 50–85, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/li.33.1.04lom>. Acesso em: 15 out. 2022.

LOMBARDI VALLAURI, E. Insubordinated conditionals in spoken and non-spoken Italian. In: EVANS, N.; WATANABE, H. (Orgs.) *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 145-170.

MITHUN, M. The extension of dependency of beyond sentence. *Language*, Washington, v. 84, n. 1, p. 69- 119, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40071012>. Acesso em: 15 out. 2022.

MONTOLÍO, E. ¡Si nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por si con valor replicativo. *Oralia: Análisis del discurso oral*, Almería, n. 2, p. 37-70, 1999. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/ORALIA/article/view/8529>. Acesso em: 15 out. 2022.

NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, v. VII. p. 497-544.

OHORI, T. Remarks on suspended clauses: A contribution to Japanese phraseology. In: SHIBATANI, M., THOMPSON, S. (Orgs.) *Essays on semantics and pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p, 201–218.

OLIVEIRA, T. P. Se não me engano está se gramaticalizando? *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 179-193, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1474>. Acesso em: 15 out. 2022.

PINTO, C. F., ANTONELLI, A. L. O efeito V2 na história do espanhol e do português europeus. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. spec., p. 163-197, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep163-197>. Acesso em: 15 out. 2022.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANSIÑENA, M. S. *The multiple functional load of que. An interactional approach to in subordinate complement clauses in Spanish*. 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

SANSIÑENA, M. S. Patterns of (in)dependence. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Orgs.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 199-239.

SANSIÑENA, M. S., DE SMET, H., CORNILLIE, B. Between subordinate and in subordinate. Paths towards complementizer-initial main clauses. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 77, p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2014.12.004>. Acesso em: 16 out. 2022.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Organização geral Charles Bally e Albert Sechehaye. Prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SCHWENTER, S. A. *Pragmatics of conditional marking: implicature, scalarity and exclusivity*. Nova York: Garland, 1999.

SCHWENTER, S. Independent si-clauses in Spanish: functions and consequences for insubordination. In: EVANS, N.; WATANABE, H. (Orgs.) *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 89-112.

STIRLING, L. Isolated if-clauses in Australian English. In: COLLINS, P., LEE, D. (Orgs.) *The clause in English*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 273–294.

TRAUGOTT, E. C. Insubordination in the light of Uniformitarian Principle. *English Language and Linguistics*, Cambridge, v. 21, n. 2, p. 289-310, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1360674317000144>. Acesso em: 16 out. 2022.

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatic values. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 22, n. 8, p. 226-250, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.08.022>. Acesso em: 16 out. 2022.

WEUSTER, B. Nicht-eingebettete Nebensätze mit Verb-Endstellung. In: OLSZOK, K.; WEUSTER, E. (Orgs.) *Zur Wortstellungsproblematik im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer [Studien zur Deutschen Grammatik], 1983. p. 7–87.

YWORKS. *yEd Graph Editor*, v. 3.21.1, © 2000-2021. Disponível em www.yworks.com. Acesso em: 16 out. 2022.

ZHONGLIN, S. Insubordinate Conditional Clauses Formed by Japanese Conjunction -ba. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation*, Londres, v. 4, p. 35–49, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.32996/ijllt.2021.4.2.6>. Acesso em: 16 out. 2022.